

D A L V A M O R E M



SEMPRE É TEMPO

UMA RECICLAGEM EXISTENCIAL
NA TERCEIRA IDADE

Sempre é Tempo

Uma reciclagem existencial na terceira idade

Dalva Moren

Sempre é Tempo

Uma reciclagem existencial na terceira idade



Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil
Associação Internacional Editares

2015

Copyright © 2015 – Associação Internacional Editares

Histórico Editorial:

<i>Ano</i>	<i>Tiragem</i>
1ª Edição 2009	1.000 exemplares
2ª Edição 2015	1.000 exemplares
TOTAL:	2.000 exemplares

Os direitos autorais desta edição foram cedidos pela autora à Associação Internacional Editares.

As opiniões emitidas neste livro são de responsabilidade da autora e não representam necessariamente o posicionamento da Editares.

Revisão 1ª edição: Áurea Andriolo, Ernani Brito, Gisele Salles, Julieta Mendonça, Marina Thomaz, Nívea Melo e Rosemary Salles.

Revisão 2ª edição: Roberto Otuzi.

Capa: Flavia Vianna.

Diagramação: Epígrafe Editorial.

Ficha Catalográfica

D152s Moren, Dalva
Sempre é tempo : uma reciclagem existencial na terceira idade. / Dalva Moren; [prefácio de Rosemary Salles]. – 2. ed. – Foz do Iguaçu : Editares, 2015.
224 p.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8477-003-8
1. Conscienciologia. 2. Recexologia. 3. Inteligência evolutiva I. Título.
CDD 133

Tatiana Lopes CRB 9/1524



Associação Internacional Editares

Av. Felipe Wandscheer, 5100, sala 107, Jardim São Paulo I,
CEP 85856-530

Foz do Iguaçu, PR, Brasil – Fone / Fax: 55 (45) 2102-1407

Website: www.editares.org – E-mail: editares@editares.org

DEDICATÓRIA

*Às pessoas já cansadas de
serem escravizadas, robotizadas,
obedientes cegos aos preconceitos e diretrizes
da sociedade intrafísica, dedico essa minha vivência.*

*Desejo que possam extrair, das
experiências narradas nesse livro, o melhor
exemplo, a fim de aprenderem com os meus erros
e acertos para não repetirem as mesmas imaturidades.
Enfim, que tenham maior discernimento e lucidez.*

*Sendo a evolução consciencial
o objetivo maior de nossa vinda
a este planeta, devemos priorizá-la.
A aceleração da história pessoal pode ser
promovida por qualquer consciência predisposta
à reciclagens de valores. Sempre é tempo de mudanças.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	13
01. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (1933-1947)	19
02. CASAMENTO: A LIBERDADE OU ACIDENTE DE PERCURSO? (1947-1951)	39
03. VIDA DE CASADA E A SEPARAÇÃO (1951-1954)	51
04. VIDA PROFISSIONAL: ASSÉDIO SEXUAL (1955-1958)	67
05. SOZINHA NA MULTIDÃO (1957-1958)	90
06. AGORA OU NUNCA (1958-1961)	96
07. OBJETIVO DE VIDA: MEU LAR (1961)	113
08. RELIGIÃO E TACON – TAREFA ASSISTENCIAL DA CONSOLAÇÃO (1974-1987)	134
09. RECICLAGEM INTRACONSCIENCIAL (1997)	153
10. UM APRENDIZADO PRÁTICO SOBRE AS RELAÇÕES GRUPOCÁRMICAS (A PARTIR DE 1999)	167
11. A AUTOCURA PROPORCIONANDO A CURA GRUPAL (A PARTIR DE 1999)	171
12. A VIDA CONTINUA (2003)	175
13. AUTOANÁLISE ATRAVÉS DA CONSCIENCILOGIA (2003)	180

14. Maturidade (2005)	185
15. Final de uma existência (2006)	190
16. Relatos Pós Dessoma (2006)	193
17. Conclusão	197
Referências Bibliográficas	201
Glossário	203
Índice Remissivo	210

AGRADECIMENTOS

Desejo agradecer, em primeiro lugar, aos meus pais (*in memoriam*), pela oportunidade a mim concedida de renascer neste plano físico, para cumprir minha programação de vida e resgatar possíveis débitos de vidas passadas, e pela paciência diante de meus erros e imaturidades.

Ao professor Waldo Vieira, por ouvir-me com atenção sobre minhas dificuldades e oferecer cortesia nos cursos do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), possibilitando-me a busca permanente da evolução.

Ao meu marido Carlos Moren Nunes (*in memorian*), por confiar em mim, dando-me a oportunidade de resgatar meus valores e autoestima e pela convivência constante nesta vida.

Ao professor Laênio Loche, convidando-me para “colocar no papel” minhas vivências, proporcionando-me um aprendizado intenso e mudanças existenciais e íntimas.

Agradeço também à voz meiga e carinhosa ao telefone, no dia em que fui em busca do IIPC, e que, posteriormente, reconheci como sendo a voz da colaboradora Nívea Melo.

A todos que me ajudaram, às equipes intra e extrafísica, aos amparadores e professores, dentre outros, Teresa Rosa, Maria Bandeira de Mello, professora Marina Thomaz e todos os colaboradores da área editorial, inclusive a dupla de inversores Ernani Brito e Gisele Salles,

incentivando-me e revisando meus textos com paciência e carinho.

Agradeço também ao jovem colaborador e inversor Nilton de Souza Medeiros que ensinou-me os primeiros passos para trabalhar com essa máquina maravilhosa chamada computador, por meio da qual dei um grande passo em minha cultura.

À amiga psicóloga Silvia Felismino que, mesmo distante, ajudou-me nos momentos de dúvida.

Gostaria também de agradecer à amiga Sheila Shimura (in memoriam), que conheci nos cursos do IIPC, uma das primeiras pessoas a me incentivar a escrever este livro.

À minha filha e neta, pertencentes ao meu grupo-família familiar, por colaborarem para o meu aprendizado e crescimento existencial.

PREFÁCIO

Teoricamente, a terceira idade implica em amadurecimento, experiência e sabedoria. Realisticamente implica em inúmeras histórias interessantes, excêntricas e originais.

Até bem pouco tempo atrás, percorrer a trajetória de setenta anos de idade representava uma vitória, apenas pelo fato de se estar vivo. A longevidade foi aumentando no decorrer da história e, neste novo milênio, as pessoas almejam superar a marca dos cem anos.

Apenas estar vivo aos vinte ou aos setenta anos, não basta. O importante é tirar proveito das experiências e deixar contribuições relevantes para a humanidade, aos moldes deste livro de Dalva Moren, retrato verídico de uma existência proveitosa em termos evolutivos.

O exemplo vivencial da autora deve servir de espelho ao refletir uma mulher que reúne os traços de vitalidade, determinação, entusiasmo e bom humor em sua personalidade.

Dalva nasceu num ambiente cerceador da liberdade, resultado de uma educação machista e autoritária e de preconceitos sociais explícitos gerados pelo conservadorismo das tradições. Deparou-se com dificuldades, tropeços e tendências de seu temperamento impetuoso, superou perdas, moléstias e incompreensões e, com mais de sessenta anos, aprendeu a usar o computador para deixar registradas suas lições de vida, ajudando outras pessoas a não cometerem semelhantes erros e omissões.

Atuando na condição de protagonista de enredo real, Dalva serve como parâmetro para o entendimento

quanto à importância da lucidez e do discernimento desde a juventude.

Esta obra é uma contribuição prática com base na compreensão da realidade atual da autora, analisando sua conduta e ações passadas. Dedicada à terceira idade, serve também de orientação aos jovens. A maturidade é possível de ser antecipada, independente da idade física, as sugestões estão aqui disponíveis para essa aceleração evolutiva individual.

Partindo da análise que extrapola a matéria, a perspectiva multidimensional constitui um diferencial desta obra, repleta de fatos singulares que geram reflexões sobre as oportunidades hoje disponíveis na sociedade em relação à cultura em geral, à tecnologia e à informação.

Este deveria ser um livro de cabeceira daqueles que se encontram insatisfeitos com o saldo de sua existência e dos que se encontram ávidos por informar-se sobre as possíveis consequências da ingenuidade e da escassez de informações.

O título motivador deste livro, *Sempre é Tempo*, representa mensagem significativa de coragem, esperança e tenacidade deixada pela autora. Sempre é tempo de aprender. Sempre é tempo de mudar. Sempre é tempo de recomeçar.

Eis um convite a um relato sincero de uma consciência vitoriosa.

Rosemary Salles
Economista, Empresária e Escritora

INTRODUÇÃO

"A condição do envelhecimento físico ou somático não constitui, necessariamente, uma condição de maturidade consciencial"

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 685).

Ao ser convidada para colocar no papel minhas experiências de vida, não entendi, não tive o discernimento necessário para saber o quanto poderia ajudar outras pessoas ao expor minhas vivências. Embora comentasse com as amigas que minha vida daria um livro, não tinha a pretensão de escrever só por escrever, sem objetivo.

Na época, meu parapsiquismo estava apenas no início do desenvolvimento e eu conhecendo a realidade das ciências Conscienciologia e Projeciologia, que estudam respectivamente a consciência, ou princípio vital, e suas experiências fora do corpo humano. Além disso, precisaria estudar muito para me atualizar, pois só tenho o curso primário (da 1ª à 5ª série do meu tempo – 1946) e, quase sem estudo, interesse e motivação, o desafio seria muito grande.

Deixei passar algum tempo procurando familiarizar-me com a ideia até assistir uma aula onde aprendi sobre a evolução como um *estalar de dedos*: não se pode perder tempo, tudo é muito rápido... já... hoje... agora.

Depois de alguns meses, decidi que começaria a escrever o livro. Surgiria facilidade para realizar a tarefa; compraria um computador.

Arrisquei e coloquei todo o meu esforço, procurando vencer até o próprio preconceito em relação a certas passagens que enfrentei no decorrer desta existência.

A narrativa de minha história não segue uma cronologia rígida, pois há fatos apresentados de modo resumido em um capítulo, que são detalhados nos capítulos subsequentes. Isso para não prejudicar o entendimento quanto às inter-relações desses fatos e seus desdobramentos.

Direciono este livro ao público da terceira idade, pois consegui iniciá-lo quando muitas consciências já não acreditam mais em nada, se entregam ao desânimo, entram em depressão, se julgam inúteis ou fazem automimeses, repetições desnecessárias, sem saber, entregando-se a diversões, passatempos e infantilizações não condizentes com a idade. Até quando essa sociedade intrafísica vai oferecer aos idosos as mesmas atividades estagnadoras que não valorizam os seus potenciais e enfatizam um regresso ao passado?

Nossa sociedade é muito imatura a respeito da evolução consciencial e ainda não sabe lidar com os idosos. Pensa que, infantilizando-os, está contribuindo para felicidade e melhoria da qualidade de vida deles. Ainda não despertou para o crescimento evolutivo, o objetivo principal da vida humana.

Desejo também alertar os jovens, consciências começando a se preparar para enfrentar os compromissos assumidos antes de nascer, sobre os desvios possíveis de serem encontrados na sociedade intrafísica e que pode levá-los a uma grande insatisfação íntima no futuro.

Pensava que fazer uma imersão no passado deixar-me-ia muito insegura, mas o objetivo de alertar as

consciências, ainda não automotivadas, a fazerem uma reciclagem existencial, ou seja, uma mudança de vida, seja por desconhecimento ou falta de objetivo, foi essencial. *Mergulhei de cabeça.*

Pedi ajuda aos amigos e aos amparadores, informei-me e estudei muito para conseguir alcançar essa meta. Apesar de tudo, valeu o fato de hoje poder dar minha contribuição neste livro, que também se propõe a servir de alerta às consciências com desilusões vivenciadas.

Errando-se, aprende-se a encontrar o caminho certo. Pela *Evoluciologia*, tudo é válido para o amadurecimento da pessoa. Nada acontece por acaso, e o erro faz parte da evolução.

Encontrei na Conscienciologia as informações para compreender os *porquês*, que me acompanharam por muito tempo, devido à falta de discernimento e maturidade.

Durante esta minha trajetória terrena, fiz muitas amizades. Muitas não compartilham dos conhecimentos que possuo hoje e poderão não compreender os motivos pelos quais tomei a decisão de fazer uma reciclagem em minha vida, isto é, *virar a mesa*.

Sinto necessidade de acelerar o meu processo de evolução através dos estudos, desenvolver o parapsiquismo, o autoconhecimento, o autoenfrentamento para não mais ser presa fácil de assediadores e desviar de minha programação de vida (*proéxis*).

Certas passagens poderão chocar algumas pessoas que não enfrentaram dificuldades semelhantes às vividas por mim. Talvez pensem na opção de encontrar outros caminhos não tão tortuosos. Afinal, as experiências de

vida são individuais e ninguém neste planeta é ainda perfeito.

Neste livro, procuro mostrar até onde o preconceito das sociedades pode contribuir para o declínio das consciências desinformadas e imaturas, sem conhecimento básico quanto ao fato da *ressoma*, de renascer várias vidas. Preparamos e trazemos de outras dimensões uma programação de vida para colocar em prática em cada existência. Acredito ter-me afastado da minha programação, justamente por falta desse conhecimento.

Com a mudança íntima, ou reciclagem intraconsciente, ainda nesta vida, tive a oportunidade de aprofundar o autoconhecimento e superar minhas fraquezas através do autoenfrentamento voltando assim a retomar a *proélix*.

Sentir o despertar íntimo do que sou, saber de onde vim e para onde vou com minha bagagem de experiência desta existência, saber que sou uma consciência em evolução com muitas vidas à frente, valeu tudo o que passei. Meu passado não foi em vão.

Hoje, tenho certeza, com os conhecimentos adquiridos, utilizaria mais racionalidade, discernimento e o máximo de lucidez permitido ao meu nível evolutivo, e procurar, com determinação e esforço pessoal, solucionar meus problemas sem envolver outras pessoas, como aconteceu no passado.

Quero aprender a evoluir para sair desta vida humana, rumo a outros patamares evolutivos.

Gostaria que os leitores mais críticos observassem esse meu trabalho e analisassem com atenção a forma

com a qual comecei os primeiros capítulos. No decorrer do livro, a escrita se modificou sem perder a energia com que comecei. É meu objetivo preservar a forma mais simples.

As fontes (tamanho da letra) são grandes, visando atender, principalmente, aos leitores da terceira idade. As explicações das palavras mais técnicas, ou neologismos da Conscienciologia, foram incluídas ao final do livro, num Glossário específico.

Aprendi palavras novas melhorando meu vocabulário, ampliando meu dicionário cerebral, pois sentia necessidade de dar o melhor possível de esclarecimento para quem estivesse interessado em acompanhar minha história de vida e aprendizado.

Assim sendo, esclareço ter continuado com a mesma vontade e energia com a qual comecei esse livro, modificando apenas a linguagem que se tornou mais desenvolvida. À medida que assimilei novos conhecimentos, agi de maneira mais amadurecida, refletida na forma de escrever e de expor minhas vivências.

Aprendi a reconhecer minhas imaturidades e a perdoar aos que, de alguma forma, contribuíram para o meu aprendizado, enquanto aprendo a identificar também minhas maturidades. Tenho muito a trabalhar para melhorar os traços negativos ou *trafares* da minha personalidade.

Reconheço faltar diversas vidas humanas até conseguir chegar à condição de consciência mais lúcida, ser desassediada permanente total (*desperta*). Algum dia, em minha evolução, chegarei lá.

01. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (1933-1947)

Porão Consciencial. "O período infantil, até o fim da puberdade, constitui o estágio onde a sua consciência exhibe, ao máximo, o porão de si mesma, o predomínio do departamento de esgotos de seu ego, ainda escravo de ECs não dominadas."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 703).

Nasci no Rio de Janeiro, no mês de maio do ano de 1933, no bairro Estácio de Sá, ao pé do morro de São Carlos. Naquele tempo, o bairro não era tão violento quanto hoje. Fui a primeira filha de um casal quase sem recursos financeiros, embora muito trabalhador.

Meu pai, descendente de italianos, tinha a profissão de sapateiro e minha mãe, descendente de portugueses, era dona de casa e ajudante de meu pai. Eram inseparáveis, *unha e carne* de tanta união, o que um dizia, o outro sacramentava.

Dei muito trabalho e preocupação a eles. Chorava muito, com ou sem motivo. Hoje sei o motivo de chorar tanto, era melancolia e saudade; não sabia de quem, nem de onde. Sentia falta de alguma coisa e não sabia o que estava faltando, sentia-me muito infeliz. Meu apelido era *manteiga derretida*.

Presumo ser essa saudade proveniente do ambiente mais positivo e dos amigos extrafísicos do chamado *período intermissivo*, entre uma vida e outra, para o qual

alguns de nós nos preparamos para realizar a programação existencial, antes de renascer nesta dimensão física.

Assim, fui criada com muita severidade e cuidados, pois era muito magra e tinha a saúde frágil, porém muito esperta e *perguntadeira*, querendo saber de tudo. É a sede de informação acompanhando-me por toda a vida.

Era uma criança inteligente e não falava errado igual à maioria quando começa a falar. Eu sabia corrigi-las.

Não podia correr, pois poderia quebrar as pernas tão finas. Não tomava nada gelado. Nem o picolé, a alegria das crianças, passava por minha porta, pois tinha problemas de garganta.

Acredito serem todos esses cuidados devidos ao fato do parto de minha mãe ter sido complicado. Antigamente morriam muitas mulheres de parto, pois eram realizados em casa e com parteiras. Não existia pré-natal e acompanhamento médico. Demorei a nascer e ambas perdemos as forças. Colocaram lençóis embebidos em água bem quente na barriga dela, para reativar os movimentos do neném, no caso, eu. Depois de muitas horas de tentativas consegui nascer. Eram 22 horas.

Mamãe, papai, tia Maricas e a parteira estavam muito cansados e dormiram um sono de pedra logo depois de meu nascimento. Tia Maricas era madrinha de minha mãe e irmã da vovó.

De madrugada, já descansada e curiosa, mamãe foi me descobrir para ver a sua *obra prima*, e levou um susto ao deparar com minhas roupinhas sujas de sangue. Começou a chorar e gritar chamando a atenção de todos. Vieram correndo e viram o cordão umbilical desamarado, era hemorragia umbilical. Se ela não tivesse essa

curiosidade, e demorasse mais algumas horas, eu não estaria hoje escrevendo essas experiências de vida. Foi um corre-corre para conseguir acalmá-la.

Soube mais tarde que, devido à demora de meu nascimento, minha cabeça ficou comprimida e comprida sendo necessário usar touquinhas bem redondas e apertadas para a cabeça ir voltando ao normal.

Analisando esse fato do meu nascimento, imagino a necessidade de *amarrar meu psicossoma*, ou corpo emocional, ao meu corpo físico para eu ficar aqui nesta dimensão, pois, sabendo das dificuldades da superação dos compromissos assumidos na programação de vida, queria voltar de qualquer jeito para a dimensão extrafísica. Era o começo do trabalho que daria ao meu amparador durante o restante desta existência.

Minha alegria era passar alguns dias na casa da vovó em São Gonçalo, onde podia brincar no quintal, mexer na terra. Havia, no pomar, muitas árvores, e meus bichinhos de estimação eram um caramujo grande, chamado Paulo, que vivia se enterrando na terra fofa das bananeiras, e também uma pintinha chamada Silícia, nome retirado dos remédios homeopáticos usados pelos meus avós; vovó a embrulhava em panos velhos para eu poder brincar com ela sem me sujar.

Lá, me sentia muito feliz e as tias solteiras faziam todas as vontades demonstradas por mim: compravam chocolate e eu me lambuzava toda. Isso era motivo para elas rirem ao verem o contraste do chocolate em minha pele branquinha.

Levavam-me para passear na casa das amigas, onde brincava na calçada com outras crianças e sentia uma tremenda sensação de liberdade.

Era a primeira neta, sobrinha, e o mais importante, a única criança na casa dos meus avós.

Num daqueles dias, na casa da vovó, apareceu uma cigana vidente pedindo para ler a mão das moças. Ela leu a mão de minhas tias e amigas. Era uma risada geral a cada mão lida.

Eu, sempre muito exibida e querendo participar da brincadeira, estiquei a mão para a vidente que, ao ler, ficou parada, olhando para mim espantada ou surpresa, e perguntou às moças: quem é a mãe dessa criança? Minhas tias explicaram que era sobrinha delas e morava no Rio de Janeiro com os pais.

A cigana falou sobre o sofrimento a ser enfrentado nesta vida, diferente de todas as moças presentes. A brincadeira acabou, pois todas ficaram tristes. Apenas soube desse episódio através de comentários de minhas tias quando eu já havia casado e depois separado, aos 20 anos de idade. Na época tinha apenas três anos de idade e não lembrava do fato.

O preconceito da sociedade a ser enfrentado, na época da adultidade, convenceu-me da verdade dita pela vidente, ela se referia às dificuldades morais. Há uma grande distância entre o moral e o físico, pois o moral repercute na consciência.

Meu avô era aposentado e tinha um amigo chamado Osório, dono do armazém aonde ele ia *matar o bicho*, isto é, tomar sua dose de cachacinha, antes do almoço, hábito comum das pessoas do interior, na época. Ele me colocava sentada no balcão e os seus amigos puxavam conversa comigo e davam risadas de minhas respostas. Diziam serem espirituosas.

Ainda hoje sinto muitas saudades dos meus avós. Com certeza foram as pessoas mais sinceras que encontrei nesta vida.

Quando meu pai aparecia na casa da vovó para me levar de volta, eu chorava muito e fazia manha dizendo não gostar da casa dele porque era fedorenta. Era o cheiro da cola de sapateiro e do couro cru usado para consertar sapatos. Desconfio que alguns problemas de saúde ocorreram devido a esses odores fortes demais para uma criança suportar.

Nessa ocasião – tinha uns três anos de idade – mãe ficou grávida de meu irmão e fui vítima da primeira de uma série de chantagens emocionais em minha vida. Essa era uma técnica que meus pais usavam para me fazer obedecer às suas ordens.

Meus pais me contaram uma história dizendo para eu ficar em casa senão o velho Brígido iria levar o meu irmãozinho para a casa dele. O velho Brígido era um senhor aposentado que conversava muito com o meu pai, e eu cismava com ele. Não tive escolha diante do exposto, posicionei-me ao lado do berço desde seu nascimento.

O dever de irmã mais velha me fez compreender ser mais útil ficar em casa tomando conta dele, ao invés de ir para casa de minha avó. Até hoje sou assim, se necessário, deixo de fazer o que gosto em favor do que deve ser feito. Essa atitude era puramente intuitiva, ninguém me obrigava. Penso ser o senso de responsabilidade um traço positivo de minha personalidade ou *trafor*, uma virtude que sempre me acompanhou.

Meus pais tinham uma loja de conserto de sapatos. A loja ficava ao pé de um morro e os moradores eram pessoas pobres. Tinha muita pena das crianças vendo-as passar na frente da loja, sujinhas e famintas. Um dia, estava comendo uma fruta na porta da loja quando passaram umas meninas e me pediram um pedaço. Não me fiz de rogada e, além de dar a fruta, fui até a caixa registradora e apanhei uma porção de moedas e distribuí entre a garotada que, fazendo uma algazarra tremenda, chamou a atenção dos meus pais, pois eles haviam me deixado sozinha na loja. Papai botou todo mundo para correr e levei umas boas chineladas, ficando sem entender o motivo de estar apanhando. Afinal, eu só queria ajudar as crianças, instintivamente. Naquele tempo, os pais não davam muitas explicações às crianças.

Todas às quintas-feiras, os alunos do Colégio Estácio de Sá passavam marchando pela rua. Sentia orgulho ao vê-los e ao ouvir os hinos. Tanto os perturbei, pedindo todos os dias, que meus pais me matricularam no colégio. Comecei minha alfabetização aos cinco anos de idade.

Sentia-me tão grande ao desfilar junto dos amiguinhos do colégio e nem me sentia cansada, tamanha a empolgação. Era uma sensação de liberdade por estar longe da vigilância dos meus pais, e isso me fazia muito bem.

Ao chegar em casa desabava na cama e não queria saber de banho, almoço, irmãozinho e muito menos de escola. Mas, apesar de todo cansaço, era um grande sentimento de patriotismo, difícil de uma criança entender.

Continuei na escola, e o desejo de marchar permanecia. Ficava sempre com o peito cheio de emoção nos

dias de desfilar ao som dos hinos. Sempre gostei de hinos, principalmente o hino da Marinha.

Comecei a compreender esse sentimento quando tive conhecimento do fenômeno da *retrocognição*, ou lembranças de experiências passadas. Suponho que, naquela época, estava relembando algo das existências anteriores, muito escondido em minha memória. Em alguma vida passada, teria sido militar?

Conheci a espiritualidade aos cinco anos de idade quando meus pais ficaram muito doentes. Eles foram tratados, por uma senhora espiritualista, com banhos de ervas, passes e muitos chás. Ficava observando todo o movimento de ir e vir de minhas tias, minha avó e da tia Maricas.

O médico de minha mãe não conseguiu diagnosticar o motivo da febre de 40° Celsius, pois todos os exames davam negativo. Ela apresentava um quadro clínico de uma pessoa no fim da existência.

Mamãe ficou muito mal, precisando ir para a casa da vovó em São Gonçalo, onde foi atendida por outros médiuns, que fizeram *trabalhos de desobsessão*. Após esse tratamento, aos poucos, ela foi ficando melhor de saúde e passou a contar os acontecimentos vividos durante o período no qual esteve *fora de si*.

Ela disse ter visto um homem muito alto e magro com um caixão embaixo do braço e, batendo no mesmo, fazia um barulho surdo dizendo estar esperando-a morrer para enterrá-la, e dava gargalhadas de *arrepiar os cabelos*. Dissera também sobre uma preta velha gorda enrolando os cabelos dela no alto da cabeça e rindo de sua condição.

De fato, os cabelos dela ficaram muito embaraçados e precisaram ser cortados bem curtinhos.

Durante esse período, ela contou ter *sonhado* estar sendo levada à presença de Deus, sustentada pelos braços, de um lado pelo Pai José, o espírito protetor dela, através da médium e parteira que me ajudou a nascer, e do outro, por alguém desconhecido. Hoje entendo ser um amparador. Os pés dela não tocavam em nada e se balançavam no espaço, subindo em direção ao céu.

De repente, ela ouviu a voz do preto velho dizer para fazer o seu pedido, pois estavam na presença de Deus. Ao levantar a cabeça, deparou-se com uma luz tão intensa sendo impedida de abrir os olhos. Abaixando a cabeça, ouviu uma voz suave e forte lhe dizendo:

– Fale minha filha, qual o seu desejo?

Ela mal podia falar de tanta emoção e, com dificuldade, conseguiu pedir saúde para criar os seus filhos tão pequeninos que precisavam muito dela. Não queria morrer ainda.

Ouviu a voz responder:

– Você já está curada. Volte e acabe de criar os seus filhos, minha filha.

Ao acordar, dizia a todos sobre a vontade de voltar para a casa e criar os filhos, pois já estava se sentindo bem e com saúde.

Todos os familiares e amigos não davam nada por ela e retiravam-se chorando. Pensavam que estava chegando a hora de sua morte, ou *dessoma*, conforme se diz na Conscienciologia. Grande foi a surpresa, pois, nos dias seguintes, ela se alimentava normalmente e a saúde

estava restabelecida. Ela agradecia a Deus e todos pensavam ter havido um milagre.

Explicando os milagres através da Conscienciologia, no caso de minha mãe, acredito que ela foi presa fácil de consciências extrafísicas inimigas de outras vidas que a atormentavam, achando que deveriam cobrar dela os seus sofrimentos, causados pela prepotência de quando foi *feitor de escravos*. Ela soube dessa sua vida anterior ao consultar os médiuns do centro espírita que frequentava quando eu era adolescente.

Naquele tempo, assim como hoje, havia médiuns com maiores responsabilidades quanto a dar assistência aos necessitados e a ajudar a compreenderem o porquê de certos sofrimentos.

É uma pena que muitos se aproveitam de seu parapsiquismo usando-o em benefício próprio por vaidade ou, provavelmente, dinheiro. Por esse motivo, muitas pessoas desacreditam e não se interessam pelos fenômenos parapsíquicos. Temos que levar em conta que em toda regra existem exceções, existem parapsíquicos honestos.

Sei, através de minhas vivências, que nunca estamos sós. Existem consciências extrafísicas com responsabilidade de nos acompanhar durante nossa trajetória terrena. São os amparadores, às vezes também chamados guias, mentores, anjos ou santos.

Há hierarquia na dimensão extrafísica, e os amparadores são consciências extrafísicas mais maduras, com maior visão de conjunto, que nos orientam em nossas programações de vida.

Concluí que ela, pela força da sua vontade e com o auxílio dos amparadores, teve um ganho de mais alguns

anos de vida intrafísica, uma *moratória existencial*. Essa foi a chance de continuar a cuidar de seus filhos, pois essa tarefa poderia estar incluída em sua programação existencial.

Eu ouvia essas conversas e nunca duvidei do que ocorria. Considerava a coisa mais natural do mundo o relacionamento entre o mundo físico e o mundo extrafísico. Ao ouvir ou tomar conhecimento de certos assuntos, parecia-me estar recordando algo que já conhecia, porém não me lembrava. Não me eram estranhos e incorporava naturalmente aos meus conhecimentos e aprendizados.

Depois desses acontecimentos na vida dos meus pais, eles foram aconselhados a se mudarem do bairro Estácio de Sá, pois nesse local as energias doentias estavam influenciando negativamente. Tinha cinco anos quando deixamos o bairro.

Mudamos para o bairro de São Cristóvão. Era uma avenida com umas cinco casas. Havia muitas moscas, era perto do aterro sanitário onde hoje é a Avenida Brasil. Era tanta mosca que, ao levarmos o garfo à boca, tínhamos o cuidado para não comê-las também.

Não éramos felizes e mamãe chorava quase todos os dias. Estávamos passando por um momento de precisar começar tudo de novo. Tivemos que desfazer da loja, sair do bairro no qual estavam nossos amigos e parentes, enfim, ficamos separados daquilo que meus pais tinham construído até o momento.

Mesmo com todos esses problemas, não fiquei sem estudar. Havia uma senhora perto de nossa casa dando aulas às crianças da vizinhança e minha mãe me matriculou para acabar a alfabetização iniciada no colégio

Estácio de Sá. Por maiores que fossem as dificuldades enfrentadas na vida, meus pais não se descuidavam de meu ensino.

Nesse tempo, meu avô veio morar no Rio para ficar perto dos netos. Não se acostumou, pois ficou separado dos seus amigos e, sendo do interior, resolveu voltar para Niterói e nos convidou para irmos todos juntos. Foi uma alegria geral, além de irmos viver perto dos nossos avós, ficaríamos livres também das moscas.

Até papai achar uma casa para alugar e fazer a oficina para trabalhar nos consertos de sapatos, ficamos morando na casa da tia Maricas.

Eu chorava todos os dias, dizendo estar com saudades do Estácio e das coleguinhas do colégio. Não era bem isso, não sabia entender meu sentimento e dizia ser saudades, mas não era, era melancolia, a tal saudade de algo não definido.

A ciência já descobriu que as crianças também sofrem de depressão e melancolia, contudo, ainda não descobriram a possibilidade de ser, na maioria das vezes, uma doença emocional e espiritual. Na Conscienciologia, esse quadro é chamado de *Síndrome do Estrangeiro*, assunto muito bem esclarecido através do livro da pesquisadora Málu Balona (1998).

Tia Maricas era rezadeira das antigas e me rezava com um matinho, às vezes arruda, alecrim ou outro qualquer. Recebia um caboclo, dava-me passes e eu melhorava, mas depois voltava tudo de novo.

Certa vez, minha mãe e tia Maricas resolveram levar a mim e ao meu irmão para acompanhar a procissão

de sexta-feira da Paixão, com o propósito de me ajudar, nesta época eu tinha seis anos de idade. Estava tudo bem até a hora de passar diante do andor com a imagem do corpo de Jesus. Levei um susto, fiquei tão revoltada e gritei em altos brados:

– Quem matou Jesus? Mataram Jesus!

Eu berrava sem parar. Meu irmão mais novo, mesmo sem saber o que estava acontecendo, só de me ver chorar desesperada, caiu no choro também. Acabou todo mundo voltando para casa depois de tanta vergonha passada. Em casa tentaram me explicar aquilo que eu não entendia.

Alguns dogmas das religiões mal explicados às crianças podem causar alguns comprometimentos para toda a sua vida. As crianças entendem tudo ao *pé da letra* e, em meu caso, pensava que Jesus era alguém vivo, pois falavam que era protetor das criancinhas nos momentos de perigo. Não sabia que estava ele morto e me senti completamente desamparada.

Papai fez um balanço no quintal e era minha distração. Em cima do balanço dava vazão a todas as lágrimas reprimidas, sem levar umas boas palmadas de mamãe, sempre nervosa ao me ver chorar tanto.

Passou-se mais ou menos um ano e voltamos para o Rio de Janeiro, indo morar no subúrbio da Leopoldina. Provisoriamente ficamos morando nos fundos de uma loja alugada por meu pai, até conseguirmos uma casa e separar enfim os seus negócios da família.

Foi nesse local, que em uma tarde, vi meu pai, vovô e mamãe chorarem abraçados, pois ouviram no rádio a notícia do Brasil ter declarado guerra à Alemanha. Eles temiam pelos acontecimentos, pois meu pai era

descendente de italianos com parentes na Itália. Foi um quadro nunca mais esquecido. Muito me entristeceu, e comecei a entender todo o sofrimento trazido pela guerra.

Esse período de minha vida foi mais movimentado devido ao relacionamento com outras crianças da mesma idade. A casa alugada por papai ficava numa rua arborizada, com calçadas largas. As casas eram separadas umas das outras, com quintal.

Meus pais continuavam reservados como sempre, eram muito recatados. Acredito que meu pai fosse até envergonhado. Ordenava-me a não levar ninguém, nem mesmo os colegas da escola, lá em casa, pois iriam bisbilhotar nossa vida. Era assim, eles diziam e eu obedecia, mesmo sem concordar. Continuavam não me deixando brincar na calçada, igual faziam as outras crianças.

Na parte da manhã, ia à escola e tinha hora marcada para chegar. Quando me atrasava, mamãe ia me buscar para saber qual o motivo da demora. A escola ficava na outra rua e era uma calçada só, virava a esquina e estava em casa. Nem pensava em sair um pouquinho sequer da rotina traçada por minha mãe. Tinha medo das chineladas e da severidade nos olhos dela. Lá em casa, eu e meu irmão entendíamos quando não estávamos agradando, só pelo olhar.

Não tive a malícia de querer fazer parte da turma dos *levados* da escola e nem eles me queriam por perto, pois era muito bobinha para o nível da turma. Um dia ou outro, mamãe me deixava brincar na calçada com as outras meninas, fato raro, e elas estranhavam essa

liberdade ocasional. Colocavam-me dentro da roda cantando bobagens. Sabia que zombavam de mim. Ficava aborrecida e triste, voltando para casa chorando.

Um dia, resolvi encarar a brincadeira e me atraquei com uma das meninas, dando vazão à raiva contida durante tanto tempo. Bati muito nela e chamaram minha mãe para me fazer parar. Depois disso passaram a me respeitar.

Nesses momentos de raiva não tinha medo de ninguém. Em casa, chorando, me revoltava. Batia os pés e dizia que minha mãe era a culpada, pois não me deixava ser igual às outras meninas.

A resposta eram umas boas chineladas. Fui ficando com minha personalidade marcada e muito revoltada. Não entendia esses acontecimentos comigo. Com as outras meninas não era assim. Já estava começando a questionar o modo de ser criada por meus pais.

Papai dizia que era o *gênio dos italianos* vindo à tona nesses momentos, era muito perigoso não saber como dominar, mas não me ensinavam como. Nesses momentos era só emoção, sem qualquer raciocínio. Assim fui sendo criada, me submetendo a esse modo de pensar, sem me deixar contaminar, pois em meu íntimo não aceitava.

Queria crescer para ser independente e me livrar de todo esse raciocínio castrador e dominador. Eles queriam proteger-me sem perguntar se eu estava feliz ou não.

Quando me perguntam, hoje, se gostaria de voltar a ser criança, voltar a viver as brincadeiras da idade, respondo que não. Não fui uma criança feliz e des preocupada

igual à maioria das outras. Devo esclarecer que no período da primeira infância, sentia-me feliz só na casa dos meus avós, pois ainda não sabia fazer a diferença. *O modo que me criavam era diferente do das outras crianças.*

Não gostava nem de pedir água, pois não alcançava o filtro, só para não me sentir dependente. Sempre me incomodou também o fato de não poder opinar sobre as ordens impostas a mim. Era a vontade de ser independente já se manifestando.

Hoje me pergunto: Será que uma criança tendo conhecimento da Conscienciologia em uma vida passada agiria dessa forma? Como me comportaria hoje diante da mesma situação? Deixaria o emocional prevalecer? Não, isso é *trafar* em qualquer pessoa. Uma consciência com um objetivo em sua programação de vida não agiria dessa forma imatura. Acredito hoje, que teria maior domínio sobre meu porão consciencial, até por intuição.

Meu irmão era o queridinho da mamãe. Devido a ser mais obediente ou dominado e ser maleável às ordens impostas, recebia mais carinho. Era meu protegido também nas pequenas *artes* aprontadas por ambos. Eu sempre arcava com a responsabilidade pelos resultados desastrosos.

Assim foi passando o tempo sem grandes oportunidades de aprendizado, devido ao pouco relacionamento de meus pais com o restante do mundo.

Corria o ano de 1941. Tinha oito anos de idade e estava muito atrasada nos estudos, devido às mudanças na vida dos meus pais. Finalmente, após terminar essa fase de mudanças, consegui estudar em um colégio particular de propriedade de uma família mineira, muito rigoroso no ensino, onde estudávamos até francês.

Meus pais, quase sem instrução, não sabiam me ajudar nos deveres de casa. A dificuldade para estudar os livros sozinha, obrigava-me a decorar os textos, mesmo sem entendê-los. O resto era só jogar com a sorte. Na prova oral, o terror da maioria dos alunos, eu conseguia os pontos necessários para passar de ano. Nunca repeti um ano.

O ensino religioso era obrigatório, pois o colégio era católico. Não perdia a oportunidade de questionar os seus dogmas e tabus fazendo, por exemplo, perguntas sobre a existência de Adão e Eva: com quem casaram seus filhos? Teria sido com as próprias irmãs? Fui colocando a professora tão perturbada que me retirou da sala de aula.

Na véspera do dia da comunhão fomos nos confessar e eu, igual a toda criança, tinha meus pecadinhos. Ia falando ao padre sobre ter apanhado algumas moedas na bolsa da mamãe para comprar sorvete, pois ela não comprava dizendo fazer mal a saúde. Ele me interrompeu fazendo uma pergunta completamente descabida para o meu conhecimento, pois eu nunca havia falado de minha intimidade com ninguém:

– Você estava no matinho do quintal sem calcinha com os meninos?

Levei um susto tão grande, e devo ter ficado vermelha igual a um tomate. Afastando-me do confessionário, dizia nunca ter feito nada daquilo.

A professora, então, percebendo minha reação assustada, calculou logo que havia ouvido algo impróprio para uma menina criada com muito rigor. Acalmou-me

e, levando-me para o banco em frente ao altar, me fez prometer não revelar a ninguém o que ouvi no confessional, pois *a hóstia poderia se transformar em sangue na minha boca*. Fiquei assustada e com muito medo.

Não estava mais interessada em fazer comunhão, mas como dizer para a mamãe sobre o desejo de desistir? Precisaria contar tudo para ela. Fiquei com receio de não acreditar em mim, e da tal hóstia se transformar em sangue em minha boca. Resolvi ficar calada tomando a decisão de nunca mais fazer confissão para padre algum.

É impressionante observar a manipulação de certas religiões, educando as crianças através do medo e da culpa. Hoje me pergunto: seria o padre pedófilo?

Daí para frente, os tabus e dogmas da religião católica não me influenciaram mais. A partir daquele momento, tomei cuidado para nunca mais chegar perto de um padre. Devo ressaltar que em toda regra há exceção. Não se pode julgar todos pela atitude de um.

Completei o curso primário aos 13 anos de idade, e não pude cursar o ginásio devido aos problemas financeiros enfrentados por meu pai no momento. Tinha comprado a nossa casa, e a havia hipotecado para completar o restante do valor.

Fizeram uma escolha e preferiram investir o pouco economizado nos estudos de meu irmão, pois sendo *homem* iria precisar mais de estudo, e eu iria me casar e ser *sustentada pelo marido*. Era o pensamento da maioria dos pais daquele tempo.

Na época, não havia estudo secundário público, só o primário, e, por isso, não foi possível continuar os

estudos, apesar de muito choro de minha parte. Queria estudar para ter uma profissão, ser independente.

Meus pais eram muito possessivos e me criaram dentro do seu mundinho tacanho, não permitindo nem mesmo o cultivo de amizades, igual a toda mocinha de minha idade. A falta de uma companhia, colega, amiga marcou muito minha vida. Não tinha como trocar informações de assuntos da adolescência naturais da idade. As coleguinhas do colégio não me procuravam mais, pois meus pais as proibiam de ir lá em casa. Eu era completamente isolada do convívio de outras pessoas. Era o temperamento deles.

As revistas, alguns livros emprestados pela vizinha e o rádio eram minhas companhias, ouvindo novelas, músicas, aventuras de mocinhas e alguns programas de auditório.

Um dia resolvi telefonar para uma emissora de rádio e saber se a mocinha seria salva pelo herói. Estava tão compenetrada no episódio que não aguentaria esperar o dia seguinte. Dei uma escapada enquanto mamãe foi tomar banho e fui telefonar na loja da esquina. Foi uma aventura impensada. Coisas de criança.

O dono da loja onde fui telefonar era amigo de meu pai, e contou sobre meu *envolvimento* com artistas de rádio. No dia seguinte, ao chegar em casa de volta do colégio, não entendi porque mamãe saiu com o meu irmão e eu fiquei sozinha com meu pai. Ele não me perguntou nada, apenas apanhou um cinto e me deu uma surra que cheguei a me urinar toda sem saber o porquê. Compreendi o motivo de minha mãe ter saído para não ver o que meu pai já havia decidido. Ela não conseguiu convencê-lo.

Mamãe ficou com pena de mim e aconselhou-me a não telefonar mais para os artistas de rádio, mas não disse o motivo. Para eles, era tabu os pais dialogarem com os filhos. Ninguém me alertou sobre o perigo de envolvimento com pessoas estranhas. Além do mais, mamãe tinha medo de me provocar falando de assuntos tão fora de meu conhecimento, pois eu iria fazer uma cascata de perguntas e ela não tinha preparo para responder.

Compreendo os meus pais, mesmo do jeito deles, só queriam me preservar das maldades do mundo. Foi um engano, pois não aprendi a me defender sozinha. O que esperar de uma pessoa criada tão reprimida e sem saber defender-se?

Aconteceu justamente o contrário porque, para me livrar da *prisão*, pensei ser o casamento a porta de saída para a liberdade. Era tão ingênua e nem passava na minha cabeça o pensamento de fugir de casa. Fugir para onde? Para a casa das tias ou da vovó? Como? Não sabia andar sozinha...

O rádio era minha distração. Sonhava um dia poder ir assistir aos artistas. Mais ou menos nessa época, ouvi uma música chamada *Vingança* e, estranhamente, a música mexeu profundamente com minhas emoções, deixando-me com uma espécie de nostalgia. Essa música, cantada por uma grande artista da época, falava de sofrimento amoroso e do desejo de que o outro haveria de rolar como pedras na estrada.

Com apenas 13 anos não tinha vivência suficiente para sentir tanta nostalgia. Hoje acredito que a música pode ter evocado lembranças e energias de algum acontecimento de existências anteriores. Posso ter passado por

alguma situação parecida e, por isso, a música repercutiu em mim daquela forma. Talvez fosse uma *precognição* de certos acontecimentos de meu futuro que realmente se realizou.

Hoje sei que existem pessoas fazendo regressão a vidas passadas para ajudar a resolver problemas de doenças ou outros assuntos mal resolvidos nesta vida. Entretanto, na maioria das vezes, não chegam notícias das pessoas que promovem regressão sem acompanhamento dos amparadores e sem conhecer o fenômeno parapsíquico. Estas podem ter aumentado seus problemas, ao invés de resolvê-los.

“A *retrocognição*, quando auxiliada pelos amparadores através da projeção lúcida, é mais indicada porque, dessa forma, temos acesso, prioritariamente, às lembranças úteis ao nosso momento presente” (ALEGRETTE, 2000).

02. CASAMENTO: A LIBERDADE OU ACIDENTE DE PERCURSO? (1947-1951)

Encontros de Destino. "Tais encontros de afinidades e interesses, capazes de fazer mutações existenciais, definem as vidas das conscins (...). De um encontro desses é que nasce, por exemplo, a dupla evolutiva."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 421).

Acidentes de Percurso. "Os semelhantes se atraem. Obviamente, o negativo sempre evoca o negativo.

Daí por que elevado número de acidentes de percurso parapsíquicos ocorrem gerados pela mentalidade e atitudes pessimistas cronicificadas, evocações do pior, e a predisposição pessoal a desastres, fracassos e derrotas."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 471).

Acertos Grupocármicos. "Tendo em vista a Recexologia, o acerto grupocármico é obra evolutiva extremamente relevante para todos os interessados, porque ninguém potencializa a própria evolução consciencial deixando rastros negativos ou assinaturas pensênicas cacoborradas por onde passa."

(Vieira, Waldo; Homo sapiens reurbanisatus; p. 405).

Era um dia de quinta-feira à tardinha. Eu havia acabado de encerrar a casa para ficar tudo arrumado. Mamãe queria passar o fim de semana em Niterói na casa da vovó. A filha da vizinha de frente me chamou para dar um recado para minha mãe.

Nesse momento, vi um rapaz desconhecido passeando de bicicleta na rua. Subiu na calçada e passou bem perto de meu portão. Indignada por entender que não

deveria usar esse local, estiquei o braço para empurrá-lo, mas não consegui porque se desviou e ainda sorriu para mim.

Entrei em casa e fui cuidar dos meus afazeres. Ao voltar ao portão (ir ao portão era prêmio e não ir era castigo) depois de tomar banho, fiquei surpresa ao receber o recado dele dizendo querer falar comigo. Isso me deixou muito eufórica e ansiosa, pois nunca havia namorado. Não pensei que tivesse impressionado tanto o rapaz. Com insegurança fui ao encontro dele a alguns metros do portão de casa.

Ele pediu para voltarmos a conversar em outros dias. Estava tão nervosa e nem me lembro da resposta. Insistiu tanto e começamos a namorar no portão e meu pai soube pela minha mãe, porque ela não queria assumir sozinha a responsabilidade.

Foi um namoro muito inocente. Não havia nem assuntos para conversar. Nenhum dos dois tinha algo a transmitir devido à falta de vivência. Se pelo menos estivéssemos estudando, isso facilitaria a troca de informações. Era só banalidade e, com o tempo, foi se desgastando. Se pudesse saber o futuro, teria terminado tudo naquele momento. Foi o começo de tudo...

Meu pai mandou um recado para ele ir à loja, pois desejava conhecê-lo melhor e saber as suas intenções. Pensava que ele se arrependeria e acabaria o namoro diante da responsabilidade de falar com o pai da moça. Mas o rapaz era corajoso, e resolveu enfrentar meu pai. Ele tinha apenas 15 anos e muita teimosia. Foi à loja do papai *encarar a fera*.

Papai ficou surpreso com a audácia do garoto e deu conversa, perguntando sobre sua família. Ao tomar conhecimento do nome do seu pai, não acreditou na *coincidência*, pois era filho de um grande amigo seu do tempo do exército, a quem devia muitos favores.

Na época da revolução de 1930 meu pai, por falta de informação, se alistou para o exército, não se apresentando no devido tempo. Em decorrência disso, foi detido e serviu como *submisso*. Entretanto, foi beneficiado por ser arrimo de família e pôde comparecer à sua loja de sapateiro, diariamente, escoltado por um soldado que, depois, soubemos ser o pai de meu pretendente.

Esse soldado tinha tanta confiança no papai que o deixava na loja para trabalhar e só reaparecia à noite para escoltá-lo de volta ao quartel. Dizia a papai que ia namorar. Desconfio ser essa namorada justamente a mãe de meu pretendente, concebido neste período.

Seriam *encontros de destino*, programados na preparação de nossas *proéxis*? Ou tremendo *acidente de percurso*? Ou seria *acerto cármico de contas*? Um dia saberei.

Papai abriu uma exceção e permitiu ao rapaz frequentar nossa casa. Acredito que, naquele momento, as afinidades cármicas estavam me conduzindo para as grandes dificuldades e descaminhos enfrentados nessa vida intrafísica, posteriormente.

Eu acabara de completar 14 anos e não tinha malícia nenhuma, tanto quanto meu pretendente; éramos muito ingênuos. Como disse antes, não tinha ninguém com quem trocar conversa, era completamente desatualizada do que se passava entre os jovens.

No Natal do ano seguinte (1948), contando com 15 anos e ele com 16, ficamos noivos. Meu pai convidou-o para trabalharem juntos, pois precisava de alguém para tomar conta da loja e outros serviços. Sem querer, colocou o pavio perto da pólvora, era só esperar o fogo.

Ele ficou feliz mesmo foi com a liberdade de frequentar nossa casa. Sentia-se importante e aprendeu a ser mandão e exigente, igual ao meu pai. Hoje, até compreendo esses gestos: podiam ser devidos a um trauma, porque era filho de pais separados e, naquela época, o preconceito era muito grande em relação a esse assunto.

Via nas atitudes de meu pai um exemplo a ser seguido. O pior de tudo foi minha obediência, porque já estava acostumada a obedecer. Não sabia como e para quê protestar, embora não estivesse feliz com esses acontecimentos. Meu objetivo era casar, precisava mudar minha vida. Estava determinada a virar a mesa sem medir consequências, pois não tinha discernimento sobre o certo e o errado das minhas decisões. Hoje agiria de forma mais racional sabendo que o emocional pode acarretar erros sobre erros.

Eram raros os momentos em que meu pai se dirigia a mim. Num desses momentos perguntou-me se, realmente, queria noivar. Respondi:

– Se o senhor me deixar ser igual às outras moças, ir ao cinema, ter colegas e, principalmente, ir à casa da vovó – meu paraíso da infância, troco tudo pela liberdade.

Meu pai também não teve a percepção para raciocinar sobre minha resposta e ver a troca que eu estava tentando fazer pela minha liberdade. Compreendi pela

fisionomia dele, já bem conhecida, que, definitivamente, não abriria mão de suas opiniões.

Nem cogitava a possibilidade de me deixar fazer o curso ginásial, que era minha vontade, devido aos problemas financeiros enfrentados naquele momento. Desejei fazer um curso de costureira, pois a maioria das moças pobres de minha época gostavam de fazer seus próprios vestidos. Acesso também negado.

Eu ainda não sabia me valorizar, não sabia o que era amor-próprio e mal me conhecia. Quando reagia era por instinto. Era uma criança já crescida, mas pouco amadurecida.

Fui habituada pelos meus pais a não ter qualquer programação para os finais de semana. O domingo seria um dia de lazer, mas lá em casa ninguém pensava nisso. Em nossa rotina todos os dias eram iguais. Nem cogitávamos pedir para ir ao cinema, passear. Ir à praia então, nem pensar. Já sabíamos que a resposta seria negativa.

Em nossas conversas, os assuntos eram sempre os mesmos e no final do dia tinham se desgastado. Qualquer coisa era motivo de brigas e desarmonia.

Desconhecendo os acontecimentos na dimensão extrafísica, éramos presas fáceis dos assediadores extrafísicos, pois se aproveitavam de nossa ignorância e energias desequilibradas.

Minha mãe foi aconselhada a procurar auxílio no centro espírita para ver se conseguia ajudar a resolver esse problema das nossas brigas diárias, pois isso também a aborrecia. Hoje, penso que ela poderia ter resolvido o dilema com apenas um ato: dar-me informação,

confiança e liberdade. Porém, não atinava para isso naquela época.

Mamãe começou a frequentar o centro espírita indicado por uma amiga, onde havia muita ordem e disciplina. No auditório, os homens sentavam-se de um lado e as mulheres do outro. Isso incomodava a mim e ao meu noivo, pois não podíamos ficar juntos. Ao sairmos, íamos brigando pelo caminho, cheios de assédios.

Por duas vezes, depois das brigas, ele foi embora e eu fiquei chorando com medo de não querer mais se casar comigo. Deitava-me vestida e esperava meus pais dormirem para sair de casa. Tomava o bonde, pois ele morava em um bairro distante, e ia à casa dele.

A mãe dele, ao me ver chegar, fazia-o me levar de volta imediatamente, devido ao adiantado da hora. O medo de ficar sem ninguém, sem nenhum contato com o mundo externo era grande, e nem eu mesma compreendia o porquê de tanta audácia. A insegurança nos faz apelar para atitudes completamente antagônicas ao raciocínio lógico.

Minha mãe nos obrigava a acompanhá-la ao Centro Espírita, pensando estar fazendo bem para nós. Não nos consultava se queríamos ir ou não. Fazia-nos participar de um aprendizado não desejado. Não levava em conta que tudo tem sua hora. Faltou confiança. Em Conscienciologia chamamos esse ato da minha mãe de *estupro evolutivo*, quando forçamos as pessoas ainda não preparadas a saber o que é evoluir.

Claro que, se perguntasse, nós gostaríamos de ficar namorando na pracinha, esperando ela voltar do centro

para irmos juntos para casa, mas, para os meus pais, valia a autoridade deles.

Num fim de semana, fomos todos para a casa da vovó e aconteceu uma coisa que, naquela época, não compreendia. Sem mais nem menos, o meu noivo começou a ter desmaios, ficando alguns minutos desacordado.

Meu avô mandou chamar um amigo médico, para atendê-lo. Não soube do que aconteceu entre o médico e ele, nem do diagnóstico. Só sei de minha mãe proibindo-me de ficar muito perto dele e evitar agarramentos para o bem dele. Não obedecemos.

Depois de casada, tomei conhecimento desse diagnóstico, por sinal, muito mal contado. Segundo minha mãe, o doutor perguntou alguma coisa referente ao sexo. Como era moço, solteiro e de compromisso com moça de família, deveria procurar *colocar o sexo em dia* para não ter mais desmaios e respeitar o compromisso assumido. Vem daí o conselho de minha mãe para evitarmos agarramentos. Não me avisaram nada, só proibiram.

Entre brigas e muitas lágrimas cheguei aos 18 anos. Continuava com a obstinação de me casar e tinha o meu irmão tomando conta do namoro na sala ou no jardim de nossa casa. Não me deixavam nem ir à pracinha do bairro passear ou ter um pouco de privacidade. Em ocasiões muito raras, íamos ao cinema, na matinê. Sentávamos minha mãe, eu, meu noivo e meu irmão, todos em uma fileira das cadeiras. Éramos escoltados.

Nesta época, começou um dos meus *infernos existenciais*. Sem saber como era estar perto de um homem e com os meus impulsos sexuais aflorados, ignorava

completamente como controlá-los. Desconhecia o que era ser virgem ou *mulher*. Nunca tinha ouvido falar disso. Aceitei o convite dele para *deixar acontecer uma coisa feita por toda noiva com o noivo*. Nem todas as noivas eram tão ingênuas para fazer o mesmo.

Ele convenceu-me a ser *mulher* para não precisar procurar outra de *vida duvidosa*, ou seja, frequentar ambientes de prostituição. Naquele tempo não havia a liberdade de hoje e os rapazes iniciavam sua vida sexual nesses ambientes. Disse-me ser muito natural, porque nós iríamos nos casar mesmo... Tudo era novidade para mim, tinha um sabor de pecado, e o pecado é sempre desejado. Fui criada com tamanha severidade, onde mexer em certas partes do corpo era pecado, então sentir o sabor de pecado por desobedecer às ordens conhecidas até aquele momento, era natural.

Hoje sei que o emocional desorganizado pode nos trazer problemas de difícil solução, como no meu caso. Mais uma vez, vejo que a falta de informação sobre certos assuntos causam danos irrecuperáveis às consciências.

Ele era minha única fonte de informação, logo, acreditava no que me transmitia. Não imaginava que ele automaticamente tiraria proveito de minha ignorância, pois quanto menos soubesse, melhor para ele.

Então, um dia, minha mãe precisou visitar a vovó, que estava adoentada, e fiquei sozinha em casa. Meu noivo, sabendo disso, apareceu lá, e aconteceu o que não deveria ter acontecido. Cedi ao pedido, sem pensar em qualquer consequência, completamente sem culpa, na maior inocência.

Após alguns meses, tive um desmaio e fiquei sabendo que estava grávida. Isso causou um grande rebuliço em minha família. Não sabia o que era ficar grávida e nem como havia acontecido essa gravidez. Minha mãe teve um ataque de nervos, gritando e chamando a atenção dos vizinhos, e estes invadiram nossa casa para atendê-la.

Além dos problemas de saúde, minha mãe tinha o emocional completamente desorganizado. Ela foi privada das relações sexuais desde muito jovem, devido a problemas de saúde de meu pai depois que sofreu um acidente, quando eu tinha 13 anos. Já havia se passado cinco anos. Ele chegou a vender uma casa para fazer tratamento com um médico de São Paulo. O resultado não era garantido para o resto da vida dele, e sim por determinado tempo. Nesse meio tempo, ela engravidou e ele a fez abortar a criança. Fiquei sabendo desse fato depois da morte dele. Ele dessorou aos 60 anos de idade. Meus pais guardavam seus segredos no mais absoluto silêncio. A prática do sexo, de modo sadio e equilibrado, é fundamental, pois desbloqueia as energias e fortalece o emocional.

Imagino que a dificuldade com que minha mãe lidou com seus próprios problemas, pode ter influenciado o modo de se relacionar comigo.

Eu estava muito assustada. Uma vizinha me pressionou a dizer se o meu noivo tinha feito alguma coisa comigo. Disse a verdade. Não entendia o porquê de tanto alvoroço. Não via nada de mal no acontecido. Pelo contrário, achava tudo normal. Ninguém me disse para não fazer o já feito. Não havia as informações disponíveis como hoje.

Na ocasião, a mãe de meu noivo mandou ele me trazer quatro cápsulas com um líquido verde, dizendo para eu tomar duas por dia e que, com isso, ficaria livre da gravidez. Não tinha ideia de qual substância havia dentro daquelas cápsulas. Só depois de muitos anos, um amigo me informou que poderia ser quinino, perigoso para a saúde.

Ela julgava sermos muito jovens para formar uma família. Por isso queria a interrupção da gravidez. Eu não tinha ideia de aborto e das suas consequências, mas me recusei a tomar aquelas cápsulas, pois queria ter o meu neném.

Relembrando este episódio, fico pensando: tive a vida de minha filha em minhas mãos. Naquela época havia ouvido recentemente a radionovela *O Direito de Nascer*. Tinha algum princípio, mesmo intuitivamente, do dever de dar àquele filho o direito à vida.

Minha mãe conversou com o meu pai e resolveram me casar o mais depressa possível conforme minha vontade. Prepararam tudo para o casamento, eu estava muito feliz, pois ia enfim me ver livre daquela situação.

Casei-me em setembro de 1951 e fomos morar no porão da casa da mãe de meu marido. Devido ao meu casamento ter sido antecipado, a casa situada nos fundos do quintal de minha sogra não foi liberada em tempo, pois era alugada para outro casal.

Foi por pouco tempo, pois o casal de inquilinos ficou com pena ao me ver grávida, obrigada a ter de abaixar-me para entrar na portinha do porão, providenciando, assim, a mudança o mais depressa possível.

A alegria de poder mandar em mim, sem pedir permissão, era tanta e nem atinava para a realidade dos meus pais estarem tristes vendo a filha morando em um porão. Enfim eu estava *feliz*, mas, meus pais estavam infelizes, sem saber onde erraram.

A imaturidade e a falta de vivência e de esclarecimento podem nos levar a pensar que, com pouca idade, já sabemos tudo da vida. Meu objetivo era a liberdade. Foi nessa fase de minha existência que comecei a semear uma série de erros, tentando acertar. O erro faz parte da evolução. Ninguém evolui só acertando.

Por falta de autoconhecimento e principalmente pela baixa autoestima, falta de amor-próprio, agimos precipitadamente sem pensar nos resultados que, mais cedo ou mais tarde, irão aparecer. A colheita das consequências desastrosas foi, e ainda é, muito dolorosa.

É mais produtivo quando analisamos os possíveis resultados antes de fazermos nossas escolhas. Essa ponderação nos permite evitar as atitudes imaturas. Eu não sabia nada disso, faltava discernimento.

A partir da revisão das próprias imaturidades, procurei o esclarecimento, ou seja, estudar e adquirir conhecimento sobre a paranormalidade e dar assistência àqueles que erraram mais ainda. Praticar a tarefa assistencial do esclarecimento (*tares*) através da transmissão a outras consciências do conhecimento adquirido, passou a ser meu principal objetivo. A saída para os problemas é para cima, rumo à evolução.

A repressão na criação dos filhos, em minha época, era normal. Meus pais não fugiram à regra. Deram-me

a educação que achavam ser a melhor para mim. Não contavam é com minha audácia e imaturidade em desafiá-los, mesmo me prejudicando.

Se tivesse, naquele tempo, o conhecimento de hoje, com certeza essa minha existência teria sido bem mais aproveitada. Por exemplo, poderia ter melhorado minha lucidez através da mobilização das bioenergias (*energias conscienciais*), e também através dos estudos, incluindo os cursos ministrados pelo IIPC, que me trouxeram as informações faltantes. Teria investido mais em minha *proéxis* da qual, tenho certeza, desviei-me completamente.

Concluí que esse casamento, de alguma forma, era ou acerto de contas do passado ou acidente de percurso comprometedor, que temporariamente, mas de maneira profunda, interferiu na execução de minha programação existencial. Porém, *sempre é tempo* de corrigir nossos erros.

Dependendo do nosso nível evolutivo, temos a liberdade assistida de programar a próxima vida e também a família que irá nos acolher. Isso faz parte do que chamamos de programação existencial (*proéxis*). Nossa tarefa, além de aprender o que está nos faltando, é, muitas vezes, ensinar o que já sabemos ao nosso grupocarma.

03. VIDA DE CASADA E A SEPARAÇÃO (1951-1954)

Amor. "Existe amor consciencial puro quando há verdade mútua, a honestidade suficiente da entrega total, sinceridade e despojamento."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 304).

"Dissidência. Optar pela dissidência ou o divórcio nem sempre constitui desunião pura e simples de compromissos. Pode consistir na opção mais viável entre todas as opções evolutivas disponíveis dentro da conjuntura intrafísica (economia de males)."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 485).

Depois de ter passado um mês morando no porão, nos mudamos para a casinha dos fundos no quintal da casa de minha sogra.

Obrigada a cuidar dos afazeres domésticos, a lavar roupas, como lençóis e toalhas de banho, muito grandes e pesadas depois de molhadas, a passar, cozinhar, enfim, ter todas as tarefas de uma dona de casa, e ainda por cima grávida, me enfraqueceu muito. Não estava acostumada a trabalhar tanto.

Tinha tudo pronto na casa de minha mãe. Ajudá-la nos trabalhos de casa não era a mesma coisa de ter obrigação. Não sabia direito nem o que era ser uma mulher grávida. Só sabia da existência de um neném crescendo dentro de minha barriga, mas desconhecia a necessidade de fazer pré-natal, ter cuidados com a alimentação, saúde. Sexo então, nem pensar! Acabou o encantamento.

Acabei ficando anêmica, desmaiando quase todos os dias, sem forças para dar conta dos trabalhos de casa.

Estava enganada quanto à condição de mulher casada. Queria tanto sair da casa dos meus pais, buscando liberdade, e acabei mais presa e com uma carga de responsabilidade bem maior.

Chegando a véspera do dia de Natal, fui à casa de minha mãe ajudá-la na preparação dos comes e bebes comemorativos da época. Fiquei muito cansada e não tive ânimo para a comemoração. Estava quase na hora da ceia quando voltei para minha casa, queimando de febre, direto para a cama.

Lembro-me de minha sogra preocupada, vendo-me vermelha e com muito frio devido à febre. Quando me cobriu, disse ao meu marido para me levar ao médico, pois já estava preocupada com o meu estado. Delirando, dizia para ela tirar aqueles peixes de cima de mim, pois estavam me sufocando – tinha a impressão de que estavam jogando muitos peixes em cima de mim.

Nesta mesma noite *sonhei* com um médico me examinando e dizendo para ir para a casa de minha mãe, porque estava muito fraca.

O médico chamava-se Dr. Carlos Cunha, foi meu médico quando eu era criança e morava no bairro Estácio de Sá. Eu era a *menina dos olhos* dele e ele gostava muito de mim. Não me lembrava mais dele e nem sabia de sua morte ocorrida há tempos. Minha mãe ficou impressionada quando lhe contei o *sonho*.

Penso tratar-se do auxílio desse médico devido aos cuidados que sempre teve para comigo. Ele sabia muito

mais sobre minha vida do que eu mesma naquele momento de minha existência. Estava sem condição de saber o que fazer e cercada de pessoas tão ignorantes quanto eu.

Pensava estar sozinha. Engano meu em julgar assim. Hoje, entendo o *sonho* naquela noite de Natal com o meu antigo médico. Na verdade, foi uma projeção lúcida assistida. Na dimensão extrafísica, o tempo não existe. Recebi o auxílio dessa consciência que, de alguma forma, ainda me assistia.

O relacionamento entre o meu marido e sua família era completamente diferente do modo como fui criada. Na convivência com minha família, ele comportava-se igual ao meu pai, mas, na casa da mãe dele, se xingavam e ofendiam. Não havia respeito entre eles. Essas cenas causavam-me grande impacto. Eu me reservava. Tinha medo de me envolver.

Percebi que, apesar de toda aquela vontade de me casar e sair da casa dos meus pais, não tinha feito um bom negócio. Decepcionei-me completamente com o casamento. O tempo passado do dia do casamento, em setembro, até o Natal, era tão pouco, mas já começava a me arrepender.

Minha sogra, sempre muito ocupada – era costureira e tinha as freguesas para atender, não podia me ajudar. Ela tomou a decisão de conversar com minha mãe, relatando o problema com minha saúde e a do neném.

No dia de Natal, fui almoçar com meus pais, muito abatida, a ponto de meu pai perguntar se estava sentindo dor, de tão pálida e sem a alegria costumeira.

Minha mãe aproveitou a conversa dizendo estar também preocupada com meu estado de saúde e que no

dia seguinte me levaria ao médico, com ou sem a permissão do meu marido. Foi a primeira vez que assisti mamãe tomar uma atitude independente e em minha defesa.

No dia seguinte ao Natal, fomos a um médico espírita já bem idoso que cuidava de nossa saúde há alguns anos, receitava homeopatia e era de toda confiança de minha mãe. Examinou-me e, com a fisionomia preocupada, disse que era anemia e que o neném também estava muito fraquinho, devido aos esforços feitos, além de minhas forças. Soube depois que, em particular, falou à minha mãe sobre a gravidade de meu caso e, se não tivesse o repouso necessário, talvez não pudesse salvar nem a mim, nem ao bebê.

O repouso e a alimentação eram o mais importante no momento para a gravidez ir até o final, e já estava no sétimo mês. Não estava acostumada a fazer tanto esforço nos trabalhos de casa e não *aguentei o tranco*.

Ao chegarmos em casa, meu pai estava nos esperando. Mamãe relatou o diagnóstico do doutor e ele permitiu que eu ficasse em sua casa para fazer repouso absoluto até passar o perigo.

A semana passou rápida, chegou o Ano Novo e no dia seguinte fizeram minha mudança. Voltei para a casa dos meus pais com marido a tiracolo e um filho na barriga.

Não se cospe no prato em que se come, como diz o ditado popular. Não dei valor ao carinho dos meus pais. Desejei sair da *prisão*, revoltei-me, e egoisticamente pensei em me satisfazer dando vazão à minha imaginação, sem estar preparada para usar as próprias asas.

Qual foi o aprendizado do acontecimento na época? Nenhum! Não tinha discernimento algum. Era um ser absolutamente despreparado para a responsabilidade dos acontecimentos. Além de viver egoisticamente, deixava a vida me levar e vivia à revelia. Fui mimada e despreparada para a realidade da sociedade intrafísica (*Socin*).

Sabia que havia feito meus pais chorarem com minha decisão de me casar. Para eles, criar os filhos sem faltar o essencial necessário para alimentação, roupa, agasalho, teto, já era suficiente. Assim estariam cumprindo bem o papel de pais.

Eles, por sua vez, não sabiam sobre a não preservação dos filhos aos perigos do mundo, criando-os sem o conhecimento dos acontecimentos fora dos muros da nossa casa. Fui também muito prejudicada pela falta de estudos, ficando sem respaldo para trabalhar, manter-me sozinha, ao querer ser independente e ter minha liberdade.

Foram muitos os desacertos tentando corrigir outros. É assim, sucessivamente, até aprendermos a lição para sairmos deste ciclo de existências repetitivas.

Pelo aprendizado da Conscienciologia, tomei uma decisão nesta vida que servirá para todas as próximas: não desejo mais ter meu conhecimento limitado pela dependência de pais ou de marido. Farei o possível e o impossível: muito estudo, esforço e até mesmo suar sangue para dar prosseguimento a esta determinação de mudar tudo.

Apreendi também que, com a projeção lúcida bem aproveitada, somadas às experiências de vida, podemos

preparar, desde já, nossa próxima existência. Saindo do corpo ao dormirmos, podemos ter acesso a cursos, pesquisas e laboratórios na dimensão extrafísica para melhor nos prepararmos. Assim sendo, depende apenas de nós. O que estamos esperando?

No dia da mudança, fiz muito esforço, arrumando móveis e gavetas, fiquei muito cansada, saí totalmente do repouso recomendado pelo médico. Fiquei com muito peso na barriga, mas sem dor, só um desconforto. De madrugada, acordei toda molhada e pensei ter feito xixi na cama, me troquei e voltei a dormir.

Pela manhã contei à mamãe o que aconteceu e ela arregalou os olhos assustada dizendo que a bolsa d'água havia se rompido e deveria providenciar o médico ou ir para o hospital, pois já estava na hora do neném nascer. Mas, quem disse que meu marido deixou chamarem o médico ou ir para hospital? E o ciúme, onde ficava? Até hoje sinto as consequências dessa série de ignorâncias.

A decisão era para eu ter o filho em casa igual minha mãe e a mãe dele tiveram. Acostumada a obedecer, não tive nada a dizer, também porque não sabia o que me esperava nos próximos dias.

Minha sogra foi avisada. Apareceram, algumas horas mais tarde com uma senhora, dizendo ser a parteira, que me examinou e ficou de voltar à noite, pois ainda não estava na hora.

Eu não sentia nada, mas estava muito assustada com todo esse movimento em minha volta. A parteira voltou à noite e ficou preocupada com a ausência de dor e contrações. Dormiu no chão ao lado de minha cama aguardando alguma novidade. Nada, nem no dia seguinte.

Só no dia 5 de janeiro apareceram as dores. Haviam-se passado três dias após a mudança para a casa dos meus pais e já havia perdido parte da água, muito perigoso para o neném.

Todos continuavam na expectativa. Era um lindo sábado de verão e eu não via nada, pois comecei a sentir as dores do parto. Nada de neném, estava demorando a nascer. As contrações aumentaram até o momento de não estar mais aguentando, dizendo estar prestes a morrer, mordida um lenço dado por alguém.

Acredito que nessas horas recebe-se o auxílio dos amparadores extrafísicos que ajudam a mãe e a consciência que irá ressomar. Não sei como, senti algo escorregando de dentro de mim. Ouvi uma palmada, um gemido sentido, e vi um montinho pequeno de carne nas mãos da parteira. Perguntei emocionada: ela é perfeitinha?

Nesse momento, meu marido, assistindo ao parto junto de minha mãe, se jogou ao meu lado, agarrado ao meu pescoço, chorando e soluçando convulsivamente. Nunca tinha visto alguém chorar assim. Minha mãe, consolando-o, disse sobre sua emoção, pelo fato de ter apenas 19 anos de idade e ter presenciado o nascimento de sua filha.

Nunca perguntei o que ele sentiu, pois não tínhamos diálogo. Sentia-me envergonhada só de pensar naquela cena do parto vista por ele. Tive vergonha até para perguntar sobre o assunto. Foi um aprendizado para nós dois.

Enfim, eu era mãe. Cuidava direitinho do neném. Amamenteei durante três meses. Não pude amamentar

por mais tempo porque, brincando com o meu gato, fui mordida no dedo e, aconselhada pela vizinha, meu marido levou-me ao hospital onde me deram uma injeção contra tétano.

Naquela época, sem os avanços tecnológicos de hoje, além da vacina, era preciso fazer uma dieta alimentar rigorosa, retirando-se o leite, ovos, e outras fontes de proteínas. Isso causou o secamento do leite materno.

Achava que não era o caso de medicação com injeção contra o tétano, mas mesmo dizendo que estava amamentando, as enfermeiras aplicaram a injeção. Elas riram porque eu parecia ainda menina e ninguém acreditava que já era mãe.

Cumpri a dieta imposta direitinho, mas, no último dia, pensando já ter passado o efeito da injeção, tomei um prato de canjica tentando fazer o leite voltar. Tive uma reação alérgica ficando toda empolada, com urticária, fiquei até com medo de olhar-me no espelho, pois parecia um bicho. Aos poucos, fui melhorando, mas o leite não voltou, e tive que dar alimentação de leite em pó para minha filha.

Eu e o meu marido íamos levando a vida entre tapas e tapas mesmo. Não existia carinho entre nós. A filha me mantinha vinculada a esse casamento. Cumpria minhas obrigações de casa e de mãe. Um dia, juntas, eu, mamãe e minha filha, fomos visitar minha madrinha e a filhinha dela nascida na noite anterior.

Ela estava tendo gravidez de risco e a família toda estava muito preocupada. Os médicos queriam operá-la dizendo haver um tumor fibroso em seu útero, garantindo

não ser gravidez. Ninguém em nossa família tinha feito sequer uma operação. Era tabu e muito perigoso.

Decidida a esperar os nove meses, chegou o dia afinal. Imagine a emoção sentida pelos familiares, ao receber um recado de meu tio dando a notícia do nascimento de uma linda menina.

A visita foi rápida para não incomodar minha madrinha, pois estava muito debilitada, mas feliz. Foi uma alegria muito grande mesmo.

Quando meu marido chegou à noite, contei a novidade toda alegre e feliz, mas, essa alegria era só de minha parte, porque foi mais um motivo de briga e desarmonia. Numa atitude possessiva e autoritária, meu marido não se conformou por eu ter tomado a decisão de sair de casa sem sua ordem, discutimos e quase nos agredimos fisicamente.

No meio dessa discussão, ouvimos um barulho de algo caindo e a seguir o choro de minha filha na sala de jantar. Corremos para a sala e vimos a menina caída no chão coberta pela toalha da mesa e a jarra de flores. Pensei logo que ele fosse socorrê-la, mas, para minha surpresa, deu uma bofetada no rostinho dela, com apenas dois anos de idade. Ela perdeu o fôlego ficando toda roxinha. Pensei ter ele matado minha filha e comecei a gritar.

Minha mãe ouviu tudo do quarto dela, onde se refugiava para não assistir nossas brigas, quase diárias. Correu para ajudar, pegando a menina dos meus braços e jogando-lhe água fria. Minha filha reagiu e chorou a plenos pulmões. Fiquei aliviada por ver a menina viva e parti para cima dele com a leiteira de leite fervendo. Ele, muito ligeiro, pegou a faca da cozinha para me agredir.

Ao recordar a cena fico horrorizada. Parece ter sido outra pessoa vivenciando esse drama. Existe um ditado japonês que diz: *a mulher é fraca, mas a mãe é forte*, não justificando a agressividade, mas a defesa de seus filhos.

Sentia arrependimento por levar tanta desarmonia para os meus pais que, praticamente, sempre viveram à parte do mundo e só desejavam viver em paz.

Sabia que possuía o dever de ser mais paciente, pois tinha uma filha para criar, porém não soube cumprir esse compromisso devido ao quase desconhecimento da palavra e da ação chamada *responsabilidade*.

Meu pai, ao tomar conhecimento do ocorrido, mandou-nos mudar de sua casa. Ao ouvir a ordem de papai, senti alguma coisa dentro de mim crescendo e me encorajando para uma decisão radical em minha vida. Não sei como encarei meu pai ficando na ponta dos pés para ficar mais alta dizendo-lhe:

– Se o senhor quiser, eu vou com ele, mas amanhã o senhor leva meu caixão para o cemitério – acreditava que ele me mataria – ou então arranja um advogado, porque se eu dormir mais uma noite com ele, eu o mato ou morro.

Era o *gênio dos italianos* aflorando novamente como um vulcão. Nem a saliva eu engolia, espumava de raiva e meu pai deve ter-se impressionado com essa minha atitude. Embora fosse sempre acostumada a obedecer, não me obrigou a ir com ele. Dando um passo atrás, mandou meu irmão telefonar para minha sogra para resolverem esse problema que não era só nosso. A espera foi difícil e dolorida, enfim minha sogra chegou e foi dizendo para o filho:

– O dia que você honrar as suas calças, lembre-se da sua mãe.

Foi logo mandando apanhar as roupas para irem embora para a casa dela. Ela estava muito envergonhada com as atitudes do filho. Pediu muitas desculpas aos meus pais e o obrigou a acompanhá-la.

Hoje, sei que não tive maturidade e estava transferindo, mais uma vez, responsabilidades dos meus atos. Foi o que eu fiz. Não tinha com quem contar para me ajudar, só meus pais e voltei a ficar prisioneira outra vez e dependendo de meu pai, eu e minha filha.

Era o dia 21 de fevereiro de 1954. Terminava aí mais um ciclo desta minha existência. Assim, livre-me desse casamento e fiquei com a responsabilidade de uma filha para criar.

Sei perfeitamente que esse comportamento genioso herdado dos meus antepassados italianos, não é a melhor maneira de se resolver os problemas. Só fiz isso levada pela ignorância e por me sentir acuada igual a um animal, atacando primeiro para se defender. O *subcérebro abdominal* estava completamente ativado, não deixando espaço para o raciocínio controlar os acontecimentos naquele momento. Não estou me justificando, e sim mostrando o quanto nosso emocional descontrolado pode nos levar a tomar atitudes das quais nos arrependemos. Hoje, minha reação seria muito diferente, usaria meu raciocínio para resolver meus problemas, não deixando chegar até esse ponto de insatisfação íntima.

Sentia-me triste, sozinha e abandonada, sem alguém com quem pudesse desabafar. Coloquei toda a esperança

de ver-me livre da casa de meus pais naquele casamento e, nesse momento, via tudo se desmoronar violentamente.

Tinha até vontade de morrer, sem qualquer perspectiva de mudar minha vida. Papai não me deixaria trabalhar fora, com uma criança de dois anos e um mês. Nesta idade, elas precisam de cuidados e dão muito trabalho.

A semana do carnaval começaria no sábado seguinte. Sempre gostei da alegria dessa data. No domingo de carnaval, minha mãe pediu para papai nos levar à cidade. Ela sabia que eu gostava dessa festa e queria me dar um pouco de alegria.

Naquele momento, mamãe não sabia que havia deixado um bilhete embaixo do travesseiro. Despedia-me deles, agradecendo e pedindo desculpas por ter causado tantos transtornos à vida deles, e pedia para cuidarem de minha filha. Tinha dado muitos aborrecimentos para eles e pretendia acabar com a minha vida aos 20 anos de idade.

Meu pai era um cavalheiro nato, mesmo sendo quase analfabeto. Vendo seu cuidado comigo e com a menina nos meus braços, fiquei imaginando o sofrimento deles se fizesse o planejado. Não tive coragem suficiente.

Aos poucos, fui me contagiando com o pensamento de alegria, preponderante naquele período de carnaval, e reagi modificando minha ideia anterior. Ao chegarmos em casa, fui correndo apanhar o bilhete e rasguei-o.

Devo ter dado muito trabalho aos amparadores. Talvez eles tenham aproveitado os pensamentos, que juntamente com os sentimentos e as energias das pessoas, formam o *holopense* festivo do carnaval para ajudar-me

a sair daquela tristeza. No entanto, nesses dias de festas públicas, eles precisam trabalhar em dobro. Além de cuidar dos amparandos e afastar os assediadores, precisam inspirar as pessoas à nossa volta. No caso, minha mãe sendo intuída para sairmos de casa, favoreceu o desassédio.

Meu marido me procurou diversas vezes para voltarmos a viver juntos novamente. Neguei sempre, pois não queria mais saber dele. Estava me preparando para trabalhar e garantir meu próprio sustento.

Eu tinha aprendido bem a lição ensinada por ele. Apanhar de marido nunca mais, enquanto vida tivesse. Assim, foi aos poucos sumindo de minha vida, não me procurando mais, nem mesmo para ver a filha.

Hoje, tenho mais conhecimento de minha personalidade. Posso afirmar que um dos meus *trafores* é justamente a perseverança e determinação em alcançar os objetivos planejados. Custo a tomar uma decisão, mas, ao tomá-la, não volto atrás.

Ao chegarmos ao período das comemorações de São João e São Pedro, meu irmão levou-me à casa de sua noiva para me divertir um pouco.

A vizinhança da rua inteira participava com comidas da época, fogos, brincadeiras, fogueira. Até arranjaram roupas para mim. Assim, pude dançar a quadrilha junto com as outras moças e rapazes, filhos das famílias vizinhas.

Estava feliz, vivenciando uma liberdade provisória e nem me lembrava de ser uma mulher separada do marido. Diverti-me igual a uma adolescente completamente sem culpa. Era minha primeira festa longe das

vistas dos meus pais, pois não tinham vida social. Só quem vivencia a falta de liberdade, sabe o sabor da alegria trazida por esses momentos.

Fiz par com um rapaz, tendo descoberto depois que era irmão da noiva do meu irmão. Começamos aí um namoro. Encontrávamo-nos às escondidas até que, um dia, me fez uma proposta para sair com ele. Disse-me não poder acreditar que sendo eu uma moça nova e separada do marido, ainda não havia me relacionado ou saído com ninguém.

No início, me entristecia ao sentir que o interesse dele era só esse. Mas, ia me fazendo de desentendida, tocando o namoro para frente até sua mãe descobrir. Foi um rebuliço na família. Minha futura cunhada deu ultimato ao meu irmão, dizendo para eu terminar o namoro com o irmão dela, senão ela terminaria o noivado. Ele ficou em pânico, pois gostava muito da noiva.

Tendo em vista minha demora em tomar uma decisão, a mãe do rapaz enviou-me um recado para ir até sua casa, pois precisava falar comigo.

Ao chegar, ela me levou até a igreja perto de sua casa dizendo que o padre queria falar comigo. Apresentou-me e foi embora, deixando-me sozinha com o padre. Ele falou sobre a vida, sobre o lar não poder ser maculado por uma mulher sem marido, e sobre o rapaz com quem eu estava saindo ser filho de família e não poder se envolver com pessoa igual a mim. Não sei como me contive. Saí da igreja me sentindo a última das prostitutas.

Havia jurado desde a minha primeira e última comunhão, não chegar jamais perto de um padre, mas,

a mãe do rapaz, praticamente me intimou a ir falar com esse amigo dela. Para não desrespeitá-la, obedeci.

Nunca mais falei com o tal rapaz. Assim também terminaram muitos outros relacionamentos em que tentei aproximar-me de *rapazes de família*.

Não me sentia pecadora, e não via possibilidade de reparar o erro do qual me acusavam de ter cometido. Acho que ninguém deve se sentir sem chance para recomçar a vida.

Meu irmão ficou feliz e casou-se com a moça. Nem no casamento compareci. A esposa de meu irmão não gostava de minha mãe e o afastou de nosso convívio. Ele ia visitá-la às escondidas. Há poucos anos, soube, por pessoa amiga de minha mãe, que ele dessomou e nunca fomos avisados.

Até nas casas de minhas tias sentia certo preconceito. Principalmente dos parentes da parte de meu pai, pois não tinham muita intimidade conosco. Uma das tias até me proibiu de visitá-la para não desencaminhar seus filhos. Marcaram-me muito essas atitudes dos meus próprios parentes.

Nessa ocasião, certo dia, quando ajudava minha mãe nos afazeres domésticos, o carteiro chamou no portão e fui atender. Era uma carta para meu pai. Mamãe mandou abrir para ver se era algum negócio urgente.

Tamanha foi a surpresa, pois se tratava de uma carta anônima falando muito mal de mim. Dizia que eu era uma vagabunda e bem fez meu marido abandonando-me. Afirmava ter eu já saído com alguns rapazes de minha rua, e outros estavam esperando a vez. Fiquei apavorada

e minha mãe mandou rasgar a carta antes que meu pai visse. Se caísse nas mãos dele, levaria uma boa surra ou seria expulsa de casa, ou as duas coisas.

Embora recebesse muitas propostas, até de homens casados, seria incapaz de fazer uma coisa daquelas às quais a carta se referia. Mas, meu pai, se recebesse a carta, certamente acreditaria nela e não em mim.

Esses acontecimentos foram sendo armazenados no meu subconsciente. Sentia-me desrespeitada pelas pessoas conhecidas desde a infância. Marcaram fundo no meu íntimo e, mais tarde, vieram à tona com um grande sentimento de revolta.

Eu não sabia que isso era só o começo dos preconceitos a serem enfrentados. Sentia-me forte em não ceder às propostas, levando em consideração a sinceridade para com os meus vizinhos.

04. VIDA PROFISSIONAL: ASSÉDIO SEXUAL (1955-1958)

Corpo humano. “Você vive com otimismo, amor, esperança, entusiasmo e alegria?

Se não vive com estas características é porque não está aplicando bem a sua vida intrafísica. (...) Se você não usa bem o seu cérebro como vai querer usar bem todo o seu corpo humano?

Se você não usa bem o seu soma como vai querer usar bem os outros veículos de manifestação do seu holossoma?”

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 278).

Afinização pensênica. “Por viver sempre com outras consciências, em função das ECs ou energias conscienciais que irradia, a sua consciência tem afinização predominantemente com outras consciências, que se assemelham a você ou do seu nível evolutivo”

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 215).

Em novembro do mesmo ano da separação, 1954, minha prima foi passar o domingo lá em casa. Almoçamos, conversamos, contei o ocorrido com o fim do namoro.

Meu primo, filho da tia que não me queria em sua casa, chegou, era um rapaz de 16 anos, na época, e nos convidou para irmos ao cinema na Cinelândia, pois estava passando um filme épico chamado *O Manto Sagrado*.

Com o consentimento de minha mãe, nos arrumamos e fomos ao cinema. Enfrentamos uma fila imensa até entrarmos para assistir ao filme. Não sabíamos que a projeção do filme duraria 3 horas, sem contar a propaganda e, ao sairmos, já havia anoitecido. Levamos um

tremendo susto porque minha prima não tinha a permissão da mãe dela, iria somente até minha casa e retornaria antes de anoitecer.

Naquele tempo existia lotação, uma espécie de microônibus veloz que passava pela Avenida Brasil, no caminho mais rápido. Fomos direto levar a prima em casa. Ouvimos as broncas de minha madrinha, chorando ao ver a filha sã e salva, mas perdoadando-nos pelo susto.

Pegamos outro lotação e fomos para minha casa onde imaginava não haver nenhum problema, pois saí com o consentimento de minha mãe. Grande engano meu.

Depois de jantarmos, meu primo e eu conversávamos a respeito do filme, comentando algumas cenas. Nem me dei conta de que, ao chegarmos, meu pai estava sentado à mesa lendo o jornal, e continuou assim durante todo o tempo em que jantamos e arrumamos a cozinha.

Pensei que mamãe já estivesse dormindo com minha filha, pois não apareceu nem com nossa conversação, porém, não estranhei o fato.

Papai não participou da conversa. Meu primo pediu sua benção se despedindo. Fui levá-lo até a porta da sala, não o acompanhando até o portão. Ao me voltar, dei de cara com o meu pai perguntando-me:

– Com ordem de quem você foi ao cinema?

Eu respondi:

– Foi com ordem da mamãe e argumentei:

– Que tem de mais ir ao cinema com os meus primos?

Por ter respondido, levei uma bofetada fazendo-me rodar em volta da mesa. Foi muito grande a surpresa,

e tornei a encarar o meu pai e, aos gritos, botei para fora toda a revolta sentida. Disse ser uma prisioneira e estava pagando bem caro pela casa e comida oferecidos. Não estava aguentando mais ser tratada igual a uma criança, tendo que obedecer a ordens querendo ou não. Precisavam ter confiança em mim.

Hoje penso que foi outra atitude minha, tomada naquele momento, sabendo das consequências dos atos não racionalizados.

Somente a própria pessoa pode colocar fim aos conflitos no momento de decidir sobre o rumo de sua vida e de sua evolução. A independência traz a liberdade e a responsabilidade, mas deve ser construída a cada dia e a cada atitude. Foi um momento chave em minha vida. Sabia o que queria, mas não sabia como começar a colocar em prática essa decisão.

Ao ouvir a discussão, minha mãe apareceu e conseguiu apaziguar e desfazer a confusão. Ao me refazer da bofetada, tomei a decisão de trabalhar para sustentar a mim e à minha filha, quisessem ou não, e eles sabiam de minha perseverança, ou teimosia.

Até hoje, não sei qual o pensamento de meu pai para agir daquela maneira. Sinceramente, não acredito que imaginou existir algo entre meu primo e eu.

Na semana seguinte, fui ao colégio onde estudara. Falei com meus antigos professores da necessidade de fazer uma reciclagem de português, matemática e datilografia em pelo menos um mês. Contei sobre a separação do marido e sobre o desejo de trabalhar e tornar-me uma pessoa independente. Eles, além de me apoiarem, ainda fizeram comentários sobre a maneira dos meus

pais me educarem, sem ter completado os estudos e sem uma profissão para me preparar para a vida adulta.

Vendi louças, panelas, roupas de cama e mesa e outras peças ainda restantes do casamento e consegui o dinheiro necessário para pagar o colégio.

Estava me sentindo gente, gostando de mim mesma, e me preparando para enfrentar o primeiro emprego de minha vida. Tinha visto no jornal, uma vaga de vendedora e outra de escriturária em uma grande loja de departamentos.

Meu maior problema era não conhecer nenhuma rua da cidade e precisar de acompanhante para ir até o local do possível emprego. Grande foi a surpresa quando minha mãe disse-me que meu pai seria meu acompanhante para fazer a prova de seleção dos candidatos.

De minha família – papai, mamãe, eu e meu irmão, só eu era possuidora de uma curiosidade incontrolável. Não podia ouvir um assunto novo e lá vinha uma enxurrada de perguntas que eles não sabiam responder. Como aprender se eles também não sabiam? Precisava tomar mesmo uma decisão em minha vida.

Acredito na intervenção de minha mãe para convencê-lo. Ela sabia que quando eu queria alguma coisa, iria conseguir de um jeito ou de outro. Haja vista o ocorrido ao querer me casar. Então cederam à minha vontade.

Fui aprovada para trabalhar nos escritórios da firma, mas eles me perguntaram se aceitaria ficar na loja. Era fim de ano e precisavam de moças de boa aparência no atendimento ao público, eu concordei. Assim, comecei essa nova experiência.

No primeiro dia de trabalho ouvi no refeitório um falatório das colegas referente a uma pessoa que não era mais moça e se fazia passar por virgem. Era o *tititi* natural de quase todos os ambientes de trabalho. Como se a honra de uma mulher estivesse nesse detalhe. Quão atrasada estava a humanidade! Eram muitos os preconceitos. Ainda existem, mas em menor intensidade, e a liberdade de escolha já está sendo absorvida pela sociedade.

Pensei que, se tomassem conhecimento de que eu era uma mulher separada do marido, com uma filha para criar, com apenas 21 anos de idade, não seria muito bem recebida no meio delas. Minhas tias também diziam que deveria me calar quanto ao meu verdadeiro estado civil, senão iria *chover* homens *bem intencionados* querendo tirar proveito de minha inexperiência e imaturidade.

Hoje é bem menor esse tipo de preconceito, as pessoas já estão com as mentes mais abertas para aceitar esses acontecimentos.

Forcei minha personalidade espontânea e comunicativa, e falava só o necessário com os colegas. A repressão nos faz mentir e a usar máscaras.

Fui notada por um rapaz que trabalhava na sessão ao lado. Pediu para me acompanhar à saída e consenti. Sendo época de Natal, trabalhávamos até às 22 horas. Morando no subúrbio, longe do trabalho, e tendo uma boa distância para andar até minha casa, o oferecimento foi oportuno.

Após algum tempo, o acompanhante virou meu namorado, mas sem saber de meu passado. Percebia suas boas intenções.

Na esquina de minha rua havia um botequim funcionando até tarde. Numa noite, quando voltava para casa, ao passar em frente ao botequim, ouvi um cochicho de alguns frequentadores, questionando de maneira preconceituosa, de onde eu deveria estar vindo, devido ao horário tardio.

Ao chegar em casa, fiquei algum tempo no jardim chorando baixinho, muito magoada com os pensamentos maldosos a meu respeito. Eram pais de família, tinham filhas mais ou menos de minha idade. Eles proibiram as filhas de falarem comigo, como se eu tivesse uma doença grave contagiosa. Eram os frutos da sociedade da época.

Depois das festas de Natal, os funcionários admitidos para a loja foram despedidos, e eu também. Aproveitei o ensejo para propor o término do namoro. O rapaz disse suas intenções de pedir ao meu pai, minha mão em casamento. Queria constituir família e me apresentar à sua família também. Quase morri de susto, não esperava ter inspirado tanto amor, em tão pouco tempo.

O medo que sentia de meu pai era muito grande e o meu segredo maior ainda. Tinha até vergonha de falar sobre o namoro. Preocupava-me com o pensamento das pessoas ao meu respeito. Perguntava-me se a família dele me aceitaria.

Pedi um tempo para pensar, na primeira semana do ano a se iniciar (1955) lhe daria uma resposta.

Passamos o Natal e o Ano Novo em família, como sempre. No dia 5 de janeiro, minha filha completava três aninhos e festejamos modestamente. Ao cantarmos os parabéns, tive um susto ao ver pela janela o meu namorado no jardim.

Ainda não tinha dado uma resposta ao rapaz até essa data, e foi me cobrar lá em casa. Queria a todo custo falar com meu pai. Com muito jeito, levei-o para fora do jardim prometendo ir ao seu encontro mais tarde.

Meu pai percebeu a perturbação e me perguntou qual a causa. Muito sem graça, não sabendo responder, pedi a benção, seguindo o ritual com o qual fui criada, e fui para a cama, não indo ao encontro do rapaz. Era mais medo do que respeito o meu sentimento por meu pai.

No dia seguinte, fui ao escritório da loja com um telegrama recebido me chamando para voltar a trabalhar, desta vez na sessão de contabilidade.

Na hora do almoço, fui ao encontro do rapaz para dar uma satisfação por não ter podido sair no dia anterior e reatamos o namoro, mas nada de falar com meu pai por enquanto, até nos conhecermos melhor. Ele concordou.

Foi um mês tranquilo, porém, estava com os nervos à flor da pele. Com a falta de sexo, meus hormônios estavam explodindo. Ficava irritada com facilidade, minha pele pipocava de espinhas, causando um grande mal-estar.

O medo de engravidar novamente e dos pensamentos maldosos dos parentes e vizinhos era muito grande. Resolvi pedir demissão da firma e desaparecer, terminando o namoro, desta vez para sempre.

O rapaz não se conformou e disse querer casar-se comigo, mesmo eu não sendo mais virgem, na época um forte requisito para o casamento, exigência mesmo.

A falta de conhecimento e domínio sobre a energia sexual é um grande obstáculo para a evolução consciencial. Sem autodomínio da sua sexualidade, a pessoa

torna-se presa fácil de assediadores. A carência pode levar a consciência a cometer erros dos quais mais tarde se arrependerá.

Perdemos muitas oportunidades em nossa existência devido à precipitação, como aconteceu durante minha adolescência. A imaturidade e ignorância são obstáculos à consciência interessada em evoluir.

Depois de algum tempo desempregada, consegui me firmar como demonstradora de produtos de beleza. Fui designada para outra loja do ramo, ganhando relativamente bem para a época, o que me proporcionou melhorar meu vestuário e ajudar em casa.

Passados alguns meses, comecei a namorar outro rapaz para ver se o anterior, me vendo acompanhada, se desiludisse e conformasse com o fim de nosso namoro. Ficava penalizada vendo-o, quase todos os dias, escondido atrás de um poste me vigiando. De nada adiantou. Com o objetivo de desaparecer da vista dele, pedi demissão do emprego outra vez.

Resolvi mudar de ramo e fui trabalhar em uma firma de seguros. Fiquei na sessão de contabilidade, na qual precisava escrever nos livros todo o movimento das contas da firma. Trabalhava em uma sala com mais três moças e o nosso chefe. Era um rapaz moreno de mais ou menos 35 anos de idade, casado, e quase não parava na sala e me olhava muito. Deixava-me sem graça perante as colegas, que cochichavam umas com as outras.

Como sempre, procurava não me enturmar para não me denunciar, mantendo distância. Agora, com mais vivência, percebo o fato desse meu retraimento passar

a impressão de ser uma pessoa orgulhosa, antipática e superior. Elas não me conheciam e nem eu mesma. Não teria essa atitude se tivesse o aprendizado de hoje.

Quando ia fazer um mês no emprego, o chefe foi até minha mesa pedindo para eu ficar um pouco além do expediente, pois iria me ensinar outro trabalho referente aos livros da sessão, e eu, sem maldade, concordei.

Quando as colegas tinham ido embora, ele levou-me a outra sala, sentou-se em um sofá com uns livros na mão e mandou-me sentar ao seu lado. Obedeci um pouco desconfiada e, nesse momento, ele se jogou em cima de mim beijando-me e tentando tirar minha blusa.

Esse moço não me conhecia, e também não conhecia minha raiva. Tamanha foi sua surpresa, pois, além de conseguir sair do seu abraço, ainda lhe dei umas boas bofetadas. Saí correndo pelo corredor, indo parar precipitadamente na sala do diretor, fazendo minha queixa do referido chefe. Calmamente me perguntou:

– O que a senhora quer? Colocar um chefe de família na rua por uma bobagem dessas? Por uma funcionária de um mês? Amanhã passe no caixa e receba o seu dinheiro, porque está demitida. Virou-se fazendo sinal com as mãos para eu sair da sua sala, pois parecia muito aborrecido. Saí arrasada da sala e da firma.

Tinha feito uma prova de seleção muito boa e apreciada pela responsável do departamento de pessoal. Lembrei que tive uma intuição sobre a falta de respeito de meu chefe. Devia ter acesso a esse departamento, ficando sabendo de meu estado civil e resolveu se aproveitar da situação. Hoje, com mais malícia da personalidade de certas pessoas, ocorreu-me o *tititi* dos funcionários

vendo uma moça que parecia uma adolescente já ter história de casamento desfeito.

Chorei muito no escritório da agência de emprego que havia me indicado para essa firma. Ao relatar para o dono da agência o ocorrido, ficou muito revoltado dizendo sobre esses homens não pensarem na possibilidade de suas filhas poderem passar por essas experiências também. Consolou-me dizendo que eu era muito inteligente e boa datilógrafa e iria me arranjar outro emprego. Sabia de meu problema financeiro e de minha responsabilidade com a filha.

Nessa mesma semana fui fazer outra prova de seleção em outra firma e, mais uma vez, fui muito elogiada pela pessoa que corrigiu minha prova e acompanhou o meu tempo na máquina de escrever: 120 batidas por minuto. Isso era importante naquele tempo. As máquinas eram pesadas, diferentes das de hoje. Encaminhou-me para ser entrevistada pelo chefe da seção.

Tudo ia bem até o momento do chefe verificar minha carteira de trabalho. Ao ver meu estado civil de casada, perguntou se o meu marido estava de acordo com a esposa trabalhar fora. Muito sincera, disse a verdade. Meu pai estava tratando com um advogado para iniciar o meu desquite, porque o casamento não dera certo. Naquele tempo não existia a lei do divórcio.

Vi, com surpresa, rasgar minha prova e jogá-la no lixo dizendo que a firma não aceitava mulheres desquitadas em seu quadro de funcionárias. Levantei-me, e olhando bem em seus olhos perguntei se tinha filhas, pois elas, um dia, poderiam estar no meu lugar, passando pela mesma humilhação. Saí da sala em lágrimas.

Essas decepções foram se juntando com outras e marcando minha personalidade. Estava sentindo falta do apoio de um homem, de um lar, mas continuava persistente em ser independente. Iria em frente, até não aguentar mais.

Resolvi tirar outra carteira profissional com o nome de solteira, mas, por princípio ético, nunca me permiti usá-la, porque sabia que era falsa. Essa ética é um *trafor* e sempre me acompanhou durante todo o tempo em que trabalhei para me sustentar. Também não gostava, e não gosto, de mentir e já bastava precisar mentir para me preservar quanto a ser uma mulher casada e precisar esconder esse fato.

Quase um mês depois desse acontecimento, fui trabalhar em um escritório de publicidade, onde aprendi a lidar com a mídia e sobre a redação de propaganda. Ficava impressionada com o fato das pessoas gastarem tanta energia e neurônios para conseguir escrever um texto para agradar ao cliente e aos superiores da firma. Quando agradavam a um, o outro não concordava, e começava tudo de novo. Foi o emprego no qual mais gostei de trabalhar. Tinha muito movimento, e um dia nunca era igual ao outro.

Não sei se existia teste vocacional naquele tempo, mas acredito que, se tivesse me submetido a algum, o resultado seria para trabalhar com o público, devido à facilidade para a comunicação. Jamais gostei de ambientes fechados. Até hoje sou assim, não suporto monotonia e não gosto de me sentir presa em nada.

Fui convidada para posar para os desenhistas durante uma campanha de publicidade para sutiã de marca

muito conhecida. Não aceitei por vergonha. Nem quis me aprofundar no assunto e me informar sobre a carreira de modelo de busto. Na época, seria muita ousadia para mim. Perdi uma oportunidade para melhorar o meu salário por algum tempo.

Eu era muito ingênua e imaginava que só o chefe do departamento de pessoal sabia de meu verdadeiro estado civil. Só descobri que meus colegas sabiam de meu segredo devido a uma proposta de um senhor de mais ou menos 40 anos e muito meu amigo.

Sua esposa não podia ter filho devido a uma cirurgia na qual lhe foi retirado o útero. Propôs-me que gerasse um filho dele para eles criarem. A esposa estaria de acordo. Teria o grande sonho da esposa realizado com minha colaboração. Naquele tempo não se falava em barriga de aluguel.

Em troca, ele compraria um apartamento onde eu desejasse aqui no Rio de Janeiro, colocaria em meu nome e me daria uma boa pensão. Disse-me garantir um acompanhamento pré-natal e o parto bem assistido com bons médicos e todos os recursos de um bom hospital.

Nem perdi tempo para pensar, embora fosse uma proposta tentadora para uma moça simples e suburbana. Disse-lhe que não aceitava devido ao meu conceito ético de que filho não deve ser dado como fazemos com filhotes dos animais.

Sentia-me chocada com tamanha falta de sensatez. Afinal, o que pensava de mim? Não estava à venda. Por ele ter dinheiro não precisava me humilhar com o absurdo daquela proposta. Passei então a evitá-lo. Depois de

alguns dias, procurou-me e se desculpou, pois não sabia que ficaria tão aborrecida e magoada.

Ia do trabalho para casa e de casa para o trabalho. Estava dando um tempo para mim e me adaptando mais ao conhecimento de meu novo trabalho. A intensa movimentação nesse trabalho me agradava, pois queria preencher minha mente e não pensar em namorados.

Pensei em fazer um curso de inglês, porque o colégio era no próprio prédio da firma, mas meu salário não dava para pagar. Não sei como, chegou ao conhecimento do diretor da companhia esse meu desejo. Recebi a proposta de fazer o curso e a firma pagaria. Seria descontado aos poucos de meu salário até ficar quites.

Fiquei feliz com a ideia até a hora de contá-la no refeitório para as colegas. Uma das moças disse-me que eles fizeram o mesmo com ela havia algum tempo, e ela aceitou. Teve proposta de ganhar bem mais em outra firma e, devido a ter gratidão por eles, não aceitou. Fiquei desencorajada, desistindo da ideia, pois poderia acontecer a mesma coisa comigo. Mais uma vez, por falta de discernimento, perdi uma boa oportunidade de melhorar minha cultura, pois ninguém tira da consciência o aprendizado adquirido.

Estávamos em agosto de 1956. Num domingo depois do almoço, recebi um convite de uma tia “quarentona”, da parte de meu pai, para ir com ela a uma dominigueira dançante, pois estava sem companhia. Estranhei, mas aceitei o convite.

Embora ela fosse conhecida como agenciadora de empregos e muito bem relacionada na firma onde

trabalhava, não me arranjaría emprego mesmo implorando. Isso pelo fato de ser separada do marido.

Algumas vezes, ficava com fome, devido às andanças pelas agências e ia procurá-la para arranjar-me um emprego; ela preferia dar-me algum dinheiro e me despachar. Tinha medo que eu a envergonhasse, sujasse o seu nome. Custei muito para entender esse modo dela pensar, discriminando-me.

Estava prestes a acontecer outro encontro que mudaria completamente minha vida. Estávamos sentadas à mesa, tomando guaraná e apreciando o baile, quando um senhor veio me tirar para dançar. Sorrindo, respondi que não sabia dar um passo de dança e tinha muita vergonha de cair no ridículo. Ele ignorou minha resposta e, pegando uma cadeira ao lado, sentou-se à mesa conosco, puxando conversa.

Ficamos sem saber o que dizer, mas insistia em falar dele, da guerra, quando fora piloto e outros assuntos não interessantes. Apontou para um casal dançando ao som da música *Arrivederci Roma*. Disse ser seu irmão mais novo e que, após o falecimento da mãe, tomou conta do menino dando-lhe instrução em um colégio interno e preparando-o para ser um homem íntegro.

Após terminar a dança, o rapaz veio sentar-se conosco e se apresentou com uma alegria tão contagiante que ficamos envolvidas. Fiquei encantada, pois não estava acostumada com esses ambientes.

Depois de alguns goles de cerveja, que eles trouxeram da mesa deles, já não estava mais tão envergonhada. Fui convencida a dar uns passos de dança, tendo

ele se proposto a me ensinar. Minha tia dançou com o irmão dele e passamos uma tarde muito alegre.

Quando nos despedimos, pediu o meu telefone e dei, sentindo necessidade de um namorado alegre e brincalhão para alegrar minha vida. Quantas surpresas a vida nos prepara. Esse acontecimento era desconhecido para mim e fiquei deslumbrada.

Todos os dias, após o trabalho, ficávamos namorando sentados em um banco no Passeio Público, praça do Rio de Janeiro. Completamos dois meses de namoro sério, sem faltar com o devido respeito. Um desses dias, minha bolsa caiu no chão espalhando tudo, inclusive minha carteira de trabalho, e ele recolheu. Brincando, disse querer ver se eu ganhava mais do que ele.

Ao abrir a carteira, mudou a expressão do rosto. Ficou sisudo e me interpelou quanto ao casamento e a filha. Não sabia o que dizer. Tinha me esquecido que a carteira de trabalho era uma arma contra mim. Desculpava-me e só fazia chorar, dizendo que, se tivesse dito a verdade, ele não me respeitaria como fizera até aquele dia.

Ele me olhou e, sacudindo-me pelos ombros, disse sentir-se enganado e se quisesse mulher sabia onde encontrar. Foi embora me deixando no banco do jardim. Feri profundamente o seu orgulho.

No dia seguinte, saí cedo de casa para minha mãe não ver os meus olhos inchados de tanto chorar. No trabalho não tive como esconder das colegas. Uma delas, minha confidente, me perguntou:

– O que você esperava? Vivendo de mentiras, sem assumir os seus erros? Querendo viver como se fosse

uma donzela? Onde encontrará um homem para te respeitar sem saber da verdade? Afirmou que isso não existia. Dizia para acordar enquanto era tempo.

Fiquei muito abalada. No fundo do coração, concordei com ela. Meu receio era produto dos traumas com o meu casamento, as advertências dos meus pais e parentes para eu ocultar a verdade sobre meu estado civil. Tudo isso me levou a viver de modo completamente falso. Não sabia ter autoestima e amor-próprio.

Esperei ele me procurar. Foi quando o seu irmão telefonou me convidando para a festa surpresa do aniversário dele, em uma boate. Disse sobre estarmos brigados, mas insistiu, dizendo que sabia do ocorrido e que o irmão estava muito triste. Era esse o motivo dos familiares resolverem fazer uma festa surpresa para ele.

Depois de pensar um pouco e lembrar a conversa com a amiga confidente, resolvi encarar minha verdadeira identidade e aceitei o convite. Resolvi tentar mais uma vez a ficar na ilusão de não saber se daria certo ou não. Paguei para ver. Sem saber, estava aplicando naquele momento, uma frase ouvida muito tempo depois: *Ninguém deve ter medo de errar e sim, de não tentar*. Se não tentarmos, nunca saberemos se tomamos a decisão certa ou não.

Era uma festa muito bonita. Conheci alguns familiares e amigos dele. Estava muito emocionada por estar em uma boate pela primeira vez. Deslumbrada, tomei alguns goles das bebidas oferecidas. Fui ficando incapaz de raciocinar com lucidez. Acordei na manhã seguinte em um quarto de hotel com o rapaz ao meu lado, dizendo ter ganhado o melhor presente de aniversário de toda a sua vida.

A bebida e outras drogas nos fazem agir de maneira inconsequente. Coloca em risco nossa saúde e aumentam o perigo de uma gravidez não programada, nem desejada. Sem falar no risco de contaminação das doenças sexualmente transmissíveis.

Os meses foram passando e, para acompanhá-lo nos bailes conversei com minha mãe sobre eu alugar uma vaga para moças na cidade perto de meu trabalho. Economizaria o tempo gasto com a condução, podendo ter algumas horas de sono a mais, descontando as vividas nos bailes. Ela iria preparar o meu pai primeiro e me pediu para esperar um pouco.

Ocultando o fato dos bailes, falei sobre o namorado e ela, mais uma vez, mandou tomar cuidado para não engravidar. Ensinou-me a fazer uma tabela, pois não havia pílulas naquele tempo. Porém, ao desmaiar quando preparava o café da manhã no apartamento da irmã dele, descobri, com grande surpresa, que estava grávida.

Entrei em pânico, mas ele ficou muito feliz com a notícia de ser pai. Decidiu falar com a irmã, quando voltasse das férias, para deixar morarmos com ela, pois havia três quartos no apartamento.

Além da irmã dele não me querer morando com ela, ainda tomou a decisão de ir ao meu trabalho e, na frente dos meus colegas, me descompôs, chamando-me de nomes feios. Dizia que para eu sair em desfrute com o irmão estava tudo bem, mas para compromisso não, o irmão era um rapaz de família para se casar com moça virgem e não com *uma qualquer*.

Foi um grande tumulto em meu trabalho onde, até aquele momento, era muito respeitada. Não sabendo

o que fazer, só chorava de vergonha. Minha confidente se dispôs a conversar com os colegas e os chefes, dizendo sobre meu grande problema escondido durante todo o tempo, que não me deixava ser uma pessoa alegre e expansiva como realmente era.

Sabendo que nunca mais seria respeitada na firma depois desse incidente, pedi minha demissão em caráter irrevogável. Infelizmente, naquela época, a sociedade não sabia da honra e do respeito de uma mulher estar em suas ações e comportamento. Puro preconceito!

Depois desses acontecimentos, fui ao escritório aonde meu namorado trabalhava, e contei todo o ocorrido com a visita da irmã dele.

Estava novamente desempregada. Terminei o nosso namoro, dizendo não querer um homem ao meu lado sempre governado ou dependente de outra pessoa.

Ele ficou sem saber como se explicar. Ao falar com a irmã, ela não o deixou perceber sua intenção de ir me afrontar.

Fiquei atônita com a gravidez não programada. Como me explicar perante minha mãe? E o medo de meu pai? A tal tabela falhou, ou não soube fazer corretamente? E agora? Resolvi fazer o aborto. Não tinha condições nem para me manter sozinha, como assumiria uma criança?

Meus pais já estavam criando minha filha e o pai não dava nem um tostão para a alimentação da menina. Como iria encarar minha família?

Recorri ao irmão de meu namorado que achou ser essa era a melhor solução, pois também achava que

o irmão não tinha ainda responsabilidade para arcar com as despesas de um filho; ainda estava se estruturando na vida profissional.

Providenciou um médico amigo dele e me ajudou na parte financeira, pois não tinha o dinheiro todo para pagar a despesa. Acompanhou-me ao consultório onde sofri física e consciencialmente, pois não era esse o meu desejo. Gostaria de poder ter o meu lar e criar os meus filhos com todo amor e amparo que as crianças precisam.

Contei somente para minha mãe e ela não foi contra a decisão de abortar a gestação devido ao aborrecimento junto a meu pai. Seria acusada de permitir minha *falta de vergonha*. Meu pai pensava assim.

Chorei a noite toda pensando no ato praticado, e via mentalmente o rostinho do neném. Custava a dormir e quando conseguia pegar no sono, sonhava estar sendo acusada de assassina. Foi um trauma que só consegui superar com muita dificuldade e ajuda dos amparadores.

Depois de alguns dias de repouso, fui à agência de empregos me candidatar para voltar a trabalhar. Quanto ao meu ex-namorado, ao encontrá-lo casualmente, abraçou-me e chorou copiosamente. Lamentou ter sido fraco e não ter tido forças para assumir o nosso neném, precisando ainda do apoio financeiro da irmã.

Comecei a trabalhar novamente no escritório de uma firma de plásticos. Fui vítima de outro assédio sexual e mais uma vez, fiquei desempregada.

Sempre me perguntava: Tenho cara de prostituta? Naquele tempo não era esse o nome dado, era muito

feito. Não entendia o porquê de tanto assédio. Não dava motivos para os meus colegas de trabalho pensasse mal de mim, tratava a todos com cordialidade, era educada e amiga sincera.

Com o conhecimento das energias e também dos reflexos trazidos para a vida atual, dos atos em vidas passadas, posso compreender melhor o porquê desse comportamento dos homens com quem convivia. Acredito ser o meu processo energético mal trabalhado que me denunciava; estava carente e minhas energias atraíam a eles, igualmente carentes, além da mentalidade estreita e preconceituosa dos homens daquela época.

Consegui outro emprego de secretária do gerente de uma firma de pneus. Era um depósito no subúrbio, em plena Avenida Brasil, onde me firmei por alguns meses. Éramos duas moças trabalhando com uma porção de homens rudes lidando com os pneus e sem acesso ao escritório. Havia também o gerente e o chefe da contabilidade. Esses senhores nos respeitavam e nos protegiam.

A moça que trabalhava comigo e com quem conversava pouco, ao fazer 18 anos mudou, repentinamente, seu modo de me tratar. Ficou prestativa, se oferecendo para ajudar em meu trabalho. Eu ensinava, ela era muito inteligente e talvez pudesse arranjar um emprego melhor. Ficamos amigas e confidentes. Ela namorava escondido da mãe, pois esta proibia o namoro devido ao rapaz, já com mais de 25 anos de idade, ainda não ter um emprego certo.

Um dia, ela me convidou para, na hora do almoço, ir a um centro de umbanda perto do trabalho. Queria

fazer uma consulta com o guia espiritual da dona do centro. Aceitei, porque também queria fazer à mesma coisa. Perguntei algo referente ao motivo pelo qual não me fixava nos meus empregos.

Não fiquei satisfeita. As respostas do tal guia espiritual não me esclareceram. Alguns dias depois, fiquei enjoada de meu emprego e, sem mais nem menos, pedi demissão.

Passados alguns meses, em outro emprego, encontrei com o senhor chefe da contabilidade, e ele me informou sobre a falência da firma. Minha *amiga* havia ficado em meu lugar.

Disse-me sobre ela ser uma tremenda macumbeira e conseguir o desejado. Se isso ocorreu, sem querer, ela me ajudou, pois recebi integralmente os valores referentes à rescisão e ela, com a falência da firma, ficou dependendo do acerto da justiça para receber os seus salários.

Enfim, depois de muito procurar, consegui me colocar em uma companhia do governo ganhando um bom salário e podendo ser mais independente financeiramente. Conquistei esse emprego, fazendo a prova de seleção às 3 horas da tarde, absolutamente em jejum, e tendo desmaiado de fome após bater o último ponto na máquina de escrever. Mesmo assim, fiz uma ótima prova e fui aprovada imediatamente.

Após quatro dias de trabalho, minha chefe, não aguentando os ciúmes vendo o chefe da seção me observando muito, resolveu rasgar um trabalho feito por mim. Dizia estar tudo errado, mas eu sabia que não estava. Furiosa, retirei os papéis das mãos dela e fui entregá-los

diretamente ao chefe da seção, passando por cima da hierarquia, pois já não tinha confiança nela.

Ao sair da sala do chefe, fui diretamente ao departamento de pessoal para pedir transferência de setor. Aceitaria ser telefonista, limpar banheiro, qualquer coisa. Já estava cansada de ser tão discriminada.

Fui informada que não havia jeito de me transferir e nem de permanecer no emprego devido à moça ser amante do chefe geral da nossa seção. Fiquei paralisada sem saber o que fazer de minha vida. Mais uma vez estava desempregada, com apenas quatro dias de trabalho. Desta vez, o motivo da demissão não chegou a ser assédio sexual e sim ciúme, que também é uma forma de assédio.

Eu era jovem e com uma vontade muito grande de vencer, mas sem me corromper para conseguir. Que estigma era esse? Por que perdia todos os meus empregos? Qual seria o tamanho de minha dívida referente a esse assunto? Qual deveria ser o traço de minha personalidade a me conduzir a essa situação? Quanto de pedágio ainda teria a pagar para superar esse *trafar* de minha personalidade?

Diversas vezes, perdi a oportunidade de raciocinar, ponderar e aceitar certos acontecimentos que me incomodavam justamente por ter esse comportamento agressivo.

Hoje, sei que o emocional descontrolado vai anulando o raciocínio e discernimento. Essa falha de minha personalidade me acompanha por toda minha vida. Sempre fui muito impulsiva. Estou trabalhando essa impulsividade para ter um saldo positivo em minha evolução.

Hoje, entendo: devido a essa falha passei por percalços que poderiam ter sido evitados. Um exemplo disso foi a perda dos meus empregos. Conquistava cargos bem remunerados e não sabia contornar os problemas de minhas energias, falta de experiência e lucidez, que, mal resolvidos, envolviam as pessoas a minha volta. Era também presa fácil para os homens com uma grande dose de malícia para tirarem proveito de minha ignorância.

O resultado era o esperado: ficava desempregada e revoltada. Hoje já não aconteceria assim. O estudo e conhecimento da Conscienciologia, junto com o domínio das energias, fariam com que o resultado fosse bem diferente e feliz.

A lei de causa e efeito existe, e estava tendo reflexos de meu passado. Contudo, minha imaturidade levou-me a agir por emoção, e não pelo raciocínio ponderado e compreensivo quanto às energias e tudo mais. Por isso estou, desde já, ainda nesta vida, dedicando-me à dinamização de minha evolução, tentando reparar os desajustes do passado, procurando fazer todo o possível para melhorar e saber reestruturar meus pensamentos, sentimentos e energias, ou seja, meus *pensesenes*. Desta forma, poderei atuar melhor nas próximas existências.

05. SOZINHA NA MULTIDÃO (1957-1958)

Serenão. "O seu comportamento atípico, não-convencional, assenta-se na recusa definitiva de promover a si mesmo nas ribaltas e enciclopédias da vida intrafísica."

Independência. "Seus meios energéticos, parapsíquicos, existenciais, e sua independência consciencial lhe permitem liberar-se de qualquer atividade alheia a seus próprios desejos e interesses em favor das outras consciências dentro da policarmalidade."

Liberdade. "Em uma Socin em que o povão faz rodas de gente em torno de cantores e jogadores de futebol, o anonimato do Serenão se justifica plenamente. Ele sabe expandir a liberdade na assistência ininterrupta que promove intra e extrafisicamente."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 758).

Dormia e acordava com o pensamento de que não estava no lugar onde gostaria. Será que não era esse o meu destino ou pré-destino? A decepção com o meu último emprego mexeu muito com minha cabeça. Quis dar um tempo e resolvi trabalhar por minha conta própria, ganhando pouco, andando muito, vendendo de tudo, perfumes, peças íntimas, roupas e outros objetos comprados com o pouco recebido da firma.

Um dia, conversando com as amigas, disse estar disposta até a procurar emprego em casa de família. Sabia cozinhar, limpar a casa, lavar, enfim, todos os serviços domésticos aprendidos com minha mãe. Era o que mais sabia fazer e fui educada para isso. Ao terminar de falar, ouvi em uníssono uma tremenda gargalhada das

moças. Surpresa, esperei passar o momento hilário e vi, mais uma vez, o tamanho de minha imaturidade. Elas me perguntavam quem seria louca o suficiente de empregar em seu lar, uma jovem, loura, bonitinha, de olhos azuis, e *desquitada*. Desquitada, naquela época, era sinônimo de prostituta. *Só se estivesse a fim de ficar sem marido!* Esses comentários serviam para me deixar mais agoniada ainda.

Aos poucos, fui voltando a ser eu mesma, alegre, comunicativa, conquistando outras amizades. Depois de algum tempo, já havia economizado algum dinheiro. O suficiente até para cuidar mais da aparência. Fiz amizade com algumas moças que moravam em um apartamento, dividindo as despesas e eram ótimas freguesas, pagando corretamente as prestações.

Uma delas me chamou para visitar boates e clubes de carnaval, frequentados por pessoas alegres e outras carentes iguais a mim. Ninguém iria perguntar pelo meu estado civil, se era uma mulher casada ou desquitada. Locais onde poderia me divertir e voltar a ser alegre e extrovertida.

Já estávamos no final do ano de 1957 e continuava lutando para conseguir me firmar em vendas. Em uma tarde de sábado, ao visitar as moças para receber as prestações, vi que estavam se arrumando para irem ao clube. Uma delas me convidou para ir também conhecer um baile pré-carnavalesco.

Embora gostasse de dançar, não achava muita graça em ficar pulando, suando e me cansando, igual às pessoas nos desfiles de carnaval de rua. Não tendo mais compromissos para aquele dia, resolvi acompanhá-las. Telefonei para minha mãe comunicando que iria com as moças e deveria dormir lá mesmo, devido ao baile acabar de madrugada.

Minha mãe não gostou nada da ideia de dormir fora e em casa de pessoas desconhecidas por ela. Falou, falou, mas concordou, mesmo porque ela sabia: eu só estava comunicando e não mais pedindo permissão. Afinal, já estava com 24 anos de vida e sentia necessidade de um lazer. Diverti-me a valer no baile.

Depois de algum tempo, aluguei uma vaga para moças e fui morar no centro da cidade, onde teria maior liberdade para trabalhar e me divertir.

Era uma casa de família com outras moças, onde umas trabalhavam em comércio e outras em escritório. Eram alegres, gostavam de sair à noite para cinemas e bailes. Enfim, pensei ter conquistado a tão sonhada liberdade. Grande engano meu! Estava à beira do precipício sem saber onde ficava o freio.

Não é fácil saber onde termina a liberdade e começa a libertinagem. Principalmente para uma jovem de subúrbio, criada sob repressão, que passou de menina a mulher sem ter vivenciado a fase da adolescência, e fascinada com a vida agitada dos bailes, clubes e boates.

Frequentar esses ambientes, onde ninguém perguntava quem era você, o que fazia, ou onde trabalhava, me agradava muito. Não precisava mascarar minha personalidade, sendo expansiva e alegre como era de minha natureza.

Chegaram as festas do fim de ano. Fui passar o Natal junto a meus pais e filha. Aproveitei para avisar minha mãe onde iria passar o Ano Novo, no clube com as amigas. Ela não gostou, mas se conformou.

Ao chegarmos ao clube a animação era geral. Fui tomada pela alegria com dois copos de cerveja, ficando bem descontraída, porém estava lúcida (só me animava se

tomasse alguma bebida, do contrário, nem saía da mesa de tão envergonhada). Esse é um dos grandes problemas da bebida: buscamos nela a coragem que deveria ser nossa.

Estava tudo bem. Brincava com todos de nossa roda, até o momento da virada do ano. De repente, estava chorando convulsivamente, sentindo um aperto no coração. Dei vazão a esse sentimento estranho até para mim mesma, sendo consolada pelas amigas, não sabendo como proceder. Entrei o ano de 1958 debaixo de muitas lágrimas.

Depois de muito tempo, pude compreender melhor o sentimento daquele momento. Assistindo a uma palestra da pesquisadora Málu Balona, no IIPC, soube como nos sentimos quando percebemos ou intuímos, mesmo sem muita clareza, estar fora, ou desviando-nos de nossa programação existencial. Veio-me à mente como num *flash*, em plena sala de aula, aquela cena de minha vida. Fiquei pensando: onde gostaria de estar naquele momento? No meu lar, com um companheiro, e levando uma vida normal com minha filha e minha família, não naquele lugar.

Mais tarde, lendo o livro de Málu Balona, aprendi como esse sentimento interfere em nossa vida diária. Realmente sentia-me como um *estranho no ninho* ou com a *Síndrome do Estrangeiro* (BALONA, 1998).

Esse acontecimento foi um pressentimento de algo muito difícil, prestes a acontecer naquele ano, e realmente aconteceu. Afinizada com pessoas sem compromissos sérios, fui me deixando levar a uma série de descaminhos apresentados pela vida naquele momento. Tão cansada de passar até necessidades, deixava o barco no mar para ver em que porto iria ancorar. Só quem passa fome sabe que ela é um poderoso abismo que pode degradar o ser humano.

Hoje, vejo o quanto a imaturidade e a falta de discernimento levam muitas consciências a caírem nas mesmas armadilhas em que caí.

O dinheiro conseguido com as vendas, muitas vezes acabava antes do final do mês. Poderia ir para casa de minha mãe para me alimentar, mas isso me deixava mal por dois motivos muito fortes: primeiro porque as recordações eram motivos de uma tremenda dor de cabeça. Parecia haver um torniquete apertando meu cérebro e tudo voltava em minha mente. Eram as energias densas das brigas entre mim e meu ex-marido, ainda presentes na casa. Não sabia me desfazer delas e sentia os seus efeitos.

O segundo motivo era que meus pais se aborreciam, pois queriam minha volta para viver novamente com eles, e que deixasse de vez essa mania de ser independente. Diziam ser meu dever ajudar a mamãe nos trabalhos de casa e criar a filha, mas, para mim, isso significava ser dominada outra vez.

Em uma dessas visitas, minha mãe intimou-me dizendo-me, por ordens de meu pai, que se continuasse a ir lá só para comer, dormir algumas noites e ver a filha, ele sairia de casa. Teria de escolher: ele ou eu.

Obstinada a encontrar minha liberdade e independência, saí definitivamente levando alguns pertences. Só iria ver minha filha quando meu pai não estivesse em casa. Nem passava pela minha cabeça ver meu pai saindo de casa devido aos meus problemas. Sabendo da união existente entre eles, nunca permitiria uma coisa dessas.

Sentia-me como peixe fora d'água, porém não perdia a esperança de ter o meu lar algum dia. Durante todo esse período, sentia-me como se estivesse sozinha na

multidão, de nada me adiantavam tantas festas, alegrias e, principalmente, a tão sonhada liberdade.

A imaturidade nos faz pensar que sabemos tudo da vida e vamos praticando todo tipo de besteiras, tendo pedágio a pagar depois a cada acerto de contas. Se tivesse as informações de hoje sobre Conscienciologia e Projeciologia, teria usado meu livre-arbítrio para mudar o curso de minha vida. Seria uma *inversora existencial*, planejando minha vida de maneira lúcida e dispondo-me a investir na evolução desde a mocidade. Não teria perdido tanto tempo desta vida humana em buscar os prazeres da vida material, esquecendo totalmente os conhecimentos adquiridos nas outras vidas e nos períodos intermissivos.

A repressão com que fui criada me deixou despreparada para viver uma vida normal, de acordo com os padrões da sociedade da época.

Hoje, a liberdade exagerada, sem freio, faz os jovens se marginalizarem também. A sociedade deve se conscientizar de que precisa encontrar o caminho do equilíbrio através do discernimento e lucidez. As consciências precisam ajudar-se na autoanálise para saber usar a liberdade aliada à responsabilidade.

Por mim, encerraria aqui, com esse resumo em poucas páginas, o relato desse período de minha existência. Porém, vi-me *convocada* pelos amparadores a escrever sobre todo o meu passado e aprendizado. Tendo me comprometido a ser totalmente franca em prestar esta colaboração, esclarecendo às consciências interessadas em aprender com os meus relatos neste livro, aceitei a convocação.

06. AGORA OU NUNCA (1958-1961)

"Os amparadores extrafísicos praticam a anistia. Há sempre o momento crítico específico da viragem evolutiva e da reciclagem intraconsciencial."

(Vieira, Waldo; Homo sapiens reurbanisatus; p. 236).

"A dinamização da sua autoevolução depende exclusivamente de você."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 759).

A essa altura da redação deste livro, já havia relatado os períodos mais difíceis de minha vida, porém, tinha decidido, conscientemente, omitir uma parte. Queria excluir um episódio, considerado por mim o chamado *fundo do poço*.

Mudei de ideia quando resolvi reciclar as aulas do Curso Integrado de Projeciologia (CIP) no IIPC. Desejava obter mais informações, melhorar o meu entendimento quanto à Conscienciologia e melhor aplicar esse conhecimento para, com isso, finalizar o livro. É meu objetivo contribuir com todos os leitores deste livro interessados em aprender algo sobre si mesmo, ampliar seu autoconhecimento, a partir do relato de minhas vivências.

No dia marcado para o início das aulas, estava com um grande problema em casa. Meu marido estava doente com um forte resfriado, queimando em febre e com dores no corpo, durante os dois dias anteriores ao curso. Nem pensei em desistir de comparecer às aulas, tinha confiança em sua melhora. Fiz bastante exercício de exteriorização

de energia e o ensinei a fazer o *estado vibracional* (EV), técnica de fazer as nossas energias circular em circuito fechado por nosso corpo, desde a cabeça até os pés e depois de volta, fazendo vibrar o corpo energético a fim de melhorar o equilíbrio e a autodefesa. Ele obteve melhora e eu, com determinação e confiança, fui para o IIPC.

Ao entrar na sala de aula, agradei mentalmente aos amparadores pela oportunidade de, mais uma vez, poder estar adquirindo conhecimentos para aplicar no livro, na prática diária e principalmente na tarefa assistencial do esclarecimento (*tares*).

Terminada a aula, saí correndo para casa, pois era bem distante e me obrigava a pegar três conduções para encurtar o caminho. Cheguei em casa bem, tudo normal. Conversei com meu marido a respeito do curso, vimos televisão e fomos dormir cedo. O estado de saúde dele já começava a mostrar os sintomas de dengue.

No dia seguinte ao acordar, fazendo o EV como sempre faço antes de me levantar, apareceu um *flash* em minha mente e vi, em bloco, todo o período de minha vida que havia resolvido não relatar no livro, por achar ser muito violento e dramático.

Fiquei sem entender essa lembrança repentina e de um episódio que fazia questão de esquecer. Queria apagá-lo de minha memória, e perguntava mentalmente: por que agora... Hoje? Por que isso? Não querendo saber e nem lembrar de mais nada, levantei-me e comecei as atividades do lar.

Meu marido levantou-se mais tarde dizendo estar se sentindo muito bem, estranhando até, pois se recuperou rapidamente. Com muita disposição, tomou banho, fez os exercícios de EV e saiu para visitar os seus fregueses.

Sozinha, fiquei pensando nos últimos acontecimentos. Concluí que, de fato, os trabalhos de energias realizados com o predomínio da vontade, sem misticismos, podem equilibrar nossas energias, nos devolvendo a saúde, como aconteceu comigo e estava acontecendo com ele.

Voltei aos meus trabalhos e, enquanto limpava a casa, olhei para o meu computador e, de repente, vi minha imagem sentada à sua frente, passando todo o período de meu passado que não queria lembrar e do qual me sentia muito envergonhada.

Compreendi, naquele momento, estar me corrompendo, fugindo ao compromisso assumido de colocar no papel toda esta minha existência. Senti o dever de fazer mais essa catarse para me livrar em definitivo dos elos do passado. Se estou procurando evoluir para ter uma nova oportunidade de conhecimentos, cultura e aprendizado, não posso, de maneira alguma, deixar de olhar para trás e aprender com meus próprios erros para não mais repeti-los nas próximas vidas.

Tudo começou naquela passagem de ano de 1957 para 1958, relatado no capítulo anterior. Na ocasião, estava me envolvendo com umas freguesas de roupas íntimas e saindo com elas para as festas e clubes. Tentando ser feliz, mergulhei com elas nas ilusões da vida. Estava muito decepcionada com o preconceito da sociedade da época.

Tinha 23 anos de idade, pois só faria aniversário em maio. Ao explodirem os fogos anunciando a entrada do ano de 1958, tive uma crise de choro convulsivo em pleno baile de *reveillon*. Não sabia a que atribuir tanta

tristeza e grande aperto no coração. Era um sentimento de tristeza, melancolia, saudade, não sabia de quê.

Hoje sei tratar-se de uma *premonição* de que teria de resgatar algum ponto obscuro do passado, justamente naquele período de minha vida, e do quanto haveria de aprender.

Foi o ano mais difícil e muito me ensinou. Nada acontece por acaso!

Aos sábados, como de costume, íamos ao clube dançar e nos divertir. Uma das amigas me apresentou a um rapaz interessado em me conhecer. Estava me observando há algum tempo. Dançamos, conversamos e, como não tinha compromisso, aceitei o convite para irmos ao cinema no dia seguinte.

Depois do cinema, fomos jantar e passear. Sentamos em um banco do jardim para conversar. Depois de algum tempo, levou-me para casa onde eu morava com minhas amigas e, ao despedir-se, marcamos novo encontro. Estava muito feliz, porque pensava ter encontrado alguém que me respeitava. Não me convidou para nenhum envolvimento mais íntimo, como era costume dos rapazes fazerem quando não estavam interessados em uma relação mais séria. Isso me fazia acreditar nas boas intenções dele.

Chegando em casa, minha amiga disse-me haver uma pessoa me esperando e ela deixou entrar por ser um conhecido e amigo do grupo. Era um rapaz com quem eu havia saído duas ou três vezes.

Nunca dava importância quando dizia gostar muito de mim, me convidando para ir morar com ele. Não acreditava em mais ninguém e muito menos em uma

pessoa lidando com mulheres o tempo todo, pois era cabeleireiro. Foi justamente no salão dele que o conheci, por intermédio de minhas amigas, também suas freguesas.

Ficamos conversando na sala, onde mais uma vez, fez-me a proposta de morarmos juntos. Tornei a recusar o convite. A reação dele foi inesperada: tirou uma navalha do bolso e ameaçou cortar o meu rosto. Fiquei em pânico e chamei a amiga. Ao ver a cena, ela também ficou amedrontada, pedindo para ter calma e não nos machucar. Ele chorava dizendo ter-me visto acompanhada por outro rapaz no banco do jardim.

Nesse momento, o telefone tocou e ela, muito nervosa, foi atender. Era o rapaz com quem eu havia ido ao cinema. Apavorada falei rapidamente o acontecimento do momento. Acalmou-me dizendo para levá-lo até a portaria. Viria imediatamente me ajudar a resolver esse problema. Nem sei o que pensei no momento. Não preciso dizer o quanto estava apavorada.

Com muito carinho e conversa conseguimos acalmá-lo. Depois de algum tempo o levamos para fora do prédio. A rua estava deserta quando, saltando de um táxi, vi um homem fardado de policial, o qual reconheci ser o rapaz com quem acabara de falar ao telefone.

Não sabia o que ele fazia, não tinha me falado nada sobre a sua profissão e também não tinha perguntado. Foi uma surpresa para todos nós.

Ele nos convidou para irmos até a pracinha próxima. Chegando lá, ficamos a poucos metros de distância, enquanto ele conversava com o cabeleireiro por alguns minutos, parecendo séculos. Ao voltar disse estar tudo resolvido e não mais seria importunada.

Nunca soube sobre sua conversa. Acredito que, ao ver a farda, teria respeitado o meu novo namorado. Naquele tempo, os policiais eram mais respeitados, as fardas eram de cor cáqui com botões de cima a baixo e usavam um quepe na cabeça. Qual a mulher que não gosta de uma farda? Senti-me a própria mocinha salva das mãos do bandido. Senti uma sensação de segurança e confiança. Era tudo que esperava para ser feliz.

Esse fato me fez ficar agradecida e comovida pela sua bravura, sem saber quase nada de sua personalidade. Diz o ditado popular: *não se apanham moscas com fel e sim com mel.*

Depois desse episódio, ficamos namorando algum tempo. Fomos morar num apartamento de dois quartos sendo um para minha amiga. Ela nos ajudaria no aluguel. Acreditei ser o amparo e o meu lar desejado.

Ele era descendente de italianos, tinha perdido a mãe ainda menino, sendo carente igual a mim. Coloquei toda esperança, confiança e amor neste novo relacionamento. Mesmo porque, não iria morar com alguém só por interesse. Sempre agi com lealdade em todos os momentos onde tive de decidir sobre meus relacionamentos afetivos.

Apresentei-o para meus pais algum tempo depois, e um dia fomos passear com minha filha no parque de diversões, onde nos divertimos muito. Ele sabia conquistar as pessoas. Tinha um alto poder de persuasão, talvez devido a sua profissão de policial.

Era para me sentir feliz, no entanto, sentia não ser bem aquilo o desejado, faltava alguma coisa. Ele era muito ciumento, possessivo igual ao meu ex-marido.

Acomodei-me com a situação. Havia mudado de homem, mas, não mudei de carma.

Nessa ocasião, faleceu um tio, marido de minha tia, e fomos ao enterro. Estava muito acostumada à agitação e sentia falta de silêncio, permanecendo sentada em uma sepultura absorvendo a tranquilidade do lugar, desejando ficar ali para sempre. Com dificuldade me convenceu a voltar para casa. Era o desejo de fugir da roda viva que havia se tornado minha vida.

Ele fazia as compras no mercado e eu não sabia quanto custava nem um quilo de tomates. Até minhas roupas ele comprava. Quando saíamos ou íamos ao cinema, vinha brigando dizendo ter olhado para outro homem, não podia virar a cabeça e era outra briga. Dançar então, nem pensar.

Fui levando minha vida até o dia em que recebi uma carta de uma das antigas amigas. Havia se casado e ido morar na fazenda dos pais do rapaz em Minas Gerais. Através da carta, essa amiga me convidava para visitá-la, mandando-me o endereço.

Não pensei duas vezes, escondi a carta. Só mostrei para a minha amiga. Morava conosco e sabia de meu desejo de sumir das vistas do homem a quem depusitei confiança e me arrependera. Aproveitei um dia de seu plantão no quartel e fugi para Minas Gerais, levando algumas roupas e pouco dinheiro, pois não tinha mais.

Era o mês de junho de 1959. Nessa região é época do ano onde faz muito frio e, não estando acostumada, mesmo com a alegria de reencontrar minha amiga, fiquei doente. Devido às mudanças em minha vida, estava toda

alterada emocionalmente, sentia ter errado mais uma vez, sem saber como consertar.

Permaneci acamada por mais de uma semana. Depois de algum tempo, recebi com surpresa a visita justamente do homem que havia sido o motivo de minha fuga. Tinha ido me buscar de avião.

Desabei de cima de todos os meus planos de começar vida nova em um lugar onde ninguém sabia absolutamente nada de meu passado. Enfrentei mais esse desafio preparado pelo destino ou pré-destino. Muito revoltada, voltei. Não tinha ninguém para apelar.

Depois de chegar em casa, a amiga que morava conosco disse-me não aguentar mais vê-lo chorar e prometer mudar seu comportamento comigo. Acreditando em suas promessas, deu o endereço da fazenda onde eu estava refugiada.

Após alguns dias, fomos buscar minha filha, pois estava de férias para passar uns dias comigo e tive alguns momentos felizes. Uma tarde, com a permissão dele, saí para levar a menina na casa de uma amiga em um bairro próximo. Fomos passear um pouco na Cinelândia vendo as lojas e os cartazes dos cinemas.

Estava me sentindo tão feliz saboreando alguns momentos de liberdade e curtindo a presença de minha filha, e nem vi as horas passarem. Quando dei por mim, já havia anoitecido.

Peguei uma condução e, ao chegar em casa, foi aquele interrogatório. Dizer tudo que havia feito não foi o bastante, não consegui convencê-lo. No auge da discussão, o telefone tocou e ele atendeu com um largo

sorriso dizendo estar tudo bem. Era a amiga a quem eu tinha ido visitar. Ele ligou para ela me procurando devido a minha demora, e ela, preocupada, ligou para saber notícias. Ao desligar, retirou a máscara do sorriso, voltando a me importunar com o interrogatório.

Não sei onde fui buscar forças, só não vi mais nada na minha frente, o *gênio dos italianos* ferveu como um vulcão e, apanhando o telefone com as duas mãos, espatifei-o no chão de tanta raiva explodindo dentro de mim. Era o resultado de todo esse tempo de repressão. Se tivesse uma arma na mão, com o impulso de dar fim a todo aquele tormento, teria feito uma loucura.

O telefone foi o instrumento que me fez observar o fingimento dele ao falar com alguém de fora. Naquele momento, ao cair na realidade, agi descontroladamente. Hoje, aprendi que, justamente nesses momentos de descontrole e irreflexão, é que a pessoa pode contrair uma dívida cármica para muitos séculos. *A semeadura é livre-arbítrio, mas a colheita é obrigatória.* Isso me faz pensar sobre as dificuldades pelas quais passei. As pessoas com quem me envolvi podem também ser reflexos de atitudes imaturas de meu passado de outras vidas. É o meu grupocarma, ou seja, o grupo de consciências afinizadas às quais estamos ligados pelas leis de causa e efeito.

Hoje, não agiria dessa forma, pois já tenho experiência de saber colocar o emocional em equilíbrio com o racional para evitar criar condições descontroladas e imaturas.

O choro de minha filha me fez voltar a raciocinar e equilibrar os meus nervos. Fui para o quarto acalmá-la, prometendo no dia seguinte levá-la para a casa da avó,

um lugar seguro para ela ser criada, e não ao lado da mãe, sem saber o que fazer com a sua própria vida.

Depois desse incidente e muitos outros, com o tempo, fui me corrompendo e aceitando viver com alguém que, por maior boa vontade de agradar, não conseguia.

Não ligava para mais nada, tanto fazia chover ou fazer sol, era tudo a mesma coisa, dia após dia. Caí em depressão. Fumava e bebia desvairadamente, tentando preencher o vazio de minha vida.

Morávamos em um apartamento de fundos onde não me permitia ver ninguém, fazendo lembrar da solidão sentida quando adolescente na casa de minha mãe. Sentia-me completamente desamparada e sozinha com os meus problemas, sem saber como enfrentá-los ou me livrar deles.

Nem me preocupava mais com os *tititi* dos parentes e dos pensamentos sobre mim. Nenhum deles se importou comigo quando andava procurando emprego, passando vergonha de não ter conquistado o respeito dos meus chefes, passando fome e frio, dormindo embaixo das marquises.

Não me tornei mendiga, por ter uma cara bonitinha que agradava algumas pessoas que gostavam de tirar proveito de minha situação e de outras pessoas iguais a mim. É interessante ver como semelhantes se atraem. Nunca estava sozinha, tinha sempre alguém, na mesma situação, junto a mim.

Por tudo isso e mais alguns acontecimentos, ia levando a vida sem perspectiva. Tinha que viver. Sentia que alguma coisa iria acontecer e os *porquês* não saíam de minha mente: Por que logo eu? Por que ele me enganou? Por que mudou seu comportamento comigo? Por

que precisava passar por tudo aquilo? Onde estava o lar prometido?

Não tinha a quem recorrer, nem amigos, parentes, ninguém para me dar uma palavra de carinho, para me encorajar ou me indicar um lugar onde pudesse ter esclarecimento referente a esse período difícil desta existência. Lembrava-me de ter perdido a conta das igrejas onde entrei para rezar, pedindo ajuda bem antes desses acontecimentos em minha vida.

Não sabia me defender sozinha. Faltava-me força suficiente para saber sair da situação na qual entrei.

Queria tanto encontrar uma ajuda que apareceu em casa uma jovem amiga da minha amiga e, muito esperta, percebeu meu problema. Convenceu-me a ir com ela na casa de uma senhora espírita, perto do prédio onde morávamos. Era o socorro tão esperado.

Aproveitando o dia de plantão de meu *companheiro*, tomei coragem e fui com ela na casa da senhora espírita. Depois da consulta, fiquei mais confiante devido à promessa de uma mudança em minha vida. Ela e seus *mentores espirituais* iriam me ajudar. Pediu para ter paciência, pois garantiu estar no fim esse período de sofrimentos. Ela me avisaria por intermédio da nova amiga quando fosse o momento certo.

Comecei a juntar algum dinheiro para o caso de precisar viajar ou me esconder quando chegasse a hora de sair de casa. A semana passou rápida e eu na expectativa de alguma notícia da senhora espírita.

Um dia, ao ligar o rádio, ouvi, pela primeira vez, certa música que me chamou a atenção. O ritmo foi me

envolvendo e me devolvendo a esperança e confiança em mim. Tive uma crise de choro convulsivo e, não sei como, voltei a ver uma linda manhã de sol. Novamente senti estar viva... Sim, *viva*, e com uma grande vontade de lutar para ser novamente alguém.

Não entendia nada do idioma inglês. Alguns anos depois soube qual era o assunto referido e o nome da canção: *It's now or never*, na voz de Elvis Presley. Era um convite à decisão, à tomada de posição: *agora ou nunca*.

Penso ter recebido um amparo por intuição através da música para tomar uma decisão naquele momento. Consegui sair daquela depressão. Mesmo sem conhecer o idioma, de alguma forma captei a mensagem da música. Talvez pela energia.

Resolvi enfrentar e mudar tudo o que viesse pela frente, mesmo porque não tinha mais nada a perder. Meu primeiro impulso foi arrumar minhas roupas e ir embora daquele lugar.

Com grande espanto, vi o meu companheiro de volta do quartel, me pegando em flagrante arrumando as poucas coisas que possuía.

Ele não me deixou nem argumentar. Não aceitando minha decisão, frio e calmo, foi colocando o revólver em meu peito e disse:

– Ou mora comigo ou morre!

Dei um grito estridente de pavor e chorei desesperadamente sem saber o que fazer.

Pensei nos meus pais, na minha filha e no quanto iriam sofrer se acontecesse algo comigo, e voltei a minha condição anterior, completamente vencida outra vez.

Alguns dias depois, minha amiga, orientada pela senhora espírita, me avisou para eu fugir numa sexta-feira, depois das 18 horas. Tomei coragem, arrumei tudo sem fazer alarme e, com a ajuda da amiga, pretendia escapar por volta das 17 horas.

Nesse instante e sem eu esperar, ele chegou do quartel e vendo algumas sacolas arrumadas começou uma discussão. Subitamente foi me agredindo e cobriu-me com a cortina que separava a sala do quarto, dando socos e pontapés. Consegui forças para me livrar da cortina e corri até o móvel onde colocara o revólver. Estava tão fora de mim que seria capaz de qualquer ato completamente descontrolado. Ao ver a arma em minha mão, correu e se trancou no outro quarto com medo do que eu pudesse fazer.

Caí novamente em um choro convulsivo, e a minha amiga que presenciava tudo, também muito nervosa, convenceu-me a entregar a arma para ela esconder.

Nesse momento, chegou a polícia que alguém chamou devido aos gritos vindos do apartamento. Ele saiu do quarto para atender aos policiais e eu aproveitei para fugir. Não pensava em nada a não ser em minha liberdade. Tudo que havia conseguido materialmente, todas as roupas pessoais, roupas de cama, móveis, utensílios de cozinha, geladeira, televisão, rádio vitrola, discos, enfim tudo que uma casa com relativo conforto poderia ter, eu deixei para trás. Pagaria qualquer preço pela minha liberdade.

Não contava com ninguém de minha família com medo de ouvir outra vez as represálias dos meus pais. Só contava com as amigas infelizes iguais a mim que

também esperavam uma oportunidade de recomeçarem suas vidas mal resolvidas. Afinal, semelhante atrai semelhante...

Hoje, sabendo que em quase todos os relacionamentos existe algo a ser aprendido ou ensinado, considero esse período de minha vida como um resgate que saldei de algum acontecimento relacionado a outras vidas. Nunca poderia pensar em ter de acabar desse modo, debaixo de uma impulsividade violenta, outra tentativa de ser feliz.

Faço aqui uma advertência em relação ao que sejam *guias cegos*: São consciências de boa vontade que se dispõem a ajudar, mesmo que, para isso, prejudiquem outras pessoas. Resolvi o problema de me separar, conforme previsto pela senhora médium, mesmo que pudesse ter acontecido uma tragédia e, em vez de ter a liberdade ansiada, fosse parar em uma penitenciária.

Vejo com clareza que, ao lidarmos com guias cegos, embora com boa intenção, ficamos sujeitos a gerar mais dívidas cármicas, piores ainda daquelas já contraídas. Falta-lhes conhecimento na forma de ajudar.

Em tempo, devo registrar que em toda regra há exceções, e todo ser humano, sendo uma consciência em evolução, tem seu lado positivo e negativo, prevalecendo um ou outro. Esse ex-companheiro também tinha seu lado bom, era prestativo em favorecer alguém em necessidade financeira ou doente.

Ele adorava animais. Tínhamos um casal de gatos e, na separação, eu fiquei com a gata. Certa vez, apareceu em casa com dois filhotes de cachorro abandonados na

rua. Os bichinhos estavam doentes e famintos. Levou-os ao veterinário e cuidou direitinho. Um deles ficou muito doente e ganindo de dor. Rodamos de táxi a noite inteira à procura de uma clínica veterinária. Deixamos o cachorrinho para ser operado quando o veterinário chegasse pela manhã. Ele chorou muito ao saber que o bichinho não resistiu e morreu.

Ele foi criado pela irmã mais velha e pelo pai. Gostava de sua família; nas festas natalinas, ficava com eles até de madrugada. Trazia-me presentes e algumas guloseimas italianas desconhecidas por mim.

Não estranhava o fato de nunca falar em me apresentar para sua família. Eu não ligava, pois minha própria família também não fazia questão de minha presença.

Enfim, reconheço que alguma afinidade nós tínhamos, do contrário não teríamos ficado juntos. Só no futuro poderei ter, com certeza, a resposta a todos os meus porquês.

Tudo o que acontece conosco é por afinidade. Os encontros e desencontros também favorecem o aprendizado. As pessoas com quem nos relacionamos, seja na família, no trabalho, no grupo de amigos, todos fazem parte de nosso grupocarma. Não há como nos considerarmos vítimas. Se nos afinizamos com determinadas situações é porque, de alguma forma, estamos no mesmo nível de pensamento.

A mudança do padrão de nossos pensamentos, sentimentos e energias, ou *pensenes*, depende apenas de nós. Se tivermos paciência, tolerância, fraternismo e, principalmente, muito amor, poderemos também ensinar as

consciências desse grupocarma, mesmo cada um evoluindo a seu tempo.

Estou procurando praticar esses conhecimentos no meu dia-a-dia, para poder mudar de patamar evolutivo. Qualquer um, desejando superar seus *trafares*, também poderá começar a praticar e buscar os resultados. Se eu posso, por que você não pode?

Depois de todos esses acontecimentos, as amigas me esconderam no apartamento de uma senhora desconhecida para mim, que me acolheu dizendo já saber de meu problema. Estava fazendo por mim o que gostaria que fosse feito por ela se, por acaso, tivesse passado pela mesma situação. Isso me deixava aliviada e com mais confiança nos seres humanos.

Avisei minha mãe dos últimos acontecimentos para não deixá-la preocupada. Alertei para redobrar os cuidados com minha filha para não termos maiores surpresas.

Estava muito bem escondida e nem eu mesma sabia onde. Passava os dias e as noites fumando um cigarro atrás do outro. Não tinha noção de poder estar incomodando minha benfeitora com tanto cigarro.

Eu estava centrada em mim mesma, completamente entregue a procurar uma saída para acertar minha vida. Foi muito difícil esse período. Não sentia perspectiva para começar tudo de novo. Emagreci 12 quilos em um mês, pois também não me alimentava direito.

Enfim, tive a intuição de telefonar para um senhor meu amigo que fazia algum tempo não tínhamos notícias um do outro. Aprendi que sempre existe alguém para nos ajudar nos momentos mais importantes e decisivos de nossas vidas.

Ele ficou de me visitar no fim da semana e expus minhas inseguranças e todo o acontecido na companhia do rapaz militar. Ele me acalmou, dizendo para ter confiança nele, iria me ajudar a encontrar uma saída para refazer minha vida.

Disse e fez. Na semana seguinte, alugou um apartamento em seu próprio nome e fez um crediário para comprar móveis de quarto, sala, geladeira, panelas e louças. Eu assumiria as prestações pagando com o que deveria ganhar com as vendas das mercadorias compradas com algum dinheiro emprestado por ele. Comprei roupas, perfumes e outras coisas para revender e reconquistar a freguesia ou tentar procurar um emprego outra vez.

Era o auxílio que precisava no momento. Agradeço muito a esta consciência, um verdadeiro amparador intrafísico surgido na hora certa.

Eu era outra pessoa, com uma grande vontade de viver e recuperar o tempo perdido. Jurei que, pelo menos por enquanto, não me envolveria sentimentalmente com ninguém. Já era tempo de saber que essa era uma de minhas maiores dificuldades: lidar com a carência afetiva, necessidade de ter alguém com quem contar, envolvimento emocional e dependência. Era um problema a ser enfrentado, pois fazia parte de minha educação de ser dona de casa.

O sonho de ter meu lar não me abandonava, era o objetivo mais precioso e ficou a espera do tempo certo para acontecer. Hoje, reconheço, lutei muito para conquistar os meus objetivos.

07. OBJETIVO DE VIDA: MEU LAR (1961)

Maxifraternidade. "Maxifraternidade é antes de tudo prestimosidade fraterna.

Inteligência. A disponibilidade pessoal evidencia a inteligência maior e madura, aplicada na vida intrafísica, porque viemos a este planeta para servir uns aos outros. (...) Não colabora bem quem faz mil e uma exigências para cooperar com as boas obras. Sem bons préstimos a vivência pessoal não consegue se expandir."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 759).

Corria o ano de 1961, mês de abril. Eu, como sempre, andando muito, a fim de retomar a freguesia abandonada e passando tardes ou manhãs nas agências de empregos. No momento era minha prioridade.

Resolvi alugar um quarto do apartamento que o meu amparador intrafísico alugou para eu refazer minha vida. Ofereci a um casal de músicos amigos meus para me ajudarem no aluguel. Ele era contrabaixista e ela cantora de um famoso conjunto daquela época. Eles aceitaram e mudaram-se o mais depressa possível.

De vez em quando ia nos visitar um músico famoso para ensaiar com minha amiga os números musicais e eu aproveitava para cantar também e nos divertíamos bastante.

Esse músico fez de tudo para me entusiasmar na carreira de cantora. Ele conhecia música desde criança e, tendo bom ouvido me garantiu sobre eu ser uma boa cantora, pois minha voz era até melhor do que a de

minha amiga. Devido a ser muito envergonhada para me apresentar em público, não aceitei e também não gostaria de ser cantora, embora talvez tivesse resolvido o meu problema financeiro. Assim, por falta de autoconfiança, fui perdendo as oportunidades oferecidas pela vida.

Alguns dias após o meu aniversário de 28 anos, em maio 1961, cheguei em casa cansada, tomei um banho e fui me deitar. Depois de algum tempo tocaram a campainha da porta, acordei e fui atender pensando que era minha amiga (a cantora do conjunto), pois talvez tivesse esquecido a chave.

Deparei-me com uma jovem de mais ou menos 25 anos de idade com uma criança no colo queimando de febre, pedindo-me ajuda. Queria ir ao encontro do marido que estava fazendo serão na firma onde trabalhava. Ela não conhecia nada no Rio de Janeiro, pois era do norte. Acabara de se mudar e era vizinha nova.

Não tinha o telefone da firma e também não adiantaria, pois precisava de dinheiro para comprar os remédios para a filha doente. Todo o dinheiro que possuía em casa, ela usou para pagar a visita de um médico. Fiquei penalizada, o meu dinheiro também não dava para ajudá-la. Prontifiquei-me a ir com ela ao trabalho do marido e resolver o problema. Na volta, passaríamos em alguma farmácia de plantão para comprar os remédios.

Ao chegarmos à esquina da rua para tomar o ônibus, ele estava saindo do ponto e não tínhamos dinheiro para pagar um táxi. Ainda corri, mas não deu tempo. Devido ao adiantado da hora, já passava das 23 horas, resolvemos tomar um cafezinho no bar da esquina, enquanto esperávamos outro ônibus, pois a noite estava bem fria e chuvosa.

Nesse momento, parou um carro bem na porta do bar esperando o sinal abrir, dei uma olhada e vi o motorista sozinho, e ainda com a xícara de café na mão, aproximei-me e pedi uma carona até o local do trabalho do marido da jovem.

Ele prontamente abriu a porta, nos acomodamos no banco da frente (nos carros antigos o banco da frente era único e acomodava três pessoas) e fiquei no meio, junto dele, completamente entregue em ajudar alguém que acabara de conhecer. Estava acontecendo novamente um encontro para mudar completamente minha vida.

Há certos acontecimentos em nossas vidas, independente de nossos planos e expectativas materiais que, acredito, decorrem de uma programação feita fora da dimensão física, antes de nascer, auxiliados por consciências mais evoluídas, caso contrário, seria coincidência demais.

Naquele momento de minha existência não tinha a menor ideia de que aquele acontecimento iria possibilitar-me a realização de meu maior sonho: *meu lar*.

Na época, década de 1950-1961, eram poucas as mulheres que conseguiam um bom emprego. As meninas de minha classe social eram educadas para serem donas de casa, lavar roupas, aprender a costurar, cozinhar e criar filhos. E eu não fui exceção.

Hoje, as mulheres podem escolher sua profissão e decidir sobre sua própria vida, e são admiradas por isso. Na minha época, seria inadmissível. Se tivesse encontrado essas condições, talvez minha vida tivesse sido bem diferente.

Depois de minhas frustradas tentativas de ter um emprego para me tornar uma pessoa independente, só

pensava em me refugiar dentro de um lar. Achava ser o melhor a fazer e coloquei toda a vontade para realizar esse ideal.

Ao chegarmos ao prédio onde o marido da moça trabalhava, ela entrou e nós ficamos no carro conversando e nos conhecendo melhor. Ele perguntou o meu nome, o que fazia, se tinha namorado. Fui dando as informações solicitadas e perguntando também. Soube seu nome, que era solteiro, tinha a profissão de ourives e não dependia de ninguém. O principal, não tinha pai nem mãe. Esse era o maior requisito que eu cobrava para me envolver com alguém, devido às decepções anteriores.

Quando a moça voltou, fomos procurar uma farmácia que sabíamos fazer plantão. Compramos os remédios da filha e fomos deixá-la em casa. Depois saímos para dar uma volta.

A partir dessa noite, passou a frequentar o meu apartamento, conhecendo os meus amigos músicos. Trazia muita alegria para minha existência, sem me prometer nada. E nem eu cobrava, não queria me iludir mais uma vez.

Lembro-me de um momento que retrata bem como me sentia naquele período. Estava sendo construída a estrada do Aterro do Flamengo. Certa noite, estávamos vindo de uma festa na zona sul, eu, ele, agora meu namorado, e mais um colega dele. Eles resolveram passar pela nova estrada, escura e deserta naquela hora da madrugada. Era uma aventura sabermos que éramos algumas das primeiras pessoas a rodar pela estrada nova. Nesse momento, ligou o rádio do carro e estava tocando um *rock and roll*. Muito empolgados, eu e o amigo pedimos

para parar o carro e fomos dançar à luz dos faróis nos divertindo igual a adolescentes. Naquela época, ninguém tinha medo de assalto, era raro de acontecer. Nesses momentos, me considerava uma pessoa feliz e alegre, mostrando toda minha personalidade desreprimida.

Alguns meses depois, os meus amigos músicos conseguiram alugar um apartamento e se mudaram. Ficaram com medo devido a um estranho acontecimento que muito nos intrigou na época.

Aconteceu de certa noite, minha amiga estar se preparando para ir a uma festa e cismou com os seus cabelos dizendo estarem mal penteados. Nervosa, começou a xingar os cabelos, dizendo-se infeliz e culpando a vida por ter nascido pobre. Estava muito revoltada até com seus pais, com *Deus e com o mundo*.

Eu, sempre pacificadora com os outros, disse-lhe existirem pessoas com problemas de doenças graves. Elas ficam sem cabelos e se conformam. Chamei a atenção dela e disse-lhe não admitir essa atitude dentro de minha casa. Ela ficou chateada comigo, mas não disse nada e foi para a festa com seus amigos.

Voltou de madrugada e acordei com o barulho da chave na porta. Não conseguindo dormir, fui conversar com ela. Enquanto ela comentava os acontecimentos da festa, ouvimos a campainha tocar. Pensamos ser o meu namorado ou o companheiro dela que havia ficado com o conjunto para guardar os instrumentos no fim da festa.

Ela foi atender e fiquei sentada na cama esperando, quando ouvi um grito estridente de pavor. Corri para

a sala e a encontrei encostada à parede, chorando e tremendo de medo, dizendo para não abrir a porta. Perguntei quem ela viu e não pôde responder.

Nesse momento, a porta começou a tremer como se tivesse alguém forçando. Aí, quem ficou com medo fui eu, mas tive forças para pedir a quem estivesse do lado de fora, não nos assustasse daquela maneira. Clamei por Deus, porque na época minha referência era a religião, e por intuição liguei esse acontecimento às palavras ofensivas que ela havia dito antes de ir para a festa. Pedi perdão por minha amiga e por seu comportamento ao pentear os cabelos.

Aos poucos a porta parou de tremer. Tomamos água com açúcar e ela, com muito medo, ficou em minha cama. Entendeu ter agido errado e dormiu rezando, prometendo nunca mais fazer o que fez. Depois, mais calma, aos poucos ela me contou que, ao abrir a janelinha da porta, pois naquele tempo não havia olho mágico, viu dois olhos enormes e vermelhos como fogo, olhando para ela.

Na semana seguinte, ela teve dor de cabeça e não podia nem abrir os olhos. Chamei um médico amigo nosso e não adiantaram nada os remédios receitados. Tratei dela noite e dia dando-lhe sopa na boca e ela não melhorava. Lembrei-me de minha infância, quando minha mãe sofria forte dor de cabeça e ficou curada com a ajuda de médiuns espíritas. Decidi falar com a espírita umbandista que havia me ajudado a escapar dos meus problemas algum tempo atrás.

A amiga espírita chegou e pediu para comprar algumas velas, charutos e outras coisas. Começou a *rezá-la*

com galhos de uma planta, quando, de repente, minha amiga deu um salto da cama e, nos olhando com espanto, perguntou sobre o ocorrido.

Ela não se lembrava de nada, mas passou quase uma semana fora de si. O guia espiritual da médium chamou sua atenção dizendo para ela respeitar as forças desconhecidas e ter cuidado ao lidar com a espiritualidade. Acredito ter aprendido a lição, pois nunca mais reclamou de nada.

Sem saber, mais uma vez, estava envolvida com a espiritualidade para poder ajudar outra pessoa. Na época, eu não dava valor algum às interferências extrafísicas, completamente sem conhecimento do que é energia e multidimensionalidade. Tinha pouco esclarecimento para poder evitar o assédio extrafísico. Penso ter manifestado meu parapsiquismo de maneira intuitiva e que, de alguma forma, os amparadores sempre me inspiraram.

Com esse fato, aprendi também que, após certos acontecimentos negativos, vem alguma coisa de bom. Devido a esse episódio, meus amigos se mudaram e fiquei sozinha com a responsabilidade do aluguel. Se não tivesse acontecido, não teria levado o problema para o meu namorado, que prontamente assumiu as despesas do aluguel e disse ser bom ficarmos sozinhos. Ele continuou morando em sua casa com seus irmãos, mas me visitava todas as noites. Isso melhorou ainda mais nosso relacionamento e conhecimento.

Durante esse tempo, fui criando confiança nele. Era um rapaz de 29 anos de idade que havia perdido o pai aos 12 anos. Abandonou os estudos sem completar a quinta série primária, para, junto com o irmão

mais velho, assumir a responsabilidade de ajudar a mãe a acabar de criar os quatro irmãos mais novos. Passaram a tomar conta de uma quitandinha deixada pelo pai ao decessar.

Percebendo não ser bom nesse ramo de negócio, resolveu aceitar o convite de um amigo e ir trabalhar em uma oficina de joias, deixando a quitanda com o irmão mais velho e a mãe. Aos poucos, foi levando os irmãos para o ramo das joias também, até venderem a quitandinha.

Alugaram uma casa na mesma rua e fizeram uma pequena oficina. Trabalhavam até altas horas da madrugada para melhorar financeiramente. As despesas eram muitas com alimentação, escola, vestimentas e os remédios para a mãe doente com tuberculose.

Aos 19 anos de idade, quando havia acabado de dar baixa do Exército, sua mãe faleceu. Continuou levando a vida sem deixar faltar o essencial para os irmãos menores.

Persistia em comprar bilhetes da Loteria Federal. Tinha certeza que um dia seria premiado. E acabou conseguindo acertar o prêmio em dinheiro. Na época, foi suficiente para comprar ouro, máquinas, contratar funcionários e ampliar o negócio. Fez sociedade com os irmãos, registraram a oficina, e todos melhoraram de vida.

Casaram-se quatro dos irmãos. Ele e o irmão mais novo ficaram solteiros, morando sozinhos na oficina e fazendo as refeições fora. Também tinha ficado desiludido com o rompimento de seu noivado, pois gostava muito da moça. Não queria mais se casar. Tinha decidido ficar solteiro para o resto da sua vida. Na ocasião do rompimento, tinha 21 anos de idade.

Ao me conhecer, pensou ser mais uma aventura, pois não passava pela sua cabeça se envolver com mulher nenhuma. Mas foi ficando, ficando, e, aos poucos, se envolvendo. Mesmo sem querer, já sentia falta de minha companhia. Eu conversava muito, contava os acontecimentos felizes e infelizes de minha vida. Não escondia nada porque confiava nele. Tinha voltado a ser uma criatura alegre e brincalhona. Jamais gostei de mentiras e tinha a experiência do tempo em que vivia escondendo meu estado civil.

A diferença de nossa idade era de apenas um ano e seis meses, facilitando nossos assuntos diários e os gostos culinários, musicais, cinematográficos, etc.

Ainda não tínhamos grandes planos para o futuro quando *sonhei* estar passeando de carro conversível com ele e uma senhora alta, clara, com os olhos azuis, cabelos pretos, muito risonha, sentada no banco de trás. Brincando, ela dizia para eu tomar conta do filho para ela.

Ao contar-lhe o *sonho*, disse ser realmente a mãe dele. Jamais havia visto nenhuma foto dela e nem sabia há quanto tempo ela havia falecido. Ficamos impressionados e alguns dos familiares dele também.

Naquele tempo não sabia o que era projeção da consciência. Parecia um sonho, mas foi, na realidade, uma experiência extrafísica, fora do corpo, onde aconteceu esse encontro com ela. Acredito estar preocupada com o filho sem ter uma família e alguém para cuidar dele no futuro. Nas projeções da consciência é possível o encontro direto com outros projetores e com pessoas já falecidas. Isso sem ajuda de médiuns.

Contei o ocorrido para minha vizinha, a mesma que assistimos na noite do nosso encontro. Ela era médium e eu não sabia. Depois de ouvir o meu relato ficou pensativa e pediu-me licença, concentrou-se e incorporou o espírito de uma criança de uns sete anos de idade que disse ter permissão para vir me dar um recado dos *vovôs maiores*. Dizia ser o titio de olhos azuis quem iria dar-me o lar tanto desejado porque estava destinado para mim. Podia parar de procurar, pois já havia encontrado o meu par desta vida. Despediu-se rapidamente e foi embora, desejando-me felicidades e disse para eu sempre ajudar outras pessoas como ajudei a médium incorporada.

Perguntei sobre o ocorrido e quem era aquela criança. Minha amiga informou ser médium e trabalhar com aquela criança há algum tempo. Disse também que esse espírito *encarnado* morava no Ceará. A família da menina já sabia que, quando ela sentia sono, não poderiam acordá-la, pois deveria estar fora do corpo atuando em algum trabalho de assistência. A missão da menina se prolongaria até ela completar oito anos de idade.

Achei a história um tanto inacreditável. Com os conhecimentos adquiridos hoje, admito ser possível. Na verdade não tem nada de misterioso. Guardei segredo para mim e não revelei a ninguém. Poderiam até pensar que estava ficando com as ideias avariadas. Assim como tive medo, compreendo hoje acontecer a muitas outras pessoas, ao passarem por acontecimentos parecidos, terem o mesmo receio.

Passado um ano e meio de nosso conhecimento, meu companheiro tomou a resolução de irmos morar juntos, na mesma casa onde tinha a oficina. Havia

se separado dos irmãos, indo cada um cuidar da própria oficina.

Eu não cabia em mim de tanta alegria. Enfim, teria o meu lar, pobre, mas era o *meu lar*. Uma casa antiga, de claraboia, com um corredor comprido e o banheiro no quintal. Parecia um palácio, principalmente depois de fazer algumas obras. Estava imensamente feliz. Acredito que ele também.

Senti diferença até no comportamento sexual, com mais respeito, carinho e emoção. Enfim, sentia-me amparada. Por nada desse mundo deixaria de respeitá-lo. A gratidão por tudo que me oferecia era muito grande. Com todo o meu passado e aprendizado, saberia valorizar a oportunidade de voltar a ter um *lar* harmonioso.

Sempre gostei de rememorar certos acontecimentos do passado, e nessa ocasião, sentindo-me feliz, de repente, lembrei-me de quando tinha me separado do meu ex-marido e estava procurando emprego. Tia Maricas levou-me a um centro espírita Kardecista para fazer uma consulta referente ao emprego desejado. Fui informada pela médium que teria muitos sofrimentos durante 10 anos de minha vida, contando desde o ano de meu casamento, isto é, 1951.

Naquele momento, queria saber de trabalho, por isso não dei muita importância a esse fato. Entretanto, com o tempo, fui mudando de opinião. Ela acertou. Conheci pessoas e lugares naquela época que realmente jamais pensei existir. Em 1961 conheci o homem que seria meu marido, justamente após 10 anos de meu primeiro casamento.

A vida continuava, meu companheiro trabalhava em casa mesmo, onde aproveitou uma parte do quintal para fazer um cômodo para a oficina. Tínhamos nosso *fusquinha* para passear, visitar meus pais e todos gostavam muito dele. Meu pai, nada sociável, conversava com ele como se já o conhecesse há muito tempo. Coisa inédita para mim que conhecia muito bem o comportamento dele.

Só pensávamos no presente. Sendo um bom profissional, ganhando bem, tendo amigos e companheiros com quem aproveitava a mocidade, frequentando jogos de futebol e restaurantes, porém sem deixar faltar nada no nosso lar, achava ser desnecessário contribuir para uma previdência. Dizia ser filho de uma família cujos pais dessoramaram com pouca idade e ele também não iria chegar à velhice. Grande engano seu.

Vendo o modo de pensar dele, apesar de não concordar, tinha vergonha de pedir para continuar pagando meu INSS, recolhido pelas firmas onde trabalhei no comércio e na indústria. Pensava que poderia fazer mau juízo de mim e julgar-me interesseira. Confiava na sua garra de trabalho para nos manter, pois era muito trabalhador. Nunca nos faltou nada.

Não pensamos no futuro, em termos uma aposentadoria mais folgada. O tempo não espera por ninguém. Não soubemos nos preparar, e hoje sentimos ser a ignorância uma porta aberta para as dificuldades da velhice. Só nos resta passar essa informação aos mais jovens, que confiantes em sua saúde, em sua vida financeira, na sua conta bancária e amigos, têm a sensação que terão tudo

isso sempre, e não precisam se preocupar com o futuro. Nosso futuro depende de nosso esforço e planejamento feitos no presente.

Esse aprendizado vai ficar gravado em minha *holo-memória* – memória de todas as vidas passadas e períodos entre vidas –, pois sei hoje da necessidade de se organizar na mocidade para ter uma velhice com mais conforto material e para poder enfrentar os problemas, principalmente os causados por comprometimento de saúde que a velhice traz.

Depois de alguns meses vivendo em meu lar estável, perguntei à minha mãe se concordaria que minha filha fosse morar comigo. Ela prontamente negou. Disse que quando ela era pequena e dava trabalho, eu não estava interessada em ficar com a menina. Agora, estava querendo a filha de volta, justamente no momento em que a menina a estava ajudando nos trabalhos de casa. Aleguei sobre o fato de antes não ter um lar, precisava trabalhar e não dava sorte nos empregos. Morando em vagas para moças em casas de família como iria carregar a filha comigo? Conformei-me, interpretando ser apego à menina e não insisti. Não desejava fazê-la sofrer e respeitei o seu modo de pensar, já bem conhecido.

Na mesma rua nossa, morava uma das irmãs de meu companheiro. Ela era mãe de dois lindos meninos, aos quais me apeguei, especialmente ao menor. Era meu afilhado e o maior, afilhado dele. Os meninos não saíam de nossa casa. Eram a nossa alegria.

Infelizmente, o marido de minha cunhada era alcoólatra e não queria saber de tratamento. Deixava faltar tudo em casa. As despesas deles acabavam recaindo

sobre nós também. Eu não tinha coragem de me alimentar tranquila, sabendo que na casa de minha comadre e cunhada não tinha nada, nem para comer.

Em busca de auxílio, ela começou a frequentar um centro espírita umbandista numa rua próxima. Tinha muita fé nos guias e protetores que prometeram a cura do seu marido. Diziam ser preciso que ela se desenvolvesse na espiritualidade, pois era médium e deveria fazer caridade, assumindo todas as responsabilidades requeridas pela mediunidade. Depois de muito pensar, aceitou.

Não media esforço para conseguir a cura do marido a quem muito amava. Eu a acompanhava tomando conta das crianças e ajudando nos trabalhos do centro, fazendo amizade com todos os participantes e sentindo serem pessoas muito responsáveis.

Apesar de toda a dedicação em ajudar minha cunhada com seu marido alcoólatra, não vimos nenhum resultado. Estava cada vez pior e não tivemos mais nada a fazer para ajudá-lo.

Estávamos no ano de 1964, quando tive um problema de saúde. Muita febre por um dia, e ausência da menstruação por dois meses. O médico diagnosticou gravidez e ficamos todos muito felizes. Desejava ardentemente ter um filho desse companheiro muito *amoroso e beijoqueiro* com as crianças. Desejava também saldar uma dívida pessoal por ter praticado um aborto no passado.

Comecei o tratamento pré-natal. Comprei roupinhas de bebê, mamadeira e todo o necessário para a ocasião, tudo em clima de grande alegria. Mas, depois de quatro meses, tive uma hemorragia e o médico mandou-me fazer repouso absoluto, pois poderia perder o bebê. Receitou-me uma porção de remédios e vitaminas.

Percebia a minha barriga diferente da barriga da vizinha que também estava grávida, mas não atinava o porquê. Com muito cuidado, fui chegando aos sete meses, e no dia da consulta, o médico, achou alguma coisa estranha comigo e mandou fazer uma radiografia no mesmo instante.

Qual foi a surpresa ao verificar o *Raio-X* e constatar que no espaço onde deveria estar o bebê, estava completamente vazio. Entrei em pânico, comecei a chorar e o médico, também emocionado, não sabia onde se enganou.

Lembrei-me da gravidez de minha madrinha quando os médicos queriam operá-la, garantindo não ser gravidez. Ela não permitiu e levou a gravidez até ao final, quando nasceu uma linda menina. Poderia acontecer comigo também. Resolvi esperar os nove meses.

Nesse meio tempo, procurava algo que pudesse mudar o diagnóstico médico para continuar tendo esperança. Procurei outros médicos e alguns ficavam em dúvida, pedindo uma série de exames. Outros eram categóricos e insensíveis. Depois de me examinar diziam que, se eu estivesse grávida, eles rasgariam seus diplomas.

Queria o bebê de qualquer maneira. Ficava inconformada, pensando nas despesas feitas e no sonho de embalar meu filho. Queria dar a ele tudo o que não pude dar para minha filha. Não me deixava abater, procurava me manter calma e esperar, dentro do possível, até para confortar meu companheiro, todo entusiasmado com a ideia de ser papai.

Sempre fui corajosa. Quando sentia estar no meu limite e a situação fora de controle, não fugia, encarava

pensando: seja o que tiver de acontecer, vai ser melhor do que viver na dúvida. Ao completar os nove meses, totalmente abatida, fui enfrentar a sala de cirurgia para resolver o problema. Nem os médicos sabiam o que iriam encontrar. Naquele tempo, ainda não existia ultrassonografia e os exames modernos de hoje.

Minha prima e comadre, madrinha de minha filha, me fez companhia na casa de saúde.

Quando voltei da anestesia, depois da cirurgia, angustiada, perguntei pelo neném e me fizeram dormir outra vez por ordens médicas. Temiam pela minha sanidade mental devido à teimosia sentida em não aceitar a falsa gravidez.

Acordei dois dias depois com o meu médico à cabeceira, acariciando-me e dizendo para, depois de me restabelecer da cirurgia, fazer um tratamento e, no ano seguinte, eu teria o tão sonhado bebê. Dizia sobre o meu problema ser um grande cisto ovariano, causador de toda aquela confusão, produzindo os sintomas de gravidez. Admitiu não ter me examinado com o devido cuidado, faltando até exames de laboratório. Assim, perdi o ovário esquerdo.

Ouvi tudo calada e quando terminou, disse-lhe calmamente que deveria ter tirado o outro ovário também. Assim terminaria toda essa angústia de passar por tudo outra vez. Não queria ter neném nunca mais em minha vida.

Depois de tudo, passei a me dedicar ao meu afilhado. Fiz um curso de corte e costura e comecei a confeccionar roupinhas para um orfanato. Preenchia o restante

de meu tempo no centro espírita onde frequentava, sempre buscando ser útil às pessoas.

Se tivesse os esclarecimentos de hoje, ocuparia o meu tempo em estudar para melhorar meu nível cultural e até procurar um emprego, já tendo um homem para me proteger dos assédios que encontrasse no trabalho. Mas estava condicionada a ser apenas dona de casa e feliz.

Nesse mesmo ano de 1965, em dezembro, meu pai dessorou em um acidente. Com isso, precisei passar a dar maior assistência para minha mãe e perdi completamente a esperança de ter minha filha, ainda menina, morando comigo. Ela, mais do que nunca, continuaria sendo companhia para minha mãe.

Quando uma de minhas amigas engravidou, dei de presente o enxoval do bebê e ela me deu um aspirador de pó. Divertimos-nos muito com a inusitada troca. Contei ao meu médico o acontecido. Ele me disse que eu era uma paciente muito especial, que me recuperara muito rápido do trauma causado pela falsa gravidez. Disse ainda que o meu caso ficaria registrado nos seus arquivos, como excepcional.

Considero-me com razoável maturidade no assunto referente a traumas. Nunca abriguei sentimento de apego ao passado. Com as experiências amorosas, por exemplo, depois de tantas frustrações, era para eu nunca mais querer saber de homem algum em minha vida.

Se eu fosse uma consciência fraca, seria uma forte candidata a uma vaga no hospício. Esse traço já trouxe de outras vidas. Este foi um fato marcante nesta minha existência. Achei que, naquele momento, estava sendo

punida pelo aborto praticado há algum tempo. Hoje penso diferente. Ao conhecer e refletir sobre a lei de causa e efeito, há sempre a oportunidade de aprender, reciclar e de continuar a evolução.

De vez em quando, eu tinha umas crises de dor na coluna, por isso o médico receitou alguns remédios. Os exames acusavam ser portadora de *bico de papagaio*. Mesmo medicada, essas crises me jogavam na cama. Não podia nem me movimentar. Só melhorava um pouco fazendo compressas com água quente.

Num desses dias de crise, fui chamada ao telefone na casa da vizinha. Minha mãe precisava falar comigo. Pedi para ela dar o recado, pois não podia me levantar. Minha mãe perguntou se eu aceitaria ir a uma igreja frequentada por seu vizinho. Era uma religião japonesa que, diziam, estava fazendo muitos milagres aqui no Brasil. Ele mesmo nos levaria de carro. No desespero da dor, aceitei o convite e fomos naquele mesmo dia.

Era uma casa antiga no bairro Maracanã. Em nada lembrava uma igreja. Fui conduzida a sentar-me em um banco longo e esperar minha vez de *ser atendida*. Uma pessoa se posicionaria à minha frente com a mão estendida, durante uns 15 minutos, repetindo o procedimento ao virar de costas. Ao *receber a oração*, senti-me bem e fui orientada a repeti-la (a oração?) depois de uns 15 minutos de repouso.

Quando terminou, já não sentia mais a dor, ficando impressionada com o fato. Achei que havia recebido um *milagre*. Minha mãe e eu ficamos maravilhadas e planejamos voltar lá.

Naquela época, parecia-me inexplicável, mas hoje posso compreender melhor, a partir do conhecimento teórico e prático sobre as bioenergias. Entendo que a dor física pode ser acompanhada por um bloqueio nas energias do corpo energético. Na verdade, a aplicação da *reza* com a mão estendida, era uma transmissão de energias ajudando a desfazer os bloqueios no corpo energético, e isso repercutia no corpo físico. O mesmo ocorre nos chamados *passes* dos espíritas, ou em qualquer reza ou prece com finalidade curativa.

Muitos fenômenos chamados de milagres nada mais são que ocorrências do uso das energias conscienciais. Uma realidade desconhecida ainda por grande parte da humanidade, que sofre os seus efeitos. Uma prova disso é a cura de meu problema intestinal que relatarei mais adiante.

Na semana seguinte, retornei à igreja levando minha cunhada. Ela também gostou. Ficamos frequentando por algum tempo. Contudo não estávamos familiarizadas com os costumes orientais; as orações eram em japonês e não entendíamos nada. Ficamos completamente deslocadas e aos poucos nos afastamos.

Chegamos em 1969. Devido às mudanças governamentais do país, não podíamos mais ter uma oficina de joias em fundo de quintal e tivemos que desativá-la. Meu companheiro entrou em pânico, pois não sabia fazer outra coisa na vida.

Nessa mesma época, minha filha, com 17 anos de idade, veio morar comigo porque teve um desentendimento com minha mãe. Ela continuou o estudo no mesmo colégio, perto da casa da avó, até as provas do final de ano.

Eu teria ficado mais feliz se ela viesse sem precisar se desentender com a avó. Entretanto, ela estava determinada e não tive como apaziguar o conflito entre as duas. Preferi deixar o problema nas mãos do tempo.

Nesse momento, apareceu um velho amigo de meu marido à procura de um sócio para uma importadora. O antigo dono, devido a problemas de idade e saúde, estava deixando de administrar a loja. Esse negócio, aparentemente, seria uma saída para o nosso problema. Na época até pensamos ser o auxílio divino.

Ele aceitou a proposta. Vendeu a oficina para um primo do ramo de joias, e também o nosso fusquinha. Juntando algum dinheiro economizado, colocou toda esperança nesse novo negócio.

No começo foi tudo bem e ele, com força de vontade, aprendeu depressa a lidar com os fornecedores e fregueses. Era ativo no serviço mais bruto, deixando a parte burocrática da loja para o amigo e sócio.

Nesse meio tempo, tivemos que nos mudar devido à prefeitura ter desapropriado diversas casas para as obras do metrô. Fomos morar no centro da cidade e ficamos mais perto do trabalho. Aproveitava para levar o almoço dele, economizando para pagar o aluguel.

Estávamos em 1971. Minha filha já estava empregada em uma ótima firma, sem precisar depender de nós. Até esse momento, íamos levando nossas vidas de altos e baixos, lutando para conseguir melhorar o nosso nível financeiro novamente. Esses acontecimentos nos deixavam muito ligados, com esperança de nos equilibrarmos.

Afinal, eu tinha realizado meu sonho: ter um lar novamente, e ainda com minha filha morando comigo.

Era respeitada pelos amigos, vizinhas e famílias, tanto minha quanto do meu companheiro. Frequentava a casa de minhas tias, inclusive aquela que, no passado, não me queria em sua casa.

Depois de todo meu passado, sentia uma grande gratidão por todo amparo recebido nos piores momentos. Agradeço o auxílio oferecido por meu marido ao devolver-me a autoestima perdida. Não teve preconceito em me aceitar como eu era.

Gostaria de lembrar às pessoas ainda preconceituosas em relação a mulheres separadas, mães solteiras, prostitutas, dentre outras que, antes de julgarem, façam uma reavaliação nos seus conceitos. Digo isso principalmente aos religiosos, a fim de evitar o acontecido comigo no passado. Há um ditado popular: *Há lírios que nascem no lodo!*

Não que eu queira ter a presunção de me considerar um lírio. Agora sinto a necessidade de rever minhas *assinaturas pensênicas* negativas, ou seja, os rastros deixados através dos pensamentos poluídos desta e das vidas anteriores. Não quero ser atraída por essas energias e me envolver novamente com consciências doentias. Quero limpar esses rastros com a prática da assistencialidade e da *cosmoética*, colaborando para o equilíbrio do Universo.

08. RELIGIÃO E TACON – TAREFA ASSISTENCIAL DA CONSOLAÇÃO (1974-1987)

“As religiões primeiro freiam a humanidade
jovem, depois mantém as conscins adultas
atreladas a egoísmos dogmáticos, atravancando
a autovivência da megafraternidade.”

(Vieira, Waldo; *Homo sapiens
reurbanisatus*; p. 727).

Com o passar do tempo, a loja foi nos dando recursos para viver com relativo equilíbrio. Até acontecer um problema com o sócio do meu marido que ficou gravemente doente, e precisou vender a parte dele na loja. Meu marido, não podendo comprar, precisou aceitar outros sócios; dois irmãos, aparentemente interessados no negócio.

Mas, ocorreram problemas com a sociedade e ficamos com a seguinte condição: ou compraríamos a parte deles ou continuaríamos no negócio mesmo não indo bem.

Estávamos muito preocupados e fui procurar um centro de umbanda indicado por uma colega. Fui me envolvendo com macumbeiros, fazendo oferendas, gastando o pouco dinheiro restante e, o que é pior, sem ver resultado algum. Era o caso de *cego guiando cego*.

Em um dos trabalhos, deram-nos uma tarefa para ser feita na linha do trem ao subir em direção ao subúrbio. Teríamos que acender quatro velas em cruz e quebrar uma garrafa de cerveja para o *Santo* nos ajudar a subir

na vida. Estávamos tão absorvidos em tentar acender as velas, já que o vento era forte, que não percebemos a aproximação de um trem. Se estivéssemos na linha, não daria tempo para sair. De maneira ignorante e imatura, teríamos perdido nossas vidas tentando melhorá-las.

Após o susto, meu marido arrebentou a garrafa com tanta força e despedaçou até as velas e, virando-se para mim, disse nunca mais querer saber desse tipo de ajuda. Disse que, se merecesse, receberia a ajuda de que precisava. Senti medo de represália dos guias.

Estávamos completamente sem esperanças quando, ao visitar minha mãe, que não aprovava minhas atitudes de procurar os macumbeiros, encontrei o primo de uma de suas vizinhas. O mesmo que me levou pela primeira vez à igreja japonesa. Perguntou-me porque não voltava à igreja, uma vez que, há alguns anos, tive uma prova da força espiritual deles.

Sinceramente, não acreditava em mais nada, mas acabei convencida a frequentar novamente a igreja. Fui recomendada a procurar uma senhora amiga, orientadora, para explicar o cerimonial da igreja. Ela iria me levar até o reverendo, se preciso fosse para ajudar a resolver nossa situação.

Depois de tanto acreditar em falsos protetores, considerava não ter mais nada a perder. Decidi tentar mais uma vez, apostando em algo desconhecido. Acreditando ou não, fui à igreja no dia seguinte e contei todos os meus problemas à senhora indicada.

Conforme a recomendação dela, eu e o meu marido precisaríamos frequentar a igreja durante mais ou menos

um mês. Tendo ele, após ser atendido, ido imediatamente para a loja. Obedecemos rigorosamente e, antes de completarmos um mês frequentando o culto diário, os dois irmãos apareceram com um comprador para ficar com a loja toda. Deram a parte de meu marido, acabando assim a sociedade, sem qualquer conflito.

As dívidas da loja foram pagas, e meu marido não ficou com o nome sujo na praça, podendo abrir novo negócio se quisesse.

Sempre fui grata a quem me socorre nos momentos difíceis. Assim, após sete meses de frequência, resolvi me tornar membro da igreja e ajudar as pessoas, da mesma forma que fui ajudada.

Era o final do ano de 1974. Minha primeira missão recebida foi prestar assistência religiosa no Hospital do Câncer, pois morava nas proximidades. Lidar com o sofrimento alheio, tanto o dos doentes quanto dos seus familiares, foi um grande aprendizado. Sempre tive muito respeito ao passar pela calçada desse hospital que considerava uma *antecâmara da morte*.

Em nove meses de atividades na igreja, fui promovida a assistente de grupo, liderando alguns frequentadores, moradores das proximidades de minha casa. Fiz muitas amizades, estava sempre pronta a colaborar com todos os encargos onde pudesse atender, inclusive, orientar as pessoas vindas pela primeira vez à igreja.

Nesse meio tempo, estávamos nos recuperando financeiramente, depois da perda quase total de nossas economias. Minha filha já estava empregada em uma grande multinacional, ganhando relativamente bem e nos ajudava com o aluguel.

Nesse período, recebemos o meu afilhado para morar conosco. Os pais tinham ido residir no estado do Maranhão e o menino não se adaptou. Chorava todos os dias, querendo vir para o Rio morar comigo. Aceitei o menino dando-lhe carinho, escola, roupas, educação e alimentação. Era meigo e obediente, mas muito desorganizado. Foi uma tarefa um tanto trabalhosa, mas realizada com amor até ele completar 15 anos, quando retornou para a companhia dos pais.

Fazia dois anos de toda essa atividade, quando apareceu o problema que me levaria a procurar o IIPC, 20 anos mais tarde.

Em 1976, comecei a ter dolorosas crises de diarreia, melhoradas com dieta, mas, depois de alguns dias, voltavam. Não conseguia mais me alimentar direito. Tinha medo das dores muito violentas que me prostravam na cama, parecendo uma gilete cortando meus intestinos.

Meu marido estava com muita dificuldade nos negócios. Tinha voltado a trabalhar com joias, mas quase não tinha fregueses. O valor do aluguel estava muito alto para o nosso padrão de vida e por isso fomos morar em uma pequena casa, nos fundos da casa de minha mãe, no subúrbio do Rio.

Minha filha ficou morando perto do seu trabalho com uma prima separada do marido, que morava sozinha. Se ela fosse para o subúrbio comigo, teria que viajar em condução lotada e enfrentar a Avenida Brasil, naquela época, já muito perigosa. Foi muito difícil para mim que sempre sonhei ter um lar completo, com marido e filha. Mas ela se esforçou e conseguiu sua independência financeira, podendo construir sua própria vida, e me deixava muito feliz.

Embora não sendo o pai biológico, meu companheiro gostava de minha filha como se fosse realmente seu pai. Entretanto, não aceitava dar a ela a liberdade que, naquela época, as moças já desfrutavam. Havia o que chamamos de *choque de gerações*.

Era um grande constrangimento vê-los discutindo e causando grande desarmonia em nosso lar. Ela era obrigada a cumprir o horário estabelecido por ele para chegar em casa. Muitas vezes, teve de sair das festas, cinemas e outras diversões sem assistir ao final.

Eu ficava *entre a cruz e a espada*. De um lado, o homem que me ajudou no momento em que mais precisava de apoio, pelo qual tinha imensa gratidão. De outro lado, a única coisa boa que me restou de um casamento fracassado: minha filha. O que fazer? Tanta desarmonia entre eles e eu não sabia como reequilibrar as energias de ambas as partes.

Compreendi que, apesar de todo amor que temos pelos filhos, eles só são *nossos* filhos de passagem, em cada existência. A consciência não tem mãe nem filhos. A relação familiar é uma circunstância da vida intrafísica com finalidade evolutiva. *O importante é aprendermos uns com os outros.*

Por várias vezes, sentia que estava prestes a perder o lar que tanto desejava. Tive que fazer uma escolha. Só de pensar que teria novamente que enfrentar as agências de empregos, já com mais de 36 anos, com a saúde abalada e sem a prática de minha profissão de datilógrafa, entrei em pânico. O que fazer? Optei por dar tempo ao tempo, pois, na época, não sabia analisar o meu próprio

comportamento quanto mais o comportamento das pessoas que conviviam comigo.

Hoje, sei que existem muitas energias assediadoras de consciências extrafísicas, fazendo com que tenhamos comportamentos completamente diferentes do que realmente somos. Às vezes, agimos como se fôssemos outra pessoa querendo fumar, beber, ou assediar até sexualmente sem ter ao menos o sentimento da ação praticada e sem saber o que estamos fazendo. Tudo isso acontece devido ao grande desconhecimento do que é o processo evolutivo multidimensional e multiexistencial.

Rendi-me, mais uma vez, ao que a vida me cobrou e tive que me conformar em me separar de minha filha. Afinal, ela conseguiu conquistar a sua liberdade com muito esforço e *engolindo muito sapo*, como diz o ditado popular. Ela se esforçou para ser dona de seu próprio nariz. Fico feliz por ela ter conquistado o que eu persegui toda a minha vida e não consegui: *liberdade e independência financeira. Afinal, a eternidade sabe esperar a todos no seu devido tempo.*

Continuei com os trabalhos de colaboração em outra igreja no subúrbio onde morava. Recebia e dava muita assistência religiosa.

Estávamos em fevereiro de 1977, fazia muito calor e meu problema intestinal piorou muito. Depois de alguns exames, o médico recomendou uma cirurgia de exploração devido aos resultados não indicarem qualquer anormalidade. Com medo da operação, fui adiando, fazendo uma rigorosa dieta que não estava dando resultado.

Passaram mais dois anos. No mês de agosto de 1979, não aguentando mais tantas dores, resolvi operar. Pela segunda vez minha barriga seria aberta.

O dinheiro economizado não era suficiente para pagar o hospital e o médico. Faltavam 9.000,00 cruzeiros, o que, na época, era muito dinheiro. Meu marido, sem ter mais onde procurar, apelou para sua intuição de jogador de loteria e conseguiu o valor faltante, na véspera do dia marcado para a operação.

Justamente nesse momento, dirigindo na Avenida Brasil, vindo para a cidade tentar um empréstimo, vi, em um relance, o número da sepultura de sua mãe, do qual nem se lembrava mais. Estacionou de qualquer maneira e foi até o ponto dos *bicheiros* de plantão. Apostou 200,00 cruzeiros e ficou esperando até o momento do resultado. Em apenas 1h20 minutos, recebeu o prêmio de 9.200,00 cruzeiros. Exatamente a quantia faltante para a operação e os 200,00 cruzeiros pagos pelo jogo.

É uma ironia do destino: justamente o seu ponto fraco, um *trafar*, foi usado para salvar minha vida.

Mais uma vez tive um grande amparo, do contrário, não estaria escrevendo esse livro e nem teria aprendido todo conhecimento que tenho hoje.

O questionamento que faço é: teria eu recebido um complemento no tempo de vida? Segundo a Conscienciologia, a moratória existencial (*moréxis*) é um período de vida a mais, facultado à consciência para ela poder completar sua tarefa de vida, uma parte dessa tarefa ou para ampliar ainda mais suas realizações através de seus esforços e desempenhos na fraternidade e assistência.

Confiante em ficar livre do problema intestinal, enfrentei mais uma vez a sala de operação. Os médicos encontraram em meus intestinos um tumor do tamanho de uma laranja, pronto para estourar. Estava muito fraca e não suportaria uma *peritonite*.

No dia seguinte à operação, o médico disse que não sabia como eu estava vivendo toda colada por dentro, devido à aderência ocorrida após a primeira operação. A aderência tinha formado um divertículo, e este infeccionou gerando o tumor na parte anterior ao retossigmoide, local até onde pode alcançar os exames de *clister-opaco* e *retossigmoidoscopia*. Este era o motivo de meus exames darem todos negativos, pois não alcançavam o local do tumor.

Foram retirados meu outro ovário e o útero, e feita uma limpeza em todo o abdome. O médico garantiu a cura. Disse-me precisar do acompanhamento de um bom gastroenterologista, porém não encontrei nenhum. Minha vida foi salva, mas o problema intestinal continuou, e, tentando solucioná-lo, acabei arranjando outros.

Com a retirada do ovário, entrei em menopausa precoce e traumática, sentindo todos os sintomas dessa fase da vida aos 46 anos de idade. Felizmente não são todas as mulheres que passam pelos mesmos problemas. Os calores eram muito fortes e ficava no chuveiro frio, de roupa e tudo, por algum tempo, até passar a pressão no alto da cabeça.

Devido a ter passado tanto tempo com o tumor, meu intestino perdeu a flora, gerando uma *retocolite ulcerativa*, que é uma inflamação simultânea do cólon e do reto, e a diarreia continuou. Sentia muitas dores, impedindo-me até de continuar prestando auxílio na

igreja. Fazia dieta, limitando radicalmente minha alimentação. Estava sempre alerta para saber o que era recomendável ou não comer.

Não sabendo mais o que fazer em meu benefício, havia apenas dois caminhos: conformar-me, acreditando serem as máculas de vidas passadas sendo eliminadas, como recomendado pela igreja, ou lutar, procurando médicos e remédios para manter-me viva.

Escolhi a segunda opção. Mesmo quando frequentava a igreja, jamais fui fanática a ponto de seguir passivamente o recomendado. Sempre busquei ser coerente com meu discernimento, dentro de meu nível evolutivo.

Durante os três anos em que morei no subúrbio, fiz muitas amizades novas. Reverti, através da assistência religiosa, o conceito negativo que muitas pessoas da vizinhança tinham a meu respeito, desde a época da separação de meu primeiro marido e quando fui trabalhar fora.

Nessa época, outro acontecimento faria aumentar ainda mais minha confiança e entendimento da multidimensionalidade. Minha filha começou a ter umas crises, chorava sem causa aparente, vomitava muita água, sentia falta de ar e crispava as mãos como querendo se agarrar em alguma coisa. Ela ficou magra, com olheiras e a fisionomia muito abatida. Parecia um cadáver. Fiquei muito preocupada.

Acontecia a qualquer hora e lugar, no trabalho, na condução, no culto da igreja. Foi justamente em um desses cultos que tomei conhecimento desse fato. Ela e minha prima não queriam que eu soubesse, pensando que o problema dela tivesse sido ocasionado por sentir-se responsável por si própria, e também não queriam me preocupar, devido a estar me recuperando da cirurgia.

Um ministro da igreja me disse que, junto dela, havia o espírito de um antepassado lhe transmitindo toda aquela agonia. Precisava ser *cultuado*, receber orações, o mais depressa possível. Sugeriu também para eu procurar saber quem era o espírito. Da parte de minha família, sabia que não havia nenhum antepassado precisando ser *cultuado*. Restava verificar na família paterna dela.

No dia seguinte, fui procurar uma prima residente no subúrbio da Central do Brasil para me levar até o último endereço conhecido dos parentes do pai de minha filha. Depois de andar muito, encontramos o local. Fomos atendidas por uma senhora que, ao saber de nosso desejo de falar com o senhor *Fulano de Tal*, mostrou-nos um retrato perguntando se acaso seria aquele homem. Minha resposta foi afirmativa, e ela disse-nos que era impossível, pois há um ano e três meses ele havia falecido. Afogou-se na praia de Grumarí salvando uma criança. Salvou o menino e morreu em seu lugar.

Deixou três filhos com a segunda esposa e ela, sendo a terceira, encontrava-se grávida na época do falecimento dele, mas perdeu o neném logo depois do enterro. Somando tudo, foram quatro filhos criados sem a presença do pai, sendo que minha filha não tinha convivência com ele há muitos anos. Tive um impacto com esse acontecimento, pois me pegou de surpresa.

Minha mãe frequentava um centro espírita há algum tempo. Durante uma sessão, pedia preces para aquela consciência, quando se manifestou. Pediu perdão a todos os prejudicados por ele em vida, inclusive a mim. Ele foi atendido, e nunca mais minha filha teve problemas. A falta de ar, a água que ela vomitava e as

mãos querendo se agarrar em algo eram uma assimilação da sensação do pai quando estava se afogando.

Ela ficou sem entender, porque não tinha nenhum contato com o pai e foi justamente ela a procurada por ele para se comunicar e pedir perdão. Não se sentia prejudicada por ele tê-la abandonado com apenas dois anos de idade. Nunca se importou de não ter pai, pois o avô era o pai conhecido por ela e gostava dele como tal. Talvez essa afinidade deu-se por sentimento de culpa dele.

Com esse acontecimento, tivemos a certeza da convivência entre as pessoas vivas, também chamadas de consciências intrafísicas (*conscins*) e os mortos, que podem ser chamados de consciências extrafísicas (*consciexes*). Acabaram-se as dúvidas do tipo: será que existe vida após a morte?

Muitas pessoas dizem nunca terem visto ninguém voltar de *lá* para dizer. Eu, minha filha, mãe, marido e parentes vivenciamos este acontecimento. Só nos resta acrescentá-lo ao nosso currículo evolutivo, naturalmente. É um conhecimento adquirido pela vivência, diferente de ter fé ou de acreditar simplesmente.

Com a chegada do verão de 1980, não aguentando o calor insuportável, devido à menopausa causada pela operação, e com a vida financeira mais estabilizada, mudamos do subúrbio para um bairro familiar, perto do centro da cidade.

Meu marido poderia ir atender à sua freguesia a pé. Eu continuaria o meu trabalho da igreja, passando a liderar outro grupo de pessoas, moradoras perto de minha residência, fazendo muitas outras amizades.

Nessa ocasião, fiquei ansiosa com a perspectiva de trabalhar com um novo grupo. A emoção descontrolada causou-me uma forte crise de diarreia. Fiquei internada, tomando soro, por dois dias, completamente desidratada. Felizmente possuíamos alguma reserva financeira e pudemos pagar um hospital particular.

Somando todo dinheiro gasto por meu marido, devido ao meu problema intestinal, com consultas médicas, remédios, operação, hospitais, daria para comprar, naquela ocasião, um bom apartamento.

No dia da alta do hospital, fui descansar depois do almoço devido à fraqueza. Adormeci e *sonhei* que me encontrava em uma montanha com relva baixa, de um verde maravilhoso como nunca tinha visto. Fiquei muito feliz e corria de um lado para outro apreciando o rio lá em baixo.

Era uma sensação de liberdade tão grande, jamais sentida antes. Deslumbrada, dizia para mim mesma: eu não vou voltar de jeito nenhum. Nesse momento, ouvi uma voz forte e enérgica de homem, bem no meu ouvido, chamando pelo meu nome por duas vezes. Acordei sobressaltada com o coração batendo tão forte que parecia o balanço da cama, mas não havia ninguém no ambiente. Rememorei a cena e nunca mais me esqueci dessa experiência.

O tempo todo pensava em não querer voltar. Voltar para onde? Só depois de conhecer a Projeciologia entendi esse não querer voltar para o corpo. Estava projetada e não sabia. Acredito que a voz era do amparador me chamando para voltar. Talvez tenha me chamado porque ainda precisaria aprender muito nessa existência.

Apesar de todos os meus problemas de saúde, continuei com o trabalho de assistência religiosa por mais de 13 anos, oportunidade em que ganhei novos amigos.

Certa vez, encontrei com uma moça que mal conhecia da igreja. Ao visitá-la, estava chorando. A senhora que morava com ela havia viajado e ela não poderia entrar em casa devido a não levar a chave para o hospital ao ser internada. Estava de alta e na rua. Falei que não precisava mais chorar, eu a levaria para minha casa. Fui falar com meu marido e ele prontamente foi à garagem e fomos buscá-la de carro. Ficamos amigas e até hoje essa moça é grata pelo ato que fiz sem mesmo conhecê-la. Ela já retribuiu me socorrendo em alguns momentos e também sou grata a ela.

Eu fazia assistência sozinha porque o grupo não me acompanhava mais. Ninguém queria atender no Hospital do Câncer. Insisti com as pessoas de meu grupo para irem comigo, mas, depois de umas duas visitas, ao ver tanta dor, corpos mal cheirosos e grande sofrimento, não tinham coragem de voltar. Eu mesma não sei como aguentava. Hoje sei que meu sentimento e vontade de ajudar eram bem maiores que minha acomodação.

Sabia que não estava sozinha, alguma *força* me acompanhava e me auxiliava a cumprir minha missão definida pela vontade de ajudar aquelas pessoas a ficarem sadias ou morrerem com dignidade. Assisti com compaixão a muitas dessomas, ajudando no que era preciso, e aos familiares também.

O tempo passou, estávamos em 1986, quando fui procurada por minha filha. Ela estava morando com um rapaz, porém, não tinha pretensão de se casar com ele.

Ela queria saber se eu tomaria conta de um filho dela com o novo companheiro, porque já estando com 35 anos de idade, desejava ser mãe e seria aquela a ocasião propícia. Tinha muita confiança no rapaz para ser pai de um filho dela.

Eu já sentia falta de um netinho ou netinha e concordei. Minha filha engravidou neste mesmo ano. Ficamos todos felizes com a notícia e nos preparamos para receber o bebê tão esperado. Uma das amigas de minha filha deu de presente um berço seminovo e fiquei encarregada de mudar o forro do colchãozinho. Comprei logo um pano bonito. Queria ter tudo pronto a tempo e sem pressa.

Nem comecei o trabalho, e de repente, sem saber, comecei a ter um pressentimento de algo ruim prestes a acontecer em minha vida. Pensava que ia acontecer algo de errado com o parto de minha filha ou com o neném, com minha mãe, meu marido ou comigo mesma. Pensava que alguém iria dessomar. A todo o momento algum pensamento ruim me dominava.

Chorava sem motivo, não queria comer e nem entrava na cozinha. Queria apenas ver anoitecer para poder dormir e esquecer a tristeza sentida o dia todo. Sentia que não era o caso de procurar um médico, pois sabia que não era físico o problema.

Ao receber a visita de minhas amigas, abraçava-me a elas e chorava de soluçar. Todas perguntavam qual era o motivo de tantas lágrimas. Respondia que não sabia dizer o porquê desse sentimento de angústia me atormentando, justamente no momento de ser útil para minha filha.

Elas sempre me viram forte, ajudando a todos, buscando apaziguar os conflitos familiares e dando meu apoio aos doentes. Não entendiam o motivo de estar daquele jeito.

Numa tarde, após o almoço *forçado*, corri para a cama igual a todos os dias, querendo dormir logo e não pensar mais em nada. Deitei-me e fiquei olhando o teto esperando o sono. De repente, comecei a pensar como se estivesse conversando comigo mesma e dizia:

– O que estou esperando, deitada aqui, enquanto tenho tanta coisa para fazer? Minha filha vai precisar dos meus serviços quando o neném chegar. O que está acontecendo comigo? Esses comportamentos não condizem com meu modo de viver. Não quero isso para mim.

Levantei-me e fui imediatamente apanhar o pano para forrar o colchãozinho. Abri a máquina de costura, medi e cortei o pano, tudo isso só pensando em fazer minha filha feliz ao ver meu trabalho para o seu neném. Trabalhei a tarde toda e nem pensei mais em dormir.

Esse sentimento de tristeza é chamado, na Conscienciologia, de melancolia intrafísica (*melin*). É provocado pela sensação de estar deixando de realizar uma tarefa importante da qual não se recorda. Daí esse sentimento de vazio que, em alguns casos, pode nos levar à depressão.

Como foi a doença aparecer, não sei. Só sei que consegui sair dela com a mudança nos meus *pensenes*. Podemos ser atingidos por pensamentos extrafísicos de assediadores, através de assimilação energética. E isso pode causar grandes problemas em nossas vidas.

Muitas vezes, a *melin* precede uma crise de crescimento ou mudança importante em nossa vida. Talvez

estivesse pressentindo que aquela fase estava se encerrando e deveria iniciar um novo ciclo evolutivo, atuando em outro nível de assistência.

Analizando os acontecimentos, vejo realmente que essa mudança foi uma crise de crescimento evolutiva, pois tive um outro ciclo de vivência muito intenso e inesperado, e nem sei como superei.

No ano seguinte (1987), logo depois de meu aniversário, recebi em meus braços a consciência que nesta existência é a netinha tão esperada por mim e meu marido. Sermos avós completava um momento de muita felicidade para todos nós.

Em junho, um mês após o nascimento da menina, minha mãe ficou gravemente doente. Não podendo mais viver sozinha em sua casa, precisaria vir morar comigo, seguindo a recomendação do médico, ou eu teria que me mudar para a casa dela no subúrbio. Não havia jeito de morar no subúrbio outra vez. Resolvi trazê-la para minha casa.

Desdobrava-me para dar atendimento à filha, à neta e à minha mãe. Meu problema intestinal continuava e me obrigava a uma dieta constante. Fazia comida em separado para mim e também para o meu marido, ele com o peso acima do normal e com grande dose de colesterol e triglicérides no sangue.

Não podendo estar à frente dos trabalhos na igreja, fiquei também sem atendimento. Entreguei o meu cargo de assistente do grupo religioso a outra pessoa, pois minha família estava em prioridade no momento.

Mesmo afastada da igreja, continuava com a tarefa de ajudar as pessoas ao me procurarem. Certa vez, uma

vizinha, muito prestativa, estava passando por uma série de problemas. Encontrei um tempinho para levá-la à igreja e apresentá-la aos meus amigos. Ela foi assistida e orientada a frequentar os cultos.

Algum tempo depois, ela me informou que estava frequentando as aulas para se tornar membro e poder ajudar as outras pessoas também. Fiquei feliz com a decisão dela, embora achasse que deveria possuir mais tempo de frequência para saber se era aquela mesma a sua vontade. Nas vésperas de ser *outorgada* através de um culto, ela me procurou dizendo que não estava mais interessada em se tornar membro da igreja.

Fiquei atônita com o comportamento dela, achando que havia influências negativas querendo tirá-la da igreja. Fiz tudo para não desistir. Insisti tanto que consegui convencê-la, não soube respeitar o seu livre arbítrio.

Fui com o marido e o irmão dela assistir a cerimônia, sentindo-me feliz por pensar que havia feito uma boa ação. No início, ela se entusiasmou, conhecendo pessoas dispostas a ajudar as outras, frequentando os cultos e participando da assistência religiosa no Hospital do Câncer.

Estava em paz com minha consciência e, às vezes, também ia ao hospital com ela. Pensei ter finalmente encontrado uma pessoa para dar continuidade aos trabalhos de assistência aos pacientes do hospital.

Quando menos esperava, ela disse-me que não estava mais interessada em continuar com a missão. Não queria saber de mais nada e caiu em depressão. Desinteressou-se até da própria casa, da qual cuidava com tanto carinho, de seus gatos de estimação, da sobrinha criada desde cinco meses de idade, do marido, descuidou-se até da aparência, nada mais importava.

Fiquei com sentimento de culpa e não sabia o que fazer para ajudá-la. Percebi, neste instante, o quanto *forcei a barra* para ela se filiar à igreja. Tinha feito uma verdadeira lavagem cerebral para ela assumir e participar de tarefas não positivas para ela naquele momento.

Nessa ocasião, assisti a minha primeira palestra no IIPC, conforme irei relatar no próximo capítulo. O IIPC ficava em um bairro desconhecido por mim. Convidei-a para ir comigo, pois sabia que havia trabalhado próximo ao local e esperava que também se beneficiasse com a palestra.

Ela assistiu a algumas aulas, colaborou na condição de voluntária durante algum tempo, mas logo desistiu. Eu continuei, mas, dessa vez, não insisti com ela, tinha aprendido a lição.

O problema dela continuou. Apesar de ter sido levada por umas amigas a procurar ajuda em igrejas evangélicas, médiuns, nada de melhorar. O marido queria até interná-la. A filha adolescente ficou tomando conta de tudo em casa, sem ter maturidade para essa responsabilidade.

De minha parte, fiz o necessário, informando-a conforme orientação de professoras e psicólogas. Procurava dar assistência a distância para não incomodá-la.

Aos poucos, ela foi melhorando. Em conversa particular, disse-me estar muito preocupada, pois a filha estava grávida com apenas 17 anos de idade. Nem pensei duas vezes. Falei sobre aquela criança poder ser um instrumento para tirá-la de vez daquela situação de pasmaceira. Disse que ela estava vendo a vida passar e não fazia nada para evoluir. Esta poderia ser a causa da situação pela qual passava.

Deu resultado. Hoje ela está mais feliz com a presença do neto. Embora com alguns problemas, está se recuperando bem.

Tudo me levou a pensar melhor sobre nossa influência sobre a decisão das pessoas. Trabalhar no Hospital do Câncer é uma tarefa difícil, principalmente se a pessoa não souber desfazer-se das energias doentias absorvidas sem querer. Minha amiga talvez não estivesse preparada. Tudo tem seu momento certo.

A lavagem cerebral e o fanatismo religioso, mesmo com a melhor das intenções, são muito prejudiciais à consciência. Compreendi que, além de consolo, as pessoas precisam de esclarecimento para ampliar o nível do seu discernimento e aprender a tomar suas próprias decisões.

Terminava aí o meu ciclo religioso nesta e nas próximas vidas. Tenho certeza de ter doado tudo de bom, de sentimento, amor e principalmente *gratidão*.

Quando encontro com algumas amigas que acompanharam o período das dietas devido ao problema intestinal, falo sobre o IIPC e de como fiquei curada. Esclareço não ter acontecido nenhum milagre e sobre o motivo de certas doenças serem causadas pelas energias descompensadas. Informo sobre o aprendizado adquirido através dos cursos e elas se interessam. Algumas já assistiram às palestras. Agora é só esperar, cada consciência em seu tempo certo de querer evoluir.

Sinto muita gratidão pela assistencialidade recebida nos períodos das crises e à atenção de todo o grupo integrado por mim.

09. RECICLAGEM INTRACONSCIENCIAL (1997)

"A recéxis, ou reciclagem existencial, é a mudança para melhor, de todo o curso e perspectiva da vida humana da conscin, fundamentada na Conscienciologia que, a partir daí, adota novo conjunto de valores ante a vida e as dimensões conscienciais do Universo.

(...) A recin, reciclagem intraconsciencial, é o primeiro passo para a recéxis."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 685).

"O esforço do reciclante é a recuperação, a mais rápida possível, das cláusulas básicas de seu mandato existencial, ou proéxis, a qual tenha negligenciado até aquele momento, correndo atrás do prejuízo."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 684).

Tendo minha mãe vindo morar comigo e eu cuidando de minha netinha, a vida virou uma correria. Não tinha tempo para mais nada. Até o meu marido passou a dormir no quarto dos fundos para não me incomodar.

Às 6 horas me levantava e me preparava para receber minha neta, às 7, trazida pela mãe. Quando completou dois anos e seis meses, ela começou a frequentar o maternal da escola. Às 12h30 minutos ela deveria estar de banho tomado, uniformizada, almoçada e o meu marido pronto para levá-la à escola.

Minha mãe me dava mais trabalho e preocupação que a menina, pois caiu em depressão por estar afastada das amigas e vizinhas. Elas a visitavam com longo espaço de tempo. Precisava ter atenção redobrada. Tinha medo que atentasse contra a própria vida, mesmo com todo

conhecimento Kardecista. A vida calma do subúrbio mudou completamente, e ela sentia falta do modo de viver igual a quando tinha saúde e morava em sua casa, com seu jardim e suas flores.

Os cuidados com a mamãe incluíam almoço, banho, remédios e todo o necessário para uma pessoa idosa e doente, quase totalmente dependente.

Não tinha tempo nem de cuidar de mim própria e de meu problema intestinal. Somente durante um ano tive o auxílio de uma empregada para me ajudar. Não podendo pagar acima do salário mínimo e tendo muito trabalho na casa, não conseguia segurar ninguém por muito tempo.

Em 1988 minha mãe foi internada seis vezes, uma internação a cada dois meses. Nunca, em toda sua vida, havia enfrentado um hospital, sempre autoritária e dominadora, via-se doente, necessitando de amparo e sem saber o que estava se passando à sua volta.

Senti-me desabar do pedestal de pessoa religiosa, ministradora de assistência em hospitais, onde dava o ombro amigo aos familiares dos doentes.

Minha resistência foi sendo minada. Não tinha com quem dividir os meus problemas. O pessoal da igreja, que convivi nos anos de trabalho assistencial, não apareciam em minha casa devido aos seus compromissos com a igreja. De tão nervosa, não dormia direito e fui ficando estressada a ponto de abalar minha saúde já comprometida com o problema intestinal.

Um dia, ao sair para as compras, encontrei uma colega que trabalhava em um centro espírita e tinha

a mediunidade bastante desenvolvida. Ao me abraçar ela sentiu-se mal e disse estar havendo uma intromissão de energias negativas comigo.

Convidei-a para ir até minha casa e ela se prontificou a comparecer à noite. Ao chegar, levei-a para ver minha mãe adoentada. Ela fez uma prece e me pediu consentimento para providenciar um atendimento espiritual. Disse que era o caso de obsessão. Consenti na hora e ela levou nome, endereço e o problema para o seu superior no centro espírita fazer uma análise do caso. Passados três dias, ela telefonou dizendo que havia marcado para a semana seguinte. Iriam cinco médiuns até minha casa para fazer um trabalho de desobsessão. Compareceram no dia marcado e o trabalho foi realizado em três segundas-feiras seguidas.

Na primeira semana, um dos médiuns incorporou um espírito com sotaque português, que pela voz parecia ser um senhor, dizendo que era o dono do apartamento e que estava muito aborrecido com aquela gente estranha na casa dele. Intimou-nos a sair imediatamente. Fizemos preces por ele naquela noite. Nas outras sessões, voltou mais calmo, sendo então esclarecido.

Procurei o proprietário e, sendo a família toda muito católica, ficou um pouco desconfiado, mas, me contou que o pai era um português falecido há dois anos. Levou a mãe para morar em sua casa e fechou o apartamento. Disse-me sobre o apego do pai ao apartamento. Ao fazer uma obra na cozinha, colocando duas pias de aço inoxidável, não deixava a esposa lavar nada nas mesmas para não arranhá-las. Obrigava-a usar o tanque de roupa para a tarefa da limpeza da louça.

Ficou explicado o motivo das internações de mãe. Ela estava sendo influenciada pelas energias do assédio extrafísico do ex-proprietário da casa.

Agradei à minha colega e aos *mentores espirituais* por atuarem na ocasião e pelo auxílio recebido.

Não estava mais ligada a qualquer religião. Ao escrever essa passagem, percebi, por intuição, que fui assistida naqueles momentos.

Minha neta foi crescendo, minha mãe melhorando, até o dia em que caiu no corredor do prédio. Teve luxação na bacia, quebrou o cotovelo e precisou ser internada pela última vez, pois, não resistindo mais, fechou definitivamente os olhos para esta existência. Era o mês de outubro de 1991.

Tendo o meu trabalho diminuído, passei a cuidar somente da neta e resolvi vender o apartamento, adquirindo com o dinheiro da venda da casa da minha mãe quando ela ficou doente e não teve condições de morar sozinha, vindo a morar em minha casa. Voltei para a mesma rua e o mesmo prédio onde morei antes desses acontecimentos, com o dinheiro do apartamento vendido. Assim, ficaria bem mais perto do comércio, dos amigos e o melhor de tudo: poderia *ver gente*, pois o mesmo é de frente para a rua.

As lembranças do bairro onde fui criada, com as ruas escuras e sempre as mesmas pessoas, sem novidades, me davam uma sensação de enclausuramento, como se não existisse nada para ver e aprender. Nunca suportei ficar sem movimento em minha volta, mesmo que não participasse.

Estava decidida. Procurei até achar o apartamento desejado. Conversei com a advogada da imobiliária e expliquei o meu problema. Para comprá-lo precisaria, antes, vender o meu. Pedi um prazo de um mês e ela se comprometeu a esperar. Consegui vender por um valor maior ao pedido pelo outro e, assim, pude realizar o negócio, ficando ainda com algum dinheiro. Penso, mais uma vez, ter recebido ajuda dos amparadores.

Em 1995, minha filha veio morar no apartamento ao lado do meu; ficou bem mais fácil tomar conta da neta. Também porque ela já estava bem crescidinha, com oito anos de idade e muito esperta.

Uma noite, de madrugada, acordei com uma dor tão forte na altura da cintura e no estômago que pensei não aguentar amanhecer o dia. Fui ao meu médico, fiz os exames pedidos e tive a constatação de precisar operar a vesícula. Fiz a operação em maio do mesmo ano. O problema do intestino piorou muito depois da cirurgia da vesícula.

Ainda nesse ano, em dezembro, recebi a notícia de ser portadora de catarata e seria uma nova cirurgia a enfrentar. Em 1996 operei o olho esquerdo no mês de abril e, em julho, o olho direito, passando bem nas duas cirurgias. A recuperação foi muito satisfatória e voltei a enxergar melhor que antes. Esse período, até ter a certeza se ficaria cega ou não, foi muito doloroso.

Em outubro desse mesmo ano 1996, meu marido precisou fazer uma cirurgia de próstata e teve problemas de hemorragia precisando receber transfusão de sangue. Ficamos muito preocupados devido ao advento da AIDS e seus malefícios. Esse acontecimento contribuiu para piorar o meu problema de saúde.

Todos esses acontecimentos durante o ano me descontrolaram os intestinos de um jeito muito violento e tudo o que comia fazia mal. Não conseguia comer nem *arroz com arroz*, até água tinha medo de beber.

O médico em quem eu tinha a maior confiança, que me acompanhava há 14 anos e já havia me operado da vesícula, disse que não sabia mais o que me receitar. Quanto mais medo tinha, mais os intestinos desabavam, virando um círculo vicioso.

Não tendo mais a quem apelar, resolvi tentar a *Terapia de Vidas Passadas*, pois só poderia estar lá o problema. Mas, após dois desencontros com o médico indicado para me atender, fiquei desconfiada de não ser esse o caminho e não quis mais saber dele, nem da terapia.

Já estava cansada de causar preocupação ao meu marido e à minha filha. E questionava: nesta vida, tenho certeza de nunca ter prejudicado ninguém, pelo contrário, sempre ajudei ao meu semelhante de alguma forma, sejam parentes ou amigos. Não entendia a razão de ser tão *punida* em uma única vida. Perguntava: Por que eu? Por que tanta dor?

Um dia, ao me encontrar sozinha em casa, tive uma crise de diarreia tão violenta com a dor cortando meus intestinos que pensei ser o momento da dessoma. No desespero fiz um desafio a todos os *santos, cristos, anjos, mensageiros de luz*, enfim, a todas as entidades evocadas pelos religiosos durante minha vida, e adorados como *iluminados*. Pedi para me mostrarem o caminho a trilhar para me curar. Queria viver e ser útil.

O sofrimento estava ultrapassando o meu limite. Não queria dessomar ainda. Sentia que precisava aprender muito nesta vida. Já estávamos no mês de dezembro e pensava que não chegaria até o ano novo. Nesse momento difícil, minha filha me falou sobre algumas palestras assistidas no IIPC que, na época, era pertinho da sua loja, no bairro da Glória. Na primeira vez em que ela me falou do IIPC não me interessei, julgando ser esse fenômeno da saída do corpo só para médiuns do nível do pesquisador Waldo Vieira e outros. Como estava errada em julgar antes de experimentar...

Tomei a decisão de tentar. Foi a informação mais valiosa recebida nesta vida. Só por isso já valeria a pena minha filha ter nascido. Tudo tem seu tempo. Havia chegado o momento certo de minha reciclagem existencial. Fui finalmente encaminhada para o local onde me proporcionaria esse esclarecimento.

No dia seguinte, sábado, cheguei ao IIPC uma hora antes do horário de normalmente começarem as palestras. E qual foi a surpresa: o instituto havia se mudado. Perguntei na padaria situada no mesmo prédio e disseram que não haviam deixado o novo endereço. Pensei: *realmente não terei condições de chegar ao próximo ano que já se aproxima.*

No ponto do ônibus de volta para casa, a chuva fina se misturava às lágrimas no meu rosto. Até que, não sei como, ressoou dentro da minha cabeça uma voz dizendo:

– A companhia telefônica, a Telerj, sabe onde eles estão.

Levei um susto, e surpresa enxuguei as lágrimas e tomei o primeiro ônibus para casa. Ao chegar corri para o telefone, liguei para a Telerj, que rapidamente me forneceu o número.

Liguei imediatamente. A ansiedade fazia a espera por atendimento parecer durar um século. Atendeu uma voz suave e meiga que me ensinou como chegar ao endereço novo e ainda me convidou para uma palestra com o professor Waldo Vieira, fundador da instituição, no sábado seguinte, dia 28 de dezembro de 1996, no Fórum de Ipanema, no Rio de Janeiro.

Ao desligar o telefone, tomada pela alegria, me sentia amada, agasalhada pela voz suave da atendente. Fui envolvida por uma atmosfera amorosa. Fiquei sentada quietinha, absorvendo todo esse sentimento e pensando nesses acontecimentos.

Não tinha capacidade de raciocinar quando estava no ponto do ônibus. Cheguei à conclusão de que, só de procurar a ajuda no IIPC, mesmo antes de encontrá-lo, já estava sendo assistida pelos amparadores.

Mais tarde fiquei sabendo que o IIPC havia deixado o endereço com os donos da padaria.

Como custou a passar a semana. A ansiedade era tanta que quase fiquei de cama devido à desidratação provocada pela diarreia. Enfim, chegou o dia mais aguardado do encontro com meus amigos da Conscienciologia. Uma vizinha me levou, pois além de fraca, não conhecia nada no bairro.

Fiquei impressionada com o fato de, ao ouvir o professor Waldo falar da Conscienciologia usando

os neologismos próprios da nova ciência, eu conseguir entender tudo.

Ele estava para lançar o livro *Manual da Proéxis*. Eu me identificava com tudo o que ele falava, sem nenhuma resistência. Era como se estivesse recordando algo esquecido há muito tempo.

Aos poucos, fui tomada por uma espécie de euforia sem nem mesmo saber o porquê. Sentia-me envolvida por uma sensação de confiança e amor, era como se tivesse encontrado minha verdadeira família, não vista há muito tempo.

No intervalo da palestra, comuniquei-me com a senhora da cadeira ao lado perguntando, entre outras coisas, se ela já conhecia o IIPC há algum tempo. Falei que estava com muita vontade de falar com o professor, mas morria de vergonha. Ela me tranquilizou e encorajou-me a ir.

Com o coração aos saltos, tomei coragem e fui falar com o professor Waldo. Esperei uma das professoras acabar de conversar com ele e me apresentei. Disse-lhe porque estava ali e qual era o meu problema, que estava desenganada por meu médico que já não sabia mais o que me receitar.

Fui informada de que precisava equilibrar minhas energias através do estado vibracional (EV), técnica de circulação das energias. Ele afirmou ainda sobre estar perdendo energias pelos chacras abdominais.

Perguntei como aprenderia se não podia ter acesso às aulas devido ao meu outro problema: o financeiro. Muito calmo, levantou-se, olhou para mim e depois para

os lados, ajeitou o cinto da calça, chamou por uma das colaboradoras e falou algo para ela.

Esperei um pouco, parecendo uma eternidade e recebi um cartão de cortesia com todos os estágios do curso do IIPC. Naquele tempo eram quatro módulos de estudo (P1, P2, P3 e P4) e cada um aprofundava mais o tema sobre as ciências Projeciologia e Conscienciologia.

Agradei e assisti o resto da palestra em estado de graça, não cabendo dentro de mim. Não chorei de emoção porque sabia não ser o momento de exteriorizar desse modo todo o sentimento que me invadia. Mesmo sem saber, senti a sintonia com a energia do ambiente me inspirando e tranquilizando e a predominância da racionalidade sobre o emocionalismo exacerbado, diferente dos ambientes religiosos que havia frequentado.

Passei o Ano Novo mais animada e com muita expectativa para iniciar as aulas no dia 6 de janeiro de 1997.

Ao chegar pela primeira vez na sede do instituto, fui encaminhada para o auditório onde assisti, então, minha primeira aula sobre Projeciologia.

A fisionomia da professora era de uma confiança madura, seu semblante traduzia uma paz que, hoje, sei diferenciar. Evidenciava uma pessoa altamente esclarecida. Ela conseguiu transmitir-me a vontade de aprender tudo de novo que a Projeciologia poderia me ensinar ainda nesta vida. Ainda bem, que tomei conhecimento dessas ideais nesta vida. Se eu soubesse tudo isso antes, muito tempo perdido teria sido evitado.

Com a continuação dos cursos o estudo ia se aprofundando. Conheci os benefícios da projeção lúcida,

técnicas para acessá-la, perda do medo da morte e outros recursos que todas as pessoas possuem; umas mais, outras menos e, por ignorância, não sabem aproveitar.

Fui ficando entusiasmada com todos esses conhecimentos novos para mim. Pensava que conhecia tudo, ou quase tudo, sobre temas espiritualistas, adquiridos nas religiões praticadas antes, entretanto, senti que ainda estava engatinhando nas ideias da Conscienciologia, tendo muito para aprender e estudar.

No primeiro dia de aula, aprendi como equilibrar as energias através do estado vibracional (EV) e, aos poucos, fui melhorando do problema intestinal. Nunca mais senti as dores terríveis parecendo giletes cortando meus intestinos e me colocando de cama. E, o mais importante, eu mesma, por minha vontade, estava promovendo isso, a autocura.

Gostaria de transmitir aos leitores a *técnica do Estado Vibracional* (EV) para que possam compreender que nas ações mais simples estão os grandes esclarecimentos para a evolução da sociedade. É o seguinte:

1. Fique de pé separando um do outro e feche os olhos para manter a concentração.
2. Mantenha os braços ao longo do corpo.
3. Concentre suas energias no alto da cabeça como se fosse uma *bola*.
4. Vá descendo essa *bola* pelo rosto, peito, cintura, quadris, coxas, joelhos e as pernas até chegar aos pés. Deixe-a parada por alguns segundos.
5. Volte com essa bola em sentido inverso. Vá subindo devagar fazendo uma varredura em suas células. Faça esse movimento algumas vezes por dentro e fora do

seu corpo. Vá acelerando mais e mais até sentir o corpo vibrar como um dínamo, instalando o estado vibracional.

Esse exercício deve ser praticado pelo menos 20 vezes ao dia, ao acordar, durante o dia e ao deitar. Aos poucos, pela nossa própria vontade, vamos desbloqueando energias estagnadas, renovando-as e fazendo o que estava *doente* ficar sadio.

Conheci também o trabalho da Consciencioterapia, um campo de estudo específico para o tratamento, alívio e remissão de distúrbios da consciência inteira, na época, realizado pelo IIPC. Hoje a Consciencioterapia tem sua instituição própria: a Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC), com sede em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná.

Fui atendida no período de 01 de fevereiro a 07 de junho de 1997 por dois consciencioterapeutas. Ouviram os meus problemas e me ensinaram a lidar com eles, fazendo eu me sentir mais preparada para compreender o quanto poderia mudar ainda nesta existência.

A Consciencioterapia foi muito importante para mim, pois aprendi a aceitar os meus erros, e a usar técnicas para o autoconhecimento.

Dentro de meu mínimo conhecimento em Projeiologia e Conscienciologia, já consigo entender o significado de ter autoestima e saber o porquê dos meus sofrimentos passados. Não tinha discernimento e vivia igual aos animais, sem nenhuma programação de vida. Vivia por viver, não me preparando para saber resolver os meus problemas. Aprendi a observar com maior lucidez os acontecimentos em minha volta.

Eu vivia à revelia, igual à maioria das pessoas. Vivia só porque respirava. Não sabia me preparar para evoluir

e envelhecer com amadurecimento, colhendo os frutos dessa mesma evolução.

Tudo foi melhorando, inclusive meu relacionamento com minha filha. Aprendi também a ter mais paciência com as pessoas, mesmo as mais imaturas, respeitando seus níveis evolutivos. Até a sexualidade melhorou. Eu e meu marido sentimos reflorescer a energia sexual que pensávamos ter se esgotado.

Aprendi a conviver com os meus problemas de saúde e financeiros.

Para o meu nível evolutivo, acredito serem os piores problemas da humanidade: a ignorância, a falta de saúde e a imaturidade com as finanças.

Encaro essa minha vida como um pagamento de pedágio ou um saldo devedor de outras vidas.

Espero que este aprendizado possa me proporcionar a oportunidade de participar de um bom curso ou preparação para outra vida (*curso intermissivo*), realizado no período entre uma vida e outra, após deixar esse corpo físico.

Estou me preparando para a próxima existência e para assumir uma nova *proéxis*, melhorando meu dia a dia para ter uma próxima vida mais organizada. Espero conseguir ser um(a) *inversor(a) existencial* e dedicar-me à produção de obras sadias em prol da evolução das outras consciências, impulsionando, assim, meu próprio amadurecimento.

Procuo aprender cada vez mais, até para poder praticar a tarefa assistencial de esclarecimento (*tares*). Busco esclarecer-me com as informações veiculadas na televisão, rádio, internet, jornais, livros e todas as fontes

que puder acessar. Participo sempre de palestras, cursos, lançamentos de livros, encontros, grupos de estudo e tudo o mais oferecido pelas instituições de pesquisa da Conscienciologia.

O mundo não está pronto. Tem que ser construído a cada momento, cabendo a cada um dar o próximo passo para a mudança interior, contribuindo para melhorar o mundo à sua volta.

Se mudarmos as premissas das ideias mofadas, por *pense* renovados, isso permitirá a melhoria do mundo todo, interior e exterior. Somente a própria pessoa pode mudar seus pensamentos, evoluindo cada vez mais na consciencialidade e saindo da materialidade.

Não precisamos prosseguir derrotados. A vida não começa no berço nem termina no túmulo. Somos consciências eternas e ainda temos muitas e muitas vidas à frente para crescermos, até não termos mais nada a aprender nesta dimensão intrafísica, quando atingiremos a condição de consciências livres, de fato.

10. UM APRENDIZADO PRÁTICO SOBRE AS RELAÇÕES GRUPOCÁRMICAS (A PARTIR DE 1999)

Reconciliação. "A edição do seu dicionário afetivo pessoal ainda não foi revisada? Você ainda vive os conceitos e mantém, ativas, palavras patológicas e anacrônicas como, por exemplo: inimigo, ira, ódio, rancor, represália e vingança?"

Amizades. "A rigor, nem você nem eu vivemos com estrangeiros ou forasteiros em nosso caminho evolutivo. Todas as amizades nossas têm bases multimilenares. Todos nos conhecemos, muito bem, há muito tempo. As retrocognições evidenciam esse fato."

Família. "Você se dá bem com a sua mãe, seu pai, e seus irmãos? Toda reconciliação multiexistencial começa por aí: na arena do lar."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 129).

Temos uma família cósmica – uma família universal, com diversos níveis de grupocarmas formados por afinidades. Temos grupos onde predominam a fraternidade e a compreensão de que, a cada vida, podemos completar uma etapa de nossa existência e passar a um outro patamar evolutivo. Outros grupos formam, em vez de um lar, verdadeiras arenas onde as consciências se degladiam sem se entenderem entre si, por muitas e muitas vidas. Se elas tivessem conhecimento sobre múltiplas existências (*multiexistencialidade*), viveriam em prol de assistirem umas às outras, a fim de não perderem tanto tempo na imaturidade e ignorância.

Um fato ajudou-me a refletir sobre as relações grupocármicas e entender um pouco mais os obstáculos enfrentados nesta vida.

Quando eu estava noiva, com apenas 15 anos de idade, minha mãe engravidou. Meu pai ficou muito envergonhado devido a ter uma filha noiva e ao mesmo tempo, a esposa barriguda. Aquilo mexeu com a cabeça dele, pois era um homem rude, quase sem cultura e muito preconceituoso. O tratamento que meu pai havia feito após o acidente no passado, ainda estava vigorando nesse espaço de tempo. Não sei qual problema ele teve...

Resolveram que mamãe precisaria abortar e, assim, foi levada a uma parteira. Naquele tempo, era usada uma técnica perigosa, que provocava o descolamento da placenta e tudo era expelido no dia seguinte. Se não houvesse complicação, a mulher estaria livre da gravidez.

Minha avó tinha vindo passar uns dias conosco para acompanhar o ocorrido e tomar conta da casa, pois minha mãe deveria fazer repouso absoluto. Depois de expulso o feto, vovó o enterrou ao pé da goiabeira do quintal.

Tudo correu bem, e eu nunca saberia desse caso se não tivesse acontecido um fato que, nem me lembrava mais, até antes de escrever esse livro.

O tempo passou, eu já havia me casado, separado e trabalhava fora. Minha filha estava com três anos de idade e com a fala muito atrasada.

Novamente minha avó estava passando uns dias lá em casa. Vendo a menina brincando em baixo da mesa da cozinha e a mamãe preparando o almoço, fez um comentário:

– Como a vida é interessante, você não quis criar um filho fazendo o aborto e agora está criando a neta!

Antes que minha mãe respondesse, a menina, colocando a cabeça para fora da mesa, foi dizendo:

– Pois é: vocês me enterraram na goiabeira, mas eu voltei!

Elas levaram um susto tão grande que precisaram tomar água com açúcar. Depois de se acalmarem, minha mãe perguntou à menina o que ela havia falado, mas, a resposta foi que não se lembrava de nada, não tinha dito nada, voltando a brincar naturalmente.

Esse acontecimento nos dá uma ideia de como funcionam as leis cármicas multidimensionais. Sendo nós consciências multiexistenciais, muitas vezes sofremos na vida atual consequências de vínculos de vidas anteriores.

Acredito que essa consciência tentava vir a esta dimensão, neste grupocarma e, como foi rejeitada por meus pais, ficou à espera de outra oportunidade.

Eu estava, no momento, vivendo minhas primeiras experiências sexuais, aos meus 18 anos e sem nenhum conhecimento de como evitar a gravidez. Servi de instrumento para colocar essa consciência nesta dimensão física. Isto é, dei à luz aquela consciência em virtude de um reflexo do comprometimento grupocarma de meus pais e meu também.

A propósito, o relato se refere ao segundo aborto realizado por minha mãe. Compreendo agora o sentimento de minha filha em relação a mim, sendo de uma irmã mais velha. Não me vê como sendo mãe dela.

Nesse momento, pondo no papel minhas experiências, já não me incomoda mais esse fato, pois antes não compreendia. Sei agora que, antes de tudo, somos consciências em evolução.

Hoje *estou* mãe, amanhã, poderei *estar* filha, pois existe uma grande diferença entre *ser e estar*. Assim sucessivamente até o total do aprendizado a ser absorvido e incorporado naturalmente através do conhecimento em nossa *holomemória*.

11. A AUTOCURA PROPORCIONANDO A CURA GRUPAL (A PARTIR DE 1999)

"A autocura (Consciencioterapia)
é a mãe de todas as terapias."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos
da Conscienciologia; p. 427).

Conforme relatei na introdução deste livro, tive que fazer uma catarse para trazer à tona muitos momentos difíceis e de grande importância em minha vida. Isso me deu um impulso consciente de que alguma coisa deveria ser feita para mudar o rumo desta existência. Era a reciclagem existencial que precisava ser iniciada imediatamente, custasse o que custasse.

Fui convidada para ser voluntária nas tarefas do IIPC, e o fiz com muita alegria. Conheci mais pessoas, professores, colaboradores e alunos. Sentia que havia encontrado minha família, meu grupo evolutivo do qual havia me desviado nesta vida.

Comecei a *levantar a pontinha do tapete*, fazendo o que deveria ter feito desde a mocidade. Deveria ter sido uma *inversora existencial*, colocando em prática o aprendizado trazido do *curso intermissivo*. Teria recuperado com maior clareza os conhecimentos de minha *proéxis*.

Quando comecei a escrever o livro, ainda não estava completamente boa dos problemas intestinais, por falta de alguma substância essencial para dar liga às fezes. Embora com menor intensidade, a diarreia ainda ocorria. Isso não me incomodava, pois não sentia mais as dores.

Um dia, quando estava na metade da redação do livro, tive uma surpresa ao ir ao banheiro: consegui fazer uma evacuação normal, como há mais de 24 anos não conseguia.

O que para a maioria das pessoas pode parecer banal, para mim significava um grande feito. Meu impulso foi chamar todos para ver. Gostaria de mostrar para uma grande plateia de tanta felicidade. Dizia: agora sim, estava curada. *Muitas vezes aprendemos a valorizar a saúde depois de perdê-la.*

Meu objetivo ao procurar o IIPC foi justamente a cura do meu intestino e nesse dia, finalmente, consegui. Constatei vivenciando a prova do conteúdo do livro da pesquisadora Málu Balona, *Autocura através da Reconciliação*. Reconciliação é entender e compreender o nível evolutivo das pessoas consideradas por mim como sendo as responsáveis por tudo de errado na minha vida. Essa compreensão liberou as energias estagnadas, proporcionando finalmente a cura.

Outro acontecimento marcante referente ao livro aconteceu quando, em uma segunda-feira pela manhã, recebi um telefonema de uma pessoa desconhecida. Ela dizia ser a filha de meu primeiro marido. Ele havia refeito a vida depois de nos separarmos e teve três filhos com a outra esposa.

Ela encontrou o número de meu telefone na lista de assinantes da companhia telefônica na internet. Estava sem coragem de ligar, pois não sabia como iria recebê-la.

Perguntei como sabia o meu nome e sobrenome, sendo italiano e meio complicado. Ela me lembrou que

constava na certidão de óbito do pai e também na averbação do desquite.

Disse-me que estava tendo sonhos com o pai falando de minha filha, e passou a sentir uma vontade incontrollável de conhecê-la. Ela me disse também, que o pai, quando ainda era vivo, falava-lhe muito da irmã que não mais procurou. Sentia-se envergonhado de não ter posses suficientes para oferecer a ela.

Após os esclarecimentos referentes ao passado, disse-lhe não nutrir rancores e mágoas. Havia chegado à conclusão de que éramos duas crianças brincando de adultos, completamente sem experiência e maturidade para assumir a responsabilidade do casamento, e este forçosamente fracassaria.

Falei do livro que estava escrevendo, sobre os acontecimentos daquela época, do IIPC, de como me sentia bem com os trabalhos com as energias e a convidei para conhecer o local onde aprendi a liberar todas essas mágoas e rancores, que só nos fazem caminhar para trás.

Dei o número do telefone de minha filha para marcarem um encontro. Fiquei feliz, pois quando eu e o meu marido dессomarmos, minha filha não teria mais ninguém no mundo, uma vez que já estava separada do pai da minha neta. Agora teria uma outra família.

Acredito que, onde quer que o pai dela esteja, deve ter sido evocado com o fato de eu estar revivendo as lembranças para escrever o livro. Isso poderia ter possibilitado a tentativa de unir as filhas.

Aprendi na Conscienciologia a importância de sabermos aplicar nossos pensamentos, sentimentos e energias

de maneira mais positiva. Ao escrever o livro, acredito que enviei uma corrente de energias de paz, perdão e amor às pessoas que fizeram parte da história de minha vida. Dessa forma, fui instrumento para o meu grupo-carma ser assistido.

12. A VIDA CONTINUA (2003)

Morte. "Renascimento é esperança.
 Dossoma é saturação. O fenômeno da
 projeção consciente humana prova tão só
 para você, na sua intimidade, que a morte
 do soma, não afeta a continuação do fio vital
 da consciência. Por isso, para você, em tese,
 se extingue em definitivo a tanatofobia ou o medo
 da morte, o pai e a mãe de todos os medos
 e fobias humanas. Você sabe, com certeza,
 dentro de si próprio, que continuará vivendo
 depois da morte cerebral e da doação dos
 órgãos do seu soma." (...) a vida da consciência
 aponta para a vida perene. Não fomos criados
 para chegar a um fim ou à extinção.
 O autocídio é a pior opção da conscin."
 (Vieira, Waldo; 700 Experimentos da
 Conscienciologia; p. 233).

Madrugada de 09 de março de 2003. Sentia-me
 um tanto aborrecida com um acidente sofrido no último
 dia 20 de janeiro.

Tive uma queda no corredor do prédio onde resido,
 na qual fraturei o pulso e tive traumatismo no joelho es-
 querdo, pois a queda foi igual à bailarina com uma perna
 para frente e a outra para trás. Fiquei impossibilitada de
 andar normalmente. Comecei a fazer questionamentos
 sobre a causa desse acidente.

Sou cuidadosa ao andar, devido ao piso do prédio
 ser encerado e lavado regularmente. Coloco jornais nos
 locais molhados por vazamentos, pois, além de mim,
 residem outras pessoas idosas no apartamento vizinho.

Já havia avisado ao faxineiro para ter mais cuidado
 com o excesso de água, pois as pessoas idosas poderiam

cair e sofrer alguma fratura. Expliquei sobre a falta de cálcio e perda de massa óssea, fazer ficar mais difícil a recuperação em nossa idade.

Devido ao racionamento de eletricidade em todo o país, a síndica mandou colocar sensores para acender e apagar a luz nos corredores pequenos, inclusive no meu. Acontece que, com o sensor, a lâmpada só acende quando já estamos embaixo dela.

Um dia, ao sair de casa, a luz não acendeu e não vi o chão molhado, pois estava sendo lavado. Fui caminhado no escuro com muito cuidado e, quando já estava chegando ao limite para o corredor maior, onde fica iluminado, escorreguei, bati com o joelho no chão e fracturei o pulso. Fui parar no hospital.

Passados pouco mais de 40 dias do acidente, estava muito preocupada quanto ao traumatismo no joelho, me impossibilitando de andar direito, e a dor estava cada vez pior.

Apesar de ter conhecimento das leis de causa e efeito, acidente de percurso, etc., fiquei muito revoltada. Pensava no acidente, no livro que estava escrevendo, tentando entender o acontecimento.

Fui para o computador escrever sobre as ideias que estavam em minha cabeça, pensando em trazer mais algumas reflexões para o meu livro.

Nesta noite, fiquei trabalhando no computador até tarde. Fui me deitar mais ou menos às 2 horas da madrugada, continuando a pensar e a fazer questionamentos. *Conversei* com os meus amparadores para me ajudarem a encontrar respostas.

Depois de algumas dificuldades para me acomodar, devido ao braço engessado, adormeci e aconteceu o que considero ser uma projeção da consciência ou um sonho lúcido.

Vi-me junto com algumas pessoas, viajando em um veículo parecido com o bondinho de Santa Tereza. Todos calados e pensativos. Havia paisagem com árvores e muito verde.

Quando o bondinho parou, todos descem e teríamos que atravessar uma espécie de ponte coberta ou túnel, com o piso de terra batida cheio de altos e baixos. Estava claro como se fosse dia, fomos todos caminhando e eu ia ficando para trás. Não conseguia acompanhar o grupo.

Ninguém falava nada. Ao ver que estava andando muito devagar, vi um homem bem mais adiantado à minha frente e pedi para me esperar, pois não conhecia o caminho. Ele continuou seu caminho me ignorando.

Gritei pedindo ajuda. Estava quase no fim da ponte quando avistei os sapatos de um guarda. Eu deveria estar caminhado em um nível abaixo dele. Usava roupa de cor cáqui, igual aos policiais dos anos 50. Com esforço, cheguei até ele.

Perguntei se não estava ouvindo minha voz pedindo ajuda e disse-me ouvir a voz de um médium. Imediatamente raciocinei: se, era a voz de um médium que ele ouvia, eu deveria já ter dessomado, pois quem fala através de médium é *consciex*.

Entrei em um estado de euforia como nunca senti nesta vida. Pensando com alegria ter um bom tempo sem

precisar passar por esse caminho de novo, saí correndo pela estrada arborizada, com terra amarelada.

Ainda vi o homem caminhando em minha frente, vestido igual antigamente, de jaquetão e chapéu, carregando uma valise. Não olhou para mim e nem vi o seu rosto, dobrou a curva sumindo na estrada.

Não me via com esse corpo de hoje, e sim um corpo jovem e saudável. Pensei rapidamente em algumas pessoas e cenas de minha vida deixadas para trás, sentia-me feliz, completamente sem culpa e sem saudades. Completamente livre.

Acordei com uma sensação de leveza e bem-estar. Não me impressionei ao rememorar e achei que era um aviso dos amparadores de que já estava chegando ao final dessa estrada – vida. Senti-me muito bem, e resolvi colocar no papel essa experiência.

Seria a liberdade perseguida durante essa minha trajetória terrena ou seria justamente saudade dessa sensação tida na projeção? Quando penso que para continuar o processo de minha evolução, terei que voltar para o intrafísico, nascer de novo (*ressomar*), tenho um sentimento contrário ao da projeção. É uma sensação de angústia e separação de algo bom, agradável.

Esse sentimento pode estar relacionado à insegurança de me desviar da programação de vida na próxima existência também, como aconteceu nesta.

Acredito que este livro é uma espécie de balanço desta existência, em que vejo e revejo o que poderia ter sido mais bem aproveitado para o meu crescimento evolutivo.

No decorrer desse tempo em que estou escrevendo este livro, desde 1999, percebo que não escrevo sozinha, me sinto alheia a todos os movimentos e ruídos da rua. Não vejo nada mais em minha volta, isolando-me totalmente deste mundo físico.

Aprendi a ter paciência com os erros alheios, compreendendo com amor as consciências de meu grupocarma. Busco ser mais compreensiva e ética com os que, cheios de preconceito, julgam os atos de seus companheiros contemporâneos.

Sei ainda faltar muito tempo para poder absorver todos os conhecimentos sobre a Conscienciologia, pois desejo, neste tempo que me resta desta vida intrafísica, desenvolver mais a projetabilidade e o parapsiquismo.

Pretendo também continuar a escalada do aprendizado para na próxima vida humana ser mais produtiva. Quero me dedicar desde cedo para conquistar, o quanto antes, minha completa independência financeira. Ter liberdade de escolha e acertar mais através da recuperação, o mais breve possível, dos conhecimentos trazidos das outras existências.

Meu objetivo é poder atuar em um nível de assistencialidade mais alto, produzindo *gestações conscienciais* e atuando na tarefa do esclarecimento.

A estrada vista na projeção, trouxe-me a certeza íntima de que a vida continua...

13. AUTOANÁLISE ATRAVÉS DA CONSCIENCILOGIA (2003)

Autocrítica. "A qualidade da autocrítica depende do nível lúcido da consciência no emprego do seu corpo emocional. Há atitudes definidoras das posições evolutivas."

Conscienciologia. "A Conscienciologia enfatiza o discernimento, a maturidade integrada da consciência (holomaturidade) e o emprego da cosmoética para a personalidade que deseja agilizar a sua autoevolução. Coloca o ego, paradoxalmente, acima do egocarma e do seu grupocarma, no esforço de se alcançar o exercício lúcido do policarma. O dinheiro é substituído, em importância, pela aplicação das ECs.

Os desempenhos multidimensionais fazem com que a consciência valorize ainda mais a Para-humanidade."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 142).

Fazendo uma autoavaliação, reconheço que errei muito e muitas vezes. Compreendo e aceito tudo de errado que pratiquei. Agora me pergunto: E aí? O que faço com eles? Coloco em um saco, fecho e jogo fora? Enterro ou afundo no mar? Ou esqueço tudo?

Concluí que ninguém deve fazer nada disso. Os erros são aprendizados não só para mim, mas também para todas as consciências ainda imaturas diante da multidimensionalidade.

Estou gravando em minha memória de todas as vidas (*holomemória*) para não repeti-los em existências futuras. Fazem parte do processo da evolução de todas as consciências. Quem hoje poderá me julgar por ter errado

tanto? Quem garante que nunca errou ou que, um dia, não poderá errar também? Se estamos todos fadados a evoluir e não nos demos conta dessa realidade, ainda vamos ter de buscar, de alguma forma, nessa ou em outra vida, essa evolução.

Antes de conhecer a Conscienciologia, achava que todos os acontecimentos errados, o casamento, os empregos frustrados, a falta de confiança em mim própria e outros erros de minha vida, eram culpa dos meus pais.

Eles se dedicaram a me proteger de maneira exagerada, privando-me das informações, experiências e convivência com outras pessoas. Também não puderam transmitir-me muita coisa por terem pouca cultura, mas ninguém pode dar o que não tem.

Não me deixavam tomar parte das conversas dos adultos e nem me inteiraram dos problemas domésticos. Ficava alheia a todas as coisas, e pensava que a vida iria me dar tudo de *mão beijada*.

Achavam que estavam me fazendo um benefício ao me ocultar as dificuldades e problemas da vida. Pensavam em me preservar. Igual à maioria das pessoas, eles não sabiam da importância de interagirmos uns com os outros para haver a troca de energias. Para serem sadias, nossas energias devem circular também em outros ambientes além de nossa própria casa.

O IIPC foi para mim um divisor de águas que proporcionou conhecimento para eu saber discernir com lucidez, o quanto aprendi antes de conhecê-lo e o que estou aprendendo agora.

Aprendi antes, vivendo com o sofrimento, e hoje, com grande vontade de estudar, participar dos cursos

e me preparar para a prática da assistencialidade em maior nível, a exemplo da tarefa energética pessoal (*tenepes*), assistência diária, multidimensional, auxiliada por amparadores, e para o resto da vida.

O antes e o depois não me deixam dúvidas sobre esse fato. Custei, mas encontrei minha família consciencial da qual não pretendo nunca mais me separar, nem nesta, nem em outra dimensão.

É inegável que o ambiente e o modo pelo qual somos educados podem dificultar a manifestação dos aspectos mais positivos de nossa personalidade, capazes de proteger-nos dos pontos mais fracos.

Entretanto, reconheço que, se houvesse força de vontade e predomínio da racionalidade, poderia ter superado as adversidades. Além disso, se estamos em um determinado grupocarma é porque estamos afinizados com ele e, portanto, temos uma grande oportunidade evolutiva.

Enquanto ainda era criança, não entendia muito bem o modo de pensar dos meus pais, por isso não me sentia prejudicada. Na adolescência, comecei a me incomodar com tanta repressão e fui tomando atitudes completamente desordenadas.

Foi o princípio de tudo. Essas ações impensadas desencadearam uma série de incidentes que me fizeram sair completamente de minha verdadeira programação de vida.

Cheguei a essa conclusão com a ajuda da Consciencioterapia, analisando-me e revendo meu passado, verificando onde e como poderia ter evitado os meus desacertos.

Poderia ter aproveitado o conforto da casa dos meus pais e me conformado com o tipo de vida considerado por eles como sendo ideal para mim.

Caso fizesse essa opção, estaria repetindo tudo o que já fiz em tantas outras vidas? Seria feliz com isso? O que faria com toda a impulsividade e desejo de aprender coisas novas? Gostaria de ter estudado e me preparado para ter um emprego digno, mudando assim o destino. Porém, como fazer isso sem ter de confrontá-los?

Meu pai aceitaria, ou melhor, deixaria que estudasse? Quem pagaria esses estudos? Não tinham recursos financeiros.

Só a boa intenção não nos leva a nada. É preciso ter discernimento para fazer a coisa certa no momento certo. Poderia ter esperado por minha maioridade. Ao completar 21 anos, tomaria as rédeas de meu destino. Não consegui. Tinha pressa. Queria conhecer o mundo fora dos muros de nossa casa. Queria mudar tudo.

Queria liberdade. Mas onde achar? Como conquistar? Conquista é fruto da maturidade. Briguei muito e lutei contra os preconceitos da época, dos homens, dos parentes e contra todos os obstáculos em busca dessa liberdade. Mas fiz de maneira precipitada, sem medir consequências.

Tudo tem seu preço e paguei muito caro. Pensei que o casamento seria o caminho mais curto e seguro para a liberdade. Mas acabei conquistando-a por um caminho bem longo e tortuoso.

Mas acho válidas todas essas experiências, sinto que subi nesta existência alguns degraus na escada da evolução. Principalmente porque, embora aos 63 anos de idade, tive a oportunidade de conhecer a Conscienciologia.

Hoje compreendo que não há dinheiro no mundo que pague esse meu momento evolutivo.

Para subir os degraus mais altos da escalada da evolução, não basta apenas ter a intenção positiva, é preciso ter uma boa dose de força de vontade, estudo e reconhecer principalmente o momento para aproveitar as oportunidades-chave que se apresentam em nossa vida.

Desde o momento da decisão de estudar, já estamos nos sintonizando com os amparadores para nos ajudar a encontrar caminhos e atingirmos nossos objetivos.

Ter acesso aos cursos e atividade promovidos por instituições preparadas com o nível de competência do IIPC, cujo objetivo é despertar as consciências deste planeta que estão querendo sair do ciclo de repetições de vidas com priorizações mais lúcidas, no meu caso, foi a ajuda recebida.

Tudo que passei nesta existência, talvez só possa compreender com mais clareza após dessomar. Sinto precisar rever minhas assinaturas pensênicas, resultados de todos esses desacertos, para não deixar os rastros negativos interferirem no futuro. Não quero mais ser atraída justamente por essas energias, e me envolver novamente com consciências doentias. Sinto gratidão pelas consciências contemporâneas no *front* da batalha, sendo instrumentos para que, pelo menos em parte, minhas tarefas fossem realizadas. Espero desenvolver meu parapsiquismo para poder continuar com o trabalho assistencial em maior nível.

Os evolucionólogos ou orientadores evolutivos sabem a maneira certa de me auxiliar no direcionamento para a próxima vida intrafísica, possivelmente no caminho da *invéxis*, pois *vontade é o que não me falta*.

14. MATURIDADE (2005)

Reconciliação. "O inteligente é ajustar as possíveis contas pendentes enquanto estamos juntos com alguém em condições mais favoráveis em função do princípio da inseparabilidade grupocármica. Grupocarmalidade: destinos simultâneos."

(Vieira, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; p. 403).

Na expectativa de ver o livro pronto e de já tê-lo enviado para a última revisão, eis que me apareceu um grande problema de saúde, dessa vez com o meu marido e companheiro há 45 anos.

Desde Janeiro de 2005, ele se queixava de uma dor nas costas, indo há diversos médicos que diziam ser coluna. Pediram *Raio-X* do tórax e nada de aparecer o problema. Disseram que era problema de coluna. Eram remédios e mais remédios e as dores aumentando.

Até que, uma médica do INSS, constatou que o pulmão direito estava com muito líquido e mandou fazer outro *Raio-X* na mesma hora, o que foi feito em clínica particular, pois em questão de saúde não podemos esperar.

Foi encaminhado para o Instituto Nacional do Câncer, o que nos preocupou muito. Depois de três madrugadas para conseguir um número para o atendimento, finalmente conseguimos uma consulta, na qual retiraram uma amostra do líquido para exame de biópsia.

Ainda com muita dor, esperamos mais uma semana para saber o resultado.

Esse resultado quase nos matou, pois o médico friamente comunicou que ele estava com o pulmão direito com um tumor maligno e que, devido à idade, não suportaria uma cirurgia.

Senti como se o chão tivesse se abrindo e nos engolindo de tanta dor e surpresa. Vi que ele, ao meu lado, parecia estar se encolhendo, ficando pequenino igual a um menino assustado. Segurei sua mão tentando levar um pouco de ânimo àquele ser que, com o peso da notícia, ficou completamente desprotegido.

Foi um golpe duro receber uma notícia desse porte assim, sem uma preparação da parte do médico. Naquele momento, se nós não estivéssemos com os remédios do coração em dia, teríamos caído fulminados com tamanha frieza.

Enfim, começou o tratamento pela quimioterapia e um dos nossos professores do instituto, que é médico homeopata, inscreveu-o no *Programa do Avelós* no Instituto Hahnemanniano para fazer tratamento paralelo. Esse *Programa do Avelós* é uma pesquisa do Instituto de Homeopatia, que está estudando essa planta cujo sumo é considerado anticancerígeno.

O abatimento de um homem que nunca, em toda sua vida, teve uma doença grave e de difícil cura, o fez cair numa grande depressão a ponto de se desinteressar por seus fregueses, pois ainda trabalhava, e até pelo joguinho de baralho junto com seus amigos. Chorava escondido, não tendo forças para se equilibrar emocionalmente.

Vendo o seu estado, fiquei preocupada e, com carinho, falei sobre como encontrei novos conhecimentos através do IIPC e ninguém melhor do que ele sabia

o quanto passei de sofrimento com os problemas intestinais. Falei do desenvolvimento dos trabalhos de energias, do progresso evolutivo e dos novos conhecimentos adquiridos e, por fim, a cura. Convidei-o para ir comigo assistir às palestras no IIPC realizadas aos sábados em Ipanema, e que não fica muito longe de nossa casa.

No primeiro sábado em que a palestra falava sobre *Qual o seu projeto de vida?*, ele perguntou-me, descrente, se ainda teria projeto de vida? Ao que respondi que o nome do meu livro seria a resposta: *Sempre é Tempo*, depende só da vontade da pessoa.

Ao terminar a palestra, apresentei-o para a professora e contei o problema. Ela deu muita atenção a ele, que teve uma crise de choro parecendo o mais infeliz dos homens. Recebeu instruções e palavras de carinho, sentindo-se aliviado e mais interessado em participar das palestras.

Comparecíamos todos os sábados e nunca mais chorou e nem programou lazer aos sábados, dizendo aos amigos ter um compromisso no IIPC. Na mesma semana, mesmo sem entender direito os neologismos, começou a ler um livro que fala de viagens astrais, Conscienciologia, energia. Fazia o estado vibracional (EV) diariamente e estava interessado em conhecer mais as ideias do instituto. Ao me perguntar a quanto tempo frequentava o instituto, respondi: vai fazer 10 anos em Janeiro de 2007, ele disse com a cabeça baixa: Perdi 10 anos...

Retribuí, com todas minhas forças que poderia aguentar, ao ver, enfim, que ele havia sentido que deveria conhecer assuntos que eram completamente desconhecidos e desinteressantes até o momento em que a dor e o sofrimento o chamaram à realidade do que viemos fazer neste planeta.

Nossa meta é a evolução e, querendo ou não, um dia teremos que despertar. Este acontecimento, infelizmente foi necessário, pois o acaso não existe e a turma lá do extrafísico sabe o que está fazendo.

Assistindo a tudo isso, cheguei à conclusão de que, apesar de estar sempre com o coração nas mãos, sabia como esse problema se desenvolve e o que estava me esperando com o passar do tempo. Acredito que os amparadores estão sempre dando inspirações, dia a dia, para continuar a luta até chegar a hora do descarte do corpo físico e a despedida desse plano físico.

Com os aprendizados da Conscienciologia, sei que, apesar de tudo, vivenciando esses momentos, estamos subindo mais um degrauzinho de nossa evolução.

Estava me sentindo muito abalada com toda aquela fase nova para mim, na qual acompanhei os momentos finais de uma vida intrafísica, modificando por completo o meu ritmo de vida.

Afinal, sempre procurei me comportar como boa aluna desse estudo a que me propus, mas não foi fácil, e muitas vezes, gostaria de receber um ombro amigo para me ajudar, aqui, hoje e agora a transpor esse período de grande resgate para nós dois, mesmo sabendo que o amparo esteve presente em todos os momentos.

Apesar de todo esforço, conhecimento e tendo confiança no amparo, estava muito difícil passar pelo *gargalo da garrafa*, que é um momento especial para nos livrarmos dos elos do passado fazendo uma catarse, querendo ou não.

Vivenciar com racionalidade é muito mais importante do que só sentir piedade, e o que aprendi nesta vida servirá também para todas as outras vidas futuras.

Agora, minha assistência será baseada na vivência com confiança, e não na piedade, pois sei o que é viver todo esse processo dentro do próprio sofrimento. Tomara que ele também tenha aprendido.

A assistencialidade que sempre fiz nesta vida é talento trazido de outras vidas, pois, os talentos apresentados nessa, são o resultado das experiências das vidas passadas. Sendo armazenados em nossa *holomemória*, usamos esses talentos como se fossem dons divinos por ignorarmos as séries de existências passadas.

No momento em que estava escrevendo e passando por esta experiência, a TV Globo reprisou a novela *A Viagem*, que chegou na hora certa para que ele, e outros iguais a ele, pudessem se questionar a respeito da espiritualidade. Eu fazia minha parte e explicava de meu modo, os conhecimentos desde os tempos em que frequentava os centros espíritas e religiões, acrescentando também tudo que aprendi no IIPC.

Ele ficou mais calmo, já fazia planos para que, nas outras vidas que virá a ter, não cometa os mesmos erros desta. Disse que me amava e sentia que o nosso encontro já estava programado mesmo. Para uma pessoa materialista, acredito ter dado um grande passo, dentro do possível, para sua evolução.

Considerando que, até alguns anos atrás, ele tinha pena de mim por acreditar em vida depois da morte, acho que progrediu além do esperado por mim.

Valeu por tudo que fez por mim. Sempre é hora de reconhecer minha gratidão, pois gratidão é planta que nasce no coração, no sentimento e raciocínio consciente do bem recebido e nunca esquecido.

15. FINAL DE UMA EXISTÊNCIA (2006)

"A vida intrafísica não dura um milênio. O soma
passa. A vida intrafísica não é medida
pelo tempo. O tempo é atributo material.
A consciência (eu, você) não é matéria."

(Vieira, Waldo; Homo sapiens
reurbanisatus; p. 104).

Acredito que tudo que passamos juntos durante esse período da doença, conforme relatei acima, teve uma razão para acontecer. Nos intervalos da dor conversávamos e revíamos nosso passado juntos.

Ele conseguiu esclarecer-se quanto aos desacertos cometidos, principalmente na parte financeira. Achava que possuía o suficiente para pagar as contas em dia, trabalhava, tinha saúde, televisão para ver os jogos, sofá, geladeira, cama para dormir, algum dinheirinho para conserto da geladeira, máquina de lavar e uma mulher que sempre se conformou com o que ele podia oferecer. Não tinha grandes estudos e, na nossa época, os rapazes pobres procuravam uma profissão que lhes desse o sustento de seu lar e ele não fugiu à regra.

Assumiui, junto ao irmão mais velho, a família que o pai deixou ao dessorar com apenas 41 anos. Ele havia completado 12 anos e o mais velho tinha 14. Eram dois menores já com responsabilidade de adultos, criando os outros irmãos menores. Não teve um pai para impor horário para chegar em casa, um prato de comida no fogão para quando chegasse em casa tarde, e nunca se queixou ou se juntou aos rapazes que fossem ligados à maconha, que era a droga da época. O resto do tempo

era para diversão e futebol, que era sua paixão. Gostava de jogar na loteria, sendo um dia premiado. Com o dinheiro, fez sua independência financeira e a dos irmãos também.

Igual a todos que vivemos aqui, também tinha seus *tráfares*, mas isso será resolvido por ele mesmo, quem sabe, em outras vidas...

Ele se considerava uma pessoa feliz...

Através dos conhecimentos em Conscienciologia, acredito que completou o que veio fazer aqui nesta vida.

Com a notícia da doença, sentiu-se inseguro e viu que não havia mais tempo para correr atrás do prejuízo. Devido a essas nossas conversas, fez confissões e dava-me razão quando eu falava sobre esses assuntos e sobre a insegurança financeira que eu pressentia.

Infelizmente, só fiquei mais atenta a certos descertos nossos, após frequentar o instituto, onde desenvolvi mais o meu parapsiquismo e lucidez, ficando um pouco mais desperta. Não foi só esse detalhe, foram muitos outros, mas não dependiam de minha atuação e sim da boa vontade dele. Ele não aceitava...

Disse-me que agora estava dando valor à mulher vivendo ao seu lado por 45 anos. Não entendia como os homens dos meus relacionamentos anteriores não souberam me valorizar.

Ao se declarar, disse que se apaixonou por mim no momento em que me viu pela primeira vez, mesmo sem saber quem eu era. Perguntei por que não me disse isso antes? Ele respondeu que ficou com medo de que eu ficasse prosa e convencida, como a ex-noiva dele ficou

no passado. Falei que ele não acreditou em si próprio por ser inseguro e que, igual a mim, nem sabia o que era autoestima. Ele concordou.

Nessa reta final, também tomei conhecimento da consciência que me acolheu todo esse tempo. Ninguém é perfeito, e sinto-me agradecida por ter tido a oportunidade de cumprir com o meu dever de assistencialidade junto a ele, até o momento em que fechou os olhos definitivamente para esta existência.

Assim escrevo este livro, com agradecimento aos amparadores intrafísicos e extrafísicos pelas forças recebidas e o despertar da consciência que esteve ao meu lado por 45 anos e que me amparou no momento em que mais precisava de ajuda.

Tenha eu quantas vidas tiver, jamais esquecerei a mão e a confiança do ser que me aceitou em seu lar.

16. RELATOS PÓS DESSOMA (2006)

"A ciência busca trazer tudo à objetividade,
à luz da razão e fazer transparecer tudo
(Glasnost), eliminando o oculto, nebuloso,
misterioso ou sob acobertamento."

(Vieira, Waldo; *Homo sapiens
reurbanisatus*; p. 478).

Acrescento aqui alguns fatos que aconteceram após sua dessoma.

Retomei com dificuldade, aos poucos, minha rotina, pois a vida continua, mesmo com muitas saudades, principalmente na hora de arrumar a cama para dormir.

RELATO I (20 dias após a dessoma).

Eu estava no corredor do prédio em que resido, voltando para o meu apartamento e, como de costume, ao ir colocar o lixo na lixeira, deixo a porta aberta. Ao voltar, vi a sala toda iluminada. Senti a presença de alguém sentado à mesa que fica em frente à porta. Não vi ninguém, pois minha atenção foi desviada para a figura de meu marido em pé, como se estivesse me esperando, com o físico forte como era antes de ficar doente, todo vestido de branco e com a gola da camisa de malha cor azul clarinho aparecendo por baixo da roupa branca. Estava com um sorriso de tranquilidade nos lábios, igual a quando estava no intrafísico.

Calmamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo, falei:

– Ô amor, você veio me visitar?

Corri para abraçá-lo e acordei no soma, com um sorriso de felicidade no rosto.

Nesse momento acordei, rememorei e voltei a dormir completamente calma e feliz com a informação recebida.

Interpretei como uma afirmação de que não precisava me preocupar com ele.

RELATO 2 (30 dias após a dessoma).

Em uma noite, ao virar-me para o lado em que ele dormia, senti a sua energia e me arrepiei toda. Ao esticar o braço, passei a mão sentindo todo o seu corpo ao meu lado, virado de costas para mim conforme ele dormia, devido à dor do lado do pulmão doente, e falei:

– Ô amor, você sabe que não deveria estar aqui agora.

Ele respondeu, já com a voz normal, pois havia ficado rouco e fanhoso em consequência da doença:

– Só vim falar com você que daquele hospital fui levado para um outro e estou sendo muito bem tratado. Só me incomoda a ferida no cóccix que ainda está com curativo. Vi sua mão e o seu dedo forçando uma ponta do esparadrapo que insistia em não colar. Tentei ajudar e não consegui também. Ele disse ser devido ao excesso do óleo usado nos curativos.

Mais uma vez, tive a prova de sua preocupação em me tranquilizar e confirmar que não precisava me preocupar com ele, pois já estava sendo amparado no extrafísico.

Fiquei mais confiante nos amparadores e agradeça por ter conseguido passar para ele uns poucos esclarecimentos relativos à perda do medo da morte!

RELATO 3 (8 meses após a dessoma).

Passados oito meses de sua dessoma ocorreu mais um fenômeno. Eu estava dormindo deitada do lado direito, quando senti sobre a minha mão, um calor diferente e soube que não era o meu. Era como se estivessem segurando minha mão suavemente. Falei em pensamento:

– Você está aqui?

Em resposta, e reconhecendo ser a sua voz, veio em meu pensamento:

– É verdade, a morte não existe!

Mais uma vez tive a prova de que a morte não existe, que a vida continua... Eu estava tão lúcida que não há como negar a realidade desses acontecimentos.

Para quem acredita que somos só o corpo físico, deixo esse relato vivenciado em relação à existência e soberania da consciência sobre a matéria.

Quem nunca vivenciou um episódio desses e tiver interesse em conhecer o caminho, é só procurar estudar o tema sem precisar apelar para o misticismo. Existem diversas Instituições Conscienciocêntricas que promovem palestras gratuitas e práticas para desenvolver o parapsiquismo de maneira lúcida e assistencial. Orientam também sobre o fenômeno da projeção consciente que nos possibilita o encontro com consciências que já descartaram o seu corpo físico (*consciexes*). O conhecimento de certos assuntos que sempre foram mistério, passa ser o melhor aliado para enfrentarmos esses momentos de grande transição.

Tanto para quem vai para a dimensão extrafísica, quanto para quem fica nesta dimensão física, estará mais

suave e compreensivo esse “até breve” que todos nós teremos que enfrentar um dia.

Afinal, a morte não existe, pois ninguém morre. A vida continua...

Depois desses acontecimentos, fiquei mais preparada para dar continuidade à minha vida.

Assim, concluo esse livro que foi a forma encontrada por mim de provar minha gratidão por tudo que a Conscienciologia, o IIPC e os meus familiares cósmicos me proporcionaram em relação à evolução.

17. CONCLUSÃO

Amor. "O alumbramento do amor puro há de crescer cada vez mais acima do que fazemos e com o que nos preocupamos. Esta é a essência da cosmoética, policarma, serenismo e evolução consciencial. O amor puro entende e cede. Não chora. (...)"

Patologia. "Viemos à vida humana para sermos felizes, amar e ter prazer. Quem ama não sofre. O que faz sofrer é o desamor, a patologia do ódio ou os caprichos. Quem ama, de fato, não reivindica, não censura nem vive na insegurança dos ciúmes; compreende, perdoa sempre, renuncia com alegria, harmoniza, pacifica e beneficia."

(Vieira, Waldo; 700 Experimentos da Conscienciologia; p. 404).

Inicialmente, ao mergulhar em meu passado, objetivando buscar informações para organizar este livro, senti uma grande melancolia. Aos poucos, fui vencendo, e cheguei à conclusão de ter valido a pena viver e aprender com todas as experiências desta existência.

Aprendi que não precisamos, necessariamente, passar pelo sofrimento para evoluir. Tudo que passei poderia ter sido evitado se eu não tivesse tido uma grande resistência ao aprendizado. É pouco produtor querer melhorar a consciência pelo sofrimento se temos muitas outras ferramentas através da autoinvestigação para reverter nossa postura e conceitos, observando os acontecimentos que nos envolvem no dia-a-dia e higienizando os próprios pensamentos.

Precisamos desmistificar o conceito de que só o sofrimento conduz a consciência à evolução.

Quem disse que deverá ser assim? Quem quer se candidatar ao sofrimento? Até quando seremos dominados

por esse mito? Todos nós não queremos sofrer, ficar doentes, ter problemas financeiros, enfim, tudo que nos aborrece gerando desperdício de esforço e energias. Então por que continuar acreditando no que ensinam sem questionar se está certo ou errado?

Quando precisamos enfrentar alguma adversidade, seja saúde, conflito e outros problemas, a primeira coisa que procuramos é pedir, pedir e pedir às consciências dessomadas, *Santos*, para resolverem nossos problemas.

Quando somos atendidos, esquecemos tudo até acontecer outra crise. Pergunto: como crescer, evoluir se não fizer esforço algum? Onde está o mérito da conquista?

Vamos abrir os olhos enquanto é tempo. A eternidade pode esperar, é certo, mas até quando?

Para sair desse ciclo vicioso sem discernimento e lucidez e saber por mim mesma, procurei uma Instituição Conscienciocêntrica, o IIPC, que esclareceu sem misticismo para eu encontrar a tão sonhada liberdade proporcionada pelo autoconhecimento, a fim de encurtar, sem sofrimento, o caminho da evolução.

Afinal, ninguém veio aqui para sofrer e sim para aprender a evoluir e ser feliz. Ao ressomarmos, temos que aprender a andar, comer, falar e durante toda a existência terrena aprender, aprender e aprender até o final. Há um ditado popular que diz: *Vivendo e aprendendo*. Acrescento: tanto nesta dimensão quanto em outra, isto é: aqui e lá.

Somos consciências em evolução neste Planeta *Hospital-Escola*, como diz Waldo Vieira. Conforme nossas ações sejam bem direcionadas e organizadas, podemos dinamizar ou não nossa evolução.

Desejo muito sair desse ciclo de vidas, não repetindo experiências passadas, evitando as automimeses

desnecessárias, ou seja, repetições inúteis do que já fizemos em vidas passadas.

Muitas pessoas se acomodam, sentindo-se felizes com a vida bem organizada, com o emprego, a saúde, tendo tudo ao seu gosto e prazer. Geralmente não se interessam em mudar o ritmo de vida. Continuarão a repetir o mesmo padrão por muitas e muitas vidas. Mas todos, um dia, terão que fazer suas escolhas e, mais cedo ou mais tarde, buscar evoluir. O ciclo natural da evolução exige mudanças.

Quanto a mim, cheguei a uma saturação tão grande que precisei fazer minha escolha. As crises vivenciadas me levaram a optar pela mudança íntima, pela virada de mesa, isto é, a fazer uma reciclagem intraconsciencial e existencial.

Esta existência me proporcionou conhecer a Consicienciologia e ofereceu-me oportunidade de adquirir autoconhecimento mais profundo e recuperar a autoestima.

Conheci o trabalho com as bioenergias, autopesquisa e o autoenfrentamento. Conscientizei-me quanto à assistencialidade, que sempre pratiquei, e aprendi a discernir entre as formas de assistência mais simples, a consolação, e as técnicas mais avançadas, o esclarecimento.

Apesar de tudo, valeu a pena. Agora é, *mãos à obra*: buscar o progresso, reavaliando sempre meu comportamento diante das circunstâncias da vida e diante dos meus companheiros de evolução.

Estou aprendendo a andar com minhas próprias pernas, procurando solucionar todos os problemas da melhor forma possível. Estou me preparando para ter condições de superar os obstáculos que aparecerem ainda nesta e nas próximas existências.

Hoje, compreendo melhor os meus limites e os das outras pessoas. Tenho vontade de ajudar, mas sem obrigar nem impor, respeitando o nível evolutivo de cada um.

Vivenciei e procurei estudar o meu próprio caso. Uni a teoria com a prática (*teática*). Isso é completamente diferente de acreditar ou de ter fé. É conhecimento da evolução consciencial, sem misticismo, dogmas, representações ou preconceitos.

Aprendi a falar sobre meus conflitos, limites e necessidades, o que me proporcionou alívio e permitiu às pessoas me ajudarem.

Se tivesse esses conhecimentos e atitudes mais cedo, muito poderia ter sido evitado. Mas *sempre é tempo* para recomeçar e dinamizar a evolução.

Na reta final desta minha existência, agradeço por ter tido a oportunidade de encontrar pessoas que, desinteressadamente, dividiram comigo suas experiências de vida.

Valorizo cada informação trazida pelo estudo da Projeciologia e da Conscienciologia.

Devo acrescentar que a prática das técnicas do livro *Autocura através da Reconciliação*, da pesquisadora Málu Balona, muito me ajudaram a colocar um fim em uma série de problemas que me mantinham presa à imaturidade. Tenho também procurado aplicar esses conhecimentos no meu dia-a-dia, melhorando assim meus *pensenes* e meu nível evolutivo.

Cabe aqui uma frase do pesquisador Waldo Vieira, proferida em uma palestra da também pesquisadora Marina Thomaz:

Evolução é estudo, só estudo.

Estudo. Eis... Tudo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Alegretti, Wagner; *Retrocognições: Pesquisa da memória de vivências passadas*; Pref. Waldo Vieira; 310 p.; 23 caps.; 54 enus.; 1 questionário; 92 filmografias; 68 refs.; glos. 300 termos; alf.; 21 x 14 cm; br.; 2ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2000 (Edição em Português: ISBN 85.86019-53-4).

2. Balona, Málu; *Autocura através da Reconciliação*; Pref. Marina Thomaz; 342 p.; 11 caps.; 344 refs.; 7 ilus.; 10 gráficos; alf., 21 x 14 cm.; br.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2003 (Edição em Português: ISBN 85-86019-68-2).

3. Balona, Málu; *Síndrome do Estrangeiro – O Banzo Conscencial*; Pref. Waldo Vieira; 334 p.; 14 caps.; 380 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1998 (Edição em Português: ISBN 85-86019-37-2).

4. Vieira, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 139 abrevs.; 40 ilus.; 7 índices; 102 sinopses; glos. 241 termos; 7.655 refs.; alf.; geo.; ono.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2004 (Edição em Português: ISBN 85-89814-01-7).

5. Idem; *Manual da Proéxis: Programação Existencial*; 168 p.; 40 caps.; 17 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; 3ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2003 (Edições em Português: ISBN 85-86019-63-1; Inglês: ISBN 85-86019-18-6).

6. Idem; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.;

150 abrevs.; 43 ilus.; 5 índices; 1 sinopse; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 5^a Ed.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2002 (Edições em Português: ISBN 85.86019.60.7; Inglês: ISBN 85-86019-58-5).

7. *Idem*; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; 8 índices; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia*; Rio de Janeiro, RJ; 1994 (Edição em Português: ISBN 85-86019-05-4).

GLOSSÁRIO

Este glossário com 51 denominações, palavras compostas, expressões e seus equivalentes técnicos da Projeciologia, foi extraído do livro *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*, de autoria de Waldo Vieira.

Amparador – Consciex auxiliadora de uma conscin ou de várias conscins; benfeitor extrafísico. Expressões equivalentes, arcaicas, desgastadas e envilecidas pelo emprego continuado: *anjo de guarda; anjo guardião; anjo de luz; guia; mentor*.

Assedialidade – Intrusão pensênica interconsciencial, doentia. Expressão equivalente, anacrônica: *obsessão*; há numerosas conscins que se defendem contra esta palavra.

Automimese existencial – Imitação, por parte da conscin, das próprias vivências ou experiências passadas, sejam do renascimento intrafísico atual ou de existências anteriores.

Chakra – Núcleo ou campo limitador de energia consciencial, cujo conjunto constitui basicamente o holochakra, paracorpo energético dentro do soma, fazendo a junção com o psicossoma, atuando como ponto de conexão pelo qual a EC flui de um veículo consciencial para outro.

Conscienciologia – Ciência que estuda a consciência de modo integral, holossomático, multidimensional, multimilenar, multiexistencial e, sobretudo, conforme as suas reações perante as EIs e as ECs, bem como em seus múltiplos estados.

Consciencioterapia – Especialidade que estuda o tratamento, alívio ou remissão de distúrbios da consciência, executados através dos recursos e técnicas derivados da Conscienciologia.

Consciex (*consci + ex*) – Consciência *extrafísica*; o paracidadão ou paracidadã da Sociex. Sinônimo envilecido pelo uso: *desencarnado*.

Conscin (*consci + in*) – Consciência *intrafísica*; a personalidade humana; o cidadão ou cidadã da Socin. Sinônimo envilecido pelo uso: *encarnado*.

Cosmoética (*cosmo + ética*) – Ética ou reflexão sobre a moral cósmica, multidimensional, que define a holomaturidade, situada além da moral social, intrafísica, ou que se apresenta sob qualquer rótulo humano. É uma especialidade da Conscienciologia.

Curso intermissivo – Conjunto de disciplinas e experiências teáticas administradas à consciex, depois de determinado nível evolutivo, durante o período da intermissão consciencial, dentro do seu ciclo de existências pessoais, objetivando o completismo consciencial (compléxis) da próxima vida intrafísica.

Desperto (*des + per + to*) – Ser intrafísico, ou conscin, desassediado, permanente, total, plenamente autoconsciente da sua qualidade de desperticidade.

Dessoma (*des + soma*) – Desativação somática, próxima e inevitável para todas as conscins; projeção final; *primeira morte*; morte biológica; monotanatose. A dessoma (simplesmente) ou *primeira* dessoma é a desativação do corpo humano ou soma. A *segunda* dessoma é a desativação do holochakra. A *terceira* dessoma é a desativação do psicossoma.

Energia consciencial (EC) – A energia imanente que a consciência emprega em suas manifestações em geral; o *ene* do pensene.

Estado vibracional (EV) – Condição técnica de dinamização máxima das energias do holochakra, através da impulsão da vontade.

Evoluciologia – Especialidade da Conscienciologia que estuda a evolução da consciência abordada de modo integral, em alto nível, matéria adstrita especificamente ao evolucionário ou orientador evolutivo.

Evolucionário – Consciência coadjuvadora da coordenação inteligente da proéxis (programação existencial), ou da evolução consciencial de uma ou mais consciências, do mesmo grupocarma. Expressão mais adequada do que *orientador evolutivo*.

Extrafísico – Relativo àquilo que esteja fora, ou além, do estado *intrafísico* ou humano; estado consciencial *menos* físico do que o soma.

Gestão consciencial – Produtividade evolutiva, útil, da consciência humana, dentro do quadro de obras pessoais da programática da sua proéxis.

Grupocarma (*grupo + carma*) – Princípio de causa e efeito, atuante na evolução da consciência, quando centrado no grupo evolutivo. Estado do livre-arbítrio individual, quando ligado ao grupo evolutivo.

Guia cego – Consciência amoral ou inexperiente que ajuda outra consciência, de modo anticosmoético, segundo os seus interesses egoicos do momento, em detrimento de outras.

Holomemória (*holo + memória*) – Memória causal, composta, multimilenar, multiexistencial, implacável, ininterrupta, pessoal, que retém todos os fatos relativos à consciência; multimemória; polimemória.

Holopensene (*holo + pen + sen + ene*) – Pensenes agregados ou consolidados. Sinônimo envilecido pelo uso: *egrégora*. Esta palavra gera resistência em larga faixa dos leitores sérios das ciências.

Instituição conscienciocêntrica – Aquela que centraliza seus objetivos na consciência em si, e em sua evolução, ao modo do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); cooperativa consciencial, dentro da Socin Conscienciológica, com base nos vínculos empregatício e consciencial.

Intermissão pós-somática – Período extrafísico da consciência imediato à sua desativação somática.

Intermissão pré-somática – Período extrafísico da consciência anterior ao seu renascimento intrafísico.

Intrafísicalidade – Condição da vida intrafísica, humana, ou da existência da consciência humana.

Inversor existencial – Conscin que se dispõe a executar a invéxis na vida intrafísica.

Invéxis (*inve + exis*) – Técnica da inversão existencial executada pela consciência humana ou intrafísica.

Melin (*mel + in*) – Condição da melancolia intrafísica ou *pré-mortem*.

Moréxis (*mor + exis*) – Condição da moratória existencial, ou um complemento de vida intrafísica, facultado a determinadas conscins, conforme o seu mérito holocármico. A moréxis pode apresentar uma base deficitária – a menor – minimoréxis; ou superavitária – a maior – maximoréxis, quanto aos resultados da proéxis.

Orientador Evolutivo – Consciência coadjutora da coordenação inteligente da proéxis, ou da evolução consciencial de uma ou mais consciências, do mesmo grupocarma. Condição evolutiva entre o ser desperto e o Serenão. O mesmo que *evoluciólogo*.

Pensene (*pen + sen + ene*) – Unidade de manifestação prática da consciência, segundo a Conscienciologia, que considera o pensamento ou ideia (concepção), o sentimento ou a emoção, e a EC (energia consciencial) em conjunto, de modo indissociável.

Porão consciencial – Fase de manifestação infantil e adolescente da conscin, até chegar ao período da adultidade, caracterizada pelo predomínio dos traços mais primitivos da consciência multiveicular, multiexistencial e multimilenar.

Precognição (Latim: *pre*, antes; *cognoscere*, conhecer) **extrafísica** – Faculdade perceptiva pela qual a consciência, plenamente projetada para fora do corpo humano, fica conhecendo fatos indeterminados vindouros, inclusive objetos, cenas e formas distantes, no tempo futuro.

Proéxis (*pro + exis*) – Programação existencial específica de cada conscin em sua existência intrafísica.

Projeção consciente (PC) – Projeção da conscin para além do soma; experiência extracorpórea.

Projeciologia (Latim: *projectio*, projeção; grego: *logos*, tratado) – Ciência que estuda as projeções da consciência e seus efeitos, inclusive as projeções das ECs para fora do holossoma. É uma especialidade da Conscienciologia.

Psicossoma (Grego: *psykhé*, alma; *soma*, corpo) – Para-corpo emocional da consciência; o *corpo objetivo* da conscin.

Recéxis (*rec + exis*) – Técnica da reciclagem existencial executada pela consciência humana.

Recin (*reci + in*) – A reciclagem intrafísica, existencial, *intraconsciencial* ou a renovação cerebral da conscin através da criação de novas sinapses ou conexões interneuronais capazes de permitir o ajuste da proéxis, a execução da recéxis,

a invéxis, a aquisição de ideias novas, os neopenses, os hiperpenses e outras conquistas neofílicas da consciência humana automotivada.

Retrocognição (Latim: *retro*, atrás; *cognoscere*, conhecer) – Faculdade perceptiva pela qual a conscin fica conhecendo fatos, cenas, formas, objetos, sucessos e vivências pertencentes ao tempo passado distante, comumente relacionados com a sua holomemória.

Seriéxis (*seri* + *exis*) – Sérição existencial evolutiva da consciência; existências sucessivas; renascimentos intrafísicos em série.

Socin (*soci* + *in*) – Sociedade Intrafísica ou das conscins; Sociedade Humana. Plural: Socins.

Soma – Corpo humano; o corpo do indivíduo do reino *Animal*, filo *Cordata*, classe *Mamíferos*, ordem *Primatas*, família *Hominídia*, gênero *Homo*, espécie *Homo sapiens*, o mais elevado nível de animal sobre este Planeta; apesar do exposto, o veículo mais rústico do holossoma da consciência humana.

Subcérebro abdominal – O umbilicochakra (centro de energia consciencial acima do umbigo), quando escolhido inconscientemente pela conscin, ainda de evolução medíocre, para sede de suas manifestações. O cérebro abdominal, pseudocérebro abdominal, ou subcérebro abdominal é a *eminência parda* do cérebro natural, encefálico (coronochakra e frontochakra); um embaraço indefensável na autoevolução consciente.

Tacon (*ta* + *con*) – Tarefa da consolação, assistencial, pessoal ou grupal, primária.

Tares (*tar* + *es*) – Tarefa do esclarecimento, assistencial, pessoal ou grupal, avançada. Plural: tarefas do esclarecimento.

Teática (*te + ática*) – Vivência conjunta da teoria e da prática por parte da conscin ou da consciex.

Tenepes (*t + ene + pes*) – Tarefa energética pessoal, diária, multidimensional, com assistência permanente de amparadores, a longo prazo ou para o restante da vida intrafísica. Expressão popular: *passes-para-o-escuro*.

Trafar (*tra + far*) – Traço-fardo da personalidade da conscin; componente negativo da estrutura do microuniverso consciencial que a consciência ainda não consegue alijar de si ou desvencilhar-se até o momento.

Trafor (*tra + for*) – Traço-força da personalidade da conscin; componente positivo da estrutura do microuniverso consciencial que impulsiona a evolução da consciência.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto, 48, 84, 130, 168, 169

Acerto(s)

 cármico, 41

 grupocármicos, 39

Acidente(s) de percurso, 39, 41

Adolescência, 19

Afinidade, 110

Afinização pensênica, 67

Amizades, 167

Amor, 51, 197

Amor-próprio, 43

Amparador(es), 26, 27, 96, 188

 extrafísico, 57

Aprendizado, 79

Arma, 104, 108

Assediadores, 63

Assédio

 extrafísico, 119, 156

 sexual, 67, 85, 88

Assimilação, 144

Assinaturas pensênicas, 133

Assistência, 136, 189

Assistencialidade, 189

Autoanálise, 95, 180

Autoavaliação, 180

Autoconhecimento, 15, 198

Autocrítica, 180

Autocura, 171

Autodomínio, 73

Autoenfrentamento, 15, 199

Autoestima, 199
Autoinvestigação, 197
Automimeses, 14, 198

B

Barriga de aluguel, 78
Bebida(s), 82, 83, 93
Bioenergias, 50, 131

C

Casamento, 48, 50
Catarata, 157
Cerveja, 80, 92
Ciência, 193
Cola de sapateiro, 23
Computador, 13
Consciência(s), 13, 74, 79, 121, 138, 144, 190, 192
 extrafísica (Consciexes), 27, 144, 177, 195
 intrafísica (Conscins), 144
 livre, 166
Conscienciologia, 13, 15, 180, 188
Corpo humano, 67
Cosmoética, 133
Curso intermissivo, 165

D

Desassédio, 63
Desobsessão, 25
Desquite, 76
Dessoma, 26, 193, 195
Dicionário cerebral, 17
Dieta alimentar, 58
Dimensão extrafísica, 27, 53, 195
Dissidência, 51
Divórcio, 76

Dogmas, 30, 34, 35, 200

Drogas, 83

E

Destino, 39

Encontros de, 41

Energia(s), 37, 47, 77, 86, 97, 119, 152, 155, 187

sexual, 73

conscienciais, 50, 131

Ensino religioso, 34

Espiritualidade, 25

Estado vibracional, 97, 161, 163, 187

Técnica do, 163

Estupro evolutivo, 44

Evolução, 15, 17, 49, 69, 88, 89, 178, 184, 188, 190, 196,

197, 198, 199

consciencial, 73, 200

Evoluciologia, 15

Experiência

extrafísica, 122

fora do corpo, 13, 122

F

Família, 167, 182

Fenômeno parapsíquico, 38

Filhos, 138, 143

G

Gestações conscienciais, 179

Gravidez, 47, 48, 83, 84, 127

de risco, 58

Falsa, 128

Grupocarma, 104, 110, 111, 169, 174, 182

Guerra, 30, 31

Guias cegos, 109

H

Hinos, 24, 25

Holomemória, 125, 170, 180, 189

Holopensene, 62

I

Idosos, 14

IIPC, 93, 96, 151, 152, 159

Imaturidade(s) 49, 74, 95, 200

Impulsividade, 88

Independência, 69, 90

Infância, 19, 33

Informação(s), 46, 165

Inteligência, 113

Inversor(a) existencial, 95, 165

L

Lavagem cerebral, 152

Lei(s)

de causa e efeito, 89, 104

cármicas multidimensionais, 169

Liberdade 39, 50, 69, 90, 92, 95, 198

Libertinagem, 92

Linguagem, 17

Livre-arbítrio, 95, 104

Longevidade, 11

M

Maturidade, 185

Maxifraternidade, 113

Melancolia, 19, 29

Intrafísica (Melin), 148

Menopausa, 141

Moratória existencial (Moréxis), 28, 140

Morte, 26, 175, 194, 195

Multidimensionalidade, 119, 142

Multiexistencialidade, 167

O

OIC, 164

P

Parapsiquismo, 13, 15, 27, 179

Parto, 20, 57

Patologia, 197

Penseses, 89, 110, 148, 166, 200

Período intermissivo, 19

Peritonite, 141

Porão Consciencial, 19

Precognição, 38

Preconceito(s), 14, 16, 22, 65, 71, 84, 200

Preconceituosas, 133

Princípio ético, 77

Programação existencial (Proéxis), 15, 16, 20, 27, 33, 41,
50, 93, 178, 182

Projeção

da consciência, 122, 177

lúcida, 56, 162

lúcida assistida, 53

Projeciologia, 13

Projetabilidade, 179

Psicossoma, 21

Publicidade, 77

R

Rádio, 36, 37, 106

Reciclagem, 15, 16

existencial, 199

intraconsciencial, 96, 153, 199

Reconciliação, 167, 172, 185

Relações grupocármicas, 167

Religiões, 134

Repressão(ões), 49, 71, 200

Responsabilidade, 60, 69, 95

Ressoma, 16, 57

Retocolite ulcerativa, 141

Retrocognição, 25, 38

Revólver, 107, 108

S

Serenão, 90

Sexo, 45, 47, 73

Síndrome do Estrangeiro, 29, 93

Socin, 55

Subcérebro abdominal, 61

T

Tabu(s), 34, 35, 37, 59

Tares, 49, 97, 165

Teática, 200

Tempo, 53

Terceira idade, 12, 14

Trafar(es), 17, 33, 88, 111, 140

Trafor(es), 23, 63

U

Umbanda, 86

V

Vida(s)

 intrafísica, 138, 190

 passadas, 125, 199

Vocabulário, 17

INSTITUIÇÕES CONSCIENCIOCÊNTRICAS (ICS)

ICs. As Instituições Conscienciocêntricas (ICs) são organizações cujos objetivos, metodologias de trabalho e modelos organizacionais estão fundamentados no *Paradigma Consciencial*. A atividade principal das ICs é apoiar a evolução das consciências através da *tarefa do esclarecimento* pautada pelas *verdades relativas de ponta*, encontradas nas pesquisas no campo da Ciência Conscienciologia e especialidades.

Voluntariado. Todas as Instituições Conscienciocêntricas são associações independentes, de caráter privado, sem fins de lucro e mantidas predominantemente pelo trabalho voluntário de professores, pesquisadores, administradores e profissionais de diversas áreas.

CCCI. O conjunto das Instituições Conscienciocêntricas e dos voluntários da Conscienciologia no planeta compõe a *Comunidade Conscienciológica Cosmo-ética Internacional* (CCCI) formada atualmente por 20 ICs, incluindo a *Associação Internacional Editares*.

AIEC – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA EXPANSÃO DA CONSCIENCIOLOGIA

Fundação: 22/04/2005

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 111, Cognópolis

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1411

Site: www.worldaiec.org

Contato: aiec.comunicacao@gmail.com

Campus Discernimentum: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 201

Cognópolis, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1400

Contato: contato@discernimentum.org

APEX – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DA PROGRAMAÇÃO EXISTENCIAL

Fundação: 20/02/2007

Sede: Rua da Cosmoética, 1.511, Cognópolis, Caixa Postal 921, Centro,
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85851-000

Tel.: +55 (45) 3525-2652 – Fax: +55 (45) 3525-5511

Site: www.apexinternacional.org

Contato: contato@apexinternacional.org

ARACÊ – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Fundação: 14/04/2001

Campus ARACÊ: Rota do Conhecimento, Km 7, acesso pela BR-262 Km 87, Distrito de Aracê Domingos Martins, Espírito Santo, Brasil

Endereço para correspondência: Caixa Postal 110, Pedra Azul Domingos Martins, Espírito Santo, Brasil, CEP: 29278-000

Tel.: +55 (27) 9739-2400

Site: www.arace.org

Contato: associacao@arace.org

ASSINVÉXIS – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE INVERSÃO EXISTENCIAL

Fundação: 22/07/2004

Campus de Inxevologia: Av. Maria Bubiak, 1.100, Cognópolis Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85853-728

Tel.: +55 (45) 3525-0913

Site: www.assinvexis.org

Contato: contato@assinvexis.org

ASSIPEC – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PESQUISAS DA
CONSCIENCILOGIA

Fundação: IC apresentada oficialmente na Tertúlia Conscienciológica do dia 14/08/2011

Sede: Rua XV de Novembro, 1.681, Vila Municipal Jundiaí, São Paulo, Brasil, CEP: 13201-006

Tel.: +55 (11) 4521-8541

Site: www.assipec.org

Contato: assipec@assipec.org

ASSIPI – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PARAPSIQUISMO INTERASSISTENCIAL

Fundação: 29/12/2011

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 212, Cognópolis Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (11) 2102-1421 – VOIP: +55 (45) 4053-9818

Site: www.assipi.org

Contato: assipi@assipi.com

CEAEC – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DO CENTRO DE ALTOS ESTUDOS DA
CONSCIENCILOGIA

Fundação: 15/07/1995

Sede: Rua da Cosmoética, 1.511, Cognópolis, Caixa Postal 921, Centro Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85851-000

Tel.: +55 (45) 3525-2652 – Fax: +55 (45) 3525-5511

Site: www.ceaec.org

Contato: ceaec@ceaec.org

COMUNICONS – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO
CONSCIENCIOLÓGICA

Fundação: 24/07/2005

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 206, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1409

Site: www.comunicons.org.br

Contato: comunicons@comunicons.org

CONSCIUS – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CONSCIENCIOMETRIA
INTERASSISTENCIAL

Fundação: 24/02/2006

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, casa 352, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1460

Site: www.conscious.org.br

Contato: conscious@conscious.org.br

CONSECUTIVUS – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PESQUISAS
SERIEIXOLÓGICAS E HOLOBIOGRÁFICAS

Fundação: 14/12/2014

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5100, Casa 351, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85851-579

Tel.: +55 (45) 9807-1320

Site: www.consecutivus.com.br

Contato: consecutivus@consecutivus.com.br

ECTOLAB – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PESQUISA LABORATORIAL EM
ECTOPLASMIA E PARACIRURGIA

Fundação: 14/07/2013

Sede: Avenida Felipe Wandscheer, 5100, sala 105, Cognópolis
Foz do Iguaçu, PR, Brasil, CEP: 85856-630

Telefone: +55 (45) 2102-1427

Site: www.ectolab.org

Contato: ectolab@ectolab.org

EDITARES – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL EDITARES

Fundação: 23/10/2004

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 107, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1407 – VOIP: +55 (45) 4053-953

Site: www.editares.org

Shopcons: www.shopcons.com.br (portal de compra de livros)

Contato: editares@editares.org

ENCYCLOSSAPIENS – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE
ENCICLOPEDIOLÓGICA CONSCIENCIOLÓGICA

Fundação: 21/12/2013

Sede: Rua da Cosmoética, 1.511, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85851-000
Caixa Postal 921

Tel.: +55 (45) 3525-2652 – Fax: +55 (45) 3525-5511

Site: www.encyclossapiens.org

Contato: contato@encyclossapiens.org

EVOLUCIN – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CONSCIENCIOLOGIA PARA
INFÂNCIA

Fundação: 09/07/2006

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 102, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 9909-6129

Site: www.evolucin.org

Contato: evolucin@gmail.com

IIPC – INSTITUTO INTERNACIONAL DE PROJECIOLOGIA
E CONSCIENCIOLOGIA

Fundação: 16/01/1988

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 103, Cognópolis
Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1448

Site: www.iipc.org.br

Contato: iipc@iipc.org.br

Campus de Pesquisas IIPC: Estrada do Universalismo, 1.177
Sampaio Correa, Saquarema, Rio de Janeiro, Brasil
CEP: 28997-970

Tel.: +55 (22) 2654-1186

Contato: campussaquarema@iipc.org

INTERCAMPI – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS *CAMPI* DE PESQUISAS DA
CONSCIENCIOLOGIA

Fundação: 23/07/2005

Sede: Av. Antonio Basílio, 3006, sala 602, Lagoa Nova
Natal, Rio Grande do Norte, CEP: 59056-005

Tel.: +55 (84) 3211-3126

Site: www.intercampi.org

Contato: intercampi@intercampi.org

OIC – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE CONSCIENCIOTERAPIA

Fundação: 06/09/2003

Campus OIC: Av. Felipe Wandscheer, 5.935, Cognópolis

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 3025-1404 / 2102-1402

Site: www.oic.org.br

Contato: aco@oic.org.br

REAPRENDENTIA – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PARAPEDAGOGIA
E REEDUCAÇÃO CONSCIENCIAL

Fundação: 21/10/2007

Sede: Rua da Cosmoética, 1.511, Cognópolis, Caixa Postal 921, Centro

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85851-000

Tel.: +55 (45) 3525-2652 – Fax: +55 (45) 3525-5511

Site: www.reaprendentia.org

Contato: contato@reaprendentia.org.br

RECONSCIENCIA – ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PESQUISOLOGIA PARA
MEGACONSCIENCIALIZAÇÃO

Fundação: 02/07/2011

Sede: Felipe Wandscheer 5100, Sala 104, Cognópolis

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 9993-2000

Contato: pesquisologia@gmail.com

UNICIN – UNIÃO DAS INSTITUIÇÕES CONSCIENCIOCÊNTRICAS
INTERNACIONAIS

Fundação: 22/01/2005

Sede: Av. Felipe Wandscheer, 5.100, sala 105, Cognópolis

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85856-530

Tel.: +55 (45) 2102-1405

Site: www.unicin.org

Contato: unicin@unicin.org

UNIESCON – UNIÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES DA
CONSCIENCIOLOGIA

Fundação: 23/11/2008

Sede: Rua da Cosmoética, 1.511, Cognópolis, Caixa Postal 921, Centro

Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, CEP: 85851-000

Tel.: +55 (45) 3525-2652 – Fax: +55 (45) 3525-5511

Site: www.uniescon.org

Contato: uniescon.ccci@gmail.com

TÍTULOS PUBLICADOS PELA EDITARES

<i>AUTOR</i>	<i>TÍTULO</i>
Alexandre Nonato	JK E OS BASTIDORES DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA
Alexandre Nonato <i>et. al.</i>	INVERSÃO EXISTENCIAL
Alzemiro Rufino de Matos	VIDA: OPORTUNIDADE DE APRENDER
Ana Seno	COMUNICAÇÃO EVOLUTIVA
Antonio Pitaguari / Marina Thomaz	REDAÇÃO E ESTILÍSTICA CONSCIENCIOLÓGICA
Arlindo Alcadipani	ITINERÁRIO EVOLUTIVO DE UM RECICLANTE: AUTOBIOGRAFIA PERMEADA PELA HISTÓRIA DO BRASIL
Bárbara Ceotto	DIÁRIO DE AUTOCURA
Cesar Machado	PROATIVIDADE EVOLUTIVA
Cirleine Couto	CONTRAPONTO DO PARAPSQUISMO
	INTELIGÊNCIA EVOLUTIVA COTIDIANA
Dalva Morem	SEMPRE É TEMPO
Dayane Rossa	OPORTUNIDADE DE VIVER
Dulce Daou	AUTOCONSCIÊNCIA E MULTIDIMENSIONALIDADE
	VONTADE: CONSCIÊNCIA INTEIRA
Fernando R. Sivelli / Marineide C. Gregório	AUTOEXPERIMENTOGRAFIA PROJECIOLÓGICA
Flávio Buononato	ANUÁRIO DA CONSCIENCIOLOGIA
	FATOS E PARAFATOS DA COGNÓPOLIS FOZ DO IGUAÇU
Graça Razera	HIPERATIVIDADE EFICAZ
Jayme Pereira	BÁRBARAH VAI À ESTRELA
	PRINCÍPIOS DO ESTADO MUNDIAL COSMOÉTICO
João Paulo / Dayane Rossa	MANUAL DA CONSCIN-COBAIA

Julieta Mendonça	MANUAL DO TEXTO DISSERTATIVO
Julio Almeida	QUALIFICAÇÕES DA CONSCIÊNCIA
	QUALIFICAÇÃO AUTORAL
Kátia Arakaki	ANTIPAGULHISMO ENERGÉTICO: MANUAL
	VIAGENS INTERNACIONAIS
Laura Sánchez	LASTANOSA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO INTELLECTUAL E HOLOTECÁRIO DO SÉCULO XVII
Lilian Zolet	PARAPSIQUISMO NA INFÂNCIA
Lilian Zolet / Flávio Buononato	MANUAL DO <i>ACOPLAMENTARIUM</i>
Lilian Zolet / Guilherme Kunz	<i>ACOPLAMENTARIUM</i> PRIMEIRA DÉCADA
Lourdes Pinheiro / Felipe Araújo	DICIONÁRIO DE VERBOS CONJUGADOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
Luciano Vicenzi	CORAGEM PARA EVOLUIR
Lucy Lutfi	VOLTEI PARA CONTAR
Mabel Teles	PROFILAXIA DAS MANIPULAÇÕES CONSCIENCIAIS
	ZÉFIRO: A PARAIDENTIDADE INTERMISSIVA DE WALDO VIEIRA
Málu Balona	AUTOCURA ATRAVÉS DA RECONCILIAÇÃO
	SÍNDROME DO ESTRANGEIRO
Marcelo da Luz	ONDE A RELIGIÃO TERMINA?
Maria Thereza Lacerda	A PEDRA DO CAMINHO
Marina Thomaz / Antônio Pitaguari	TENEPES: ASSISTÊNCIA INTERDIMENSIONAL LÚCIDA
Maximiliano Haymann	SÍNDROME DO OSTRACISMO
Miguel Cirera	EVOLUCIÓN DE LA INTELIGENCIA PARAPSIQUICA
Moacir Gonçalves / Rosemary Salles	DINÂMICAS PARAPSIQUICAS
Osmar Ramos Filho	CRISTO ESPERA POR TI (Edição Comentada)
Reinalda Fritzen	CAMINHOS DE AUTOSSUPERAÇÃO
Rodrigo Medeiros	CLARIVIDÊNCIA
Rosa Nader	MANUAL DE VERBETOGRÁFIA

Roseli Oliveira	DICIONÁRIO DE EUFEMISMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA
Silda Dries	TEORIA E PRÁTICA DA EXPERIÊNCIA FORA DO CORPO
Tony Muszkopf	AUTENTICIDADE CONSCIENCIAL
Vera Hoffmann	SEM MEDO DA MORTE
Wagner Alegretti	RETROCOGNIÇÕES
Waldo Vieira	700 EXPERIMENTOS DA CONSCIENCIOLOGIA
	DICIONÁRIO DE ARGUMENTOS DA CONSCIENCIOLOGIA
	DICIONÁRIO DE NEOLOGISMOS DA CONSCIENCIOLOGIA
	ENCICLOPÉDIA DA CONSCIENCIOLOGIA
	<i>HOMO SAPIENS PACIFICUS</i>
	<i>HOMO SAPIENS REURBANISATUS</i>
	LÉXICO DE ORTOPENSATAS
	MANUAL DA DUPLA EVOLUTIVA
	MANUAL DA PROÉXIS
	MANUAL DA TENEPES
	MANUAL DOS MEGAPENSENES TRIVOCABULARES
	NOSSA EVOLUÇÃO
	O QUE É A CONSCIENCIOLOGIA
	PROJECIOLOGIA
	PROJEÇÕES DA CONSCIÊNCIA

Onde comprar:

www.shopcons.com

Site da Editora:

www.editares.org



ÁREA DA PESQUISA:

ESTE LIVRO PESQUISA TEMAS DA
RECEXOLOGIA

ESPECIALIDADE DA *CONSCIENCIOLOGIA*.

PRINCÍPIO DA DESCRENÇA:

“NÃO ACREDITE EM NADA, NEM MESMO
NAS INFORMAÇÕES EXPOSTAS NOS LIVROS
PUBLICADOS PELA EDITARES.

EXPERIMENTE.

TENHA SUAS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS”.

